

## **Organização**

**Alexandre Medeiros, Enio Starosky & Jean Lauand**

**com textos de grandes autores internacionais do Cemoroc**

Alfonso López Quintás  
Josef Pieper  
Julián Marías  
Paulo Ferreira da Cunha

**E estudos de:**

Alexandre Medeiros  
Chie Hirose  
Enio Starosky  
Jean Lauand  
João Sérgio Lauand  
Miwa Hirose  
Roberto C. G. Castro

# **Cemoroc: *Signatures* – vol. 1**

– homenagem a quatro filósofos de nossa história

**Cemoroc – Colégio Luterano São Paulo**

– Centro de Estudos Júlio Verne

(em preparação do 90º aniversário do COLUSP e  
celebrando os 50 anos do CEJV)

2022

Copyright © 2022 dos autores  
Todos os direitos reservados.

1a. edição 2022

### **Conselho Editorial dos livros do Cemoroc**

#### **Diretores:**

Jean Lauand (Feusp)  
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)  
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

#### **Membros:**

Aida Hanania (FFLCH-USP)  
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)  
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue University  
Indianapolis)  
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)  
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)  
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)  
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)  
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)  
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)  
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)  
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)  
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)  
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)  
Terezinha Oliveira (Uem)  
Vitor Chaves de Souza (Umesp)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

---

Medeiros, Alexandre; Starosky, Enio; Lauand, Jean (Org.)  
Cemoroc: *Signatures*; São Paulo: Cemoroc, 2022

ISBN 978-65-00-35879-7

1. Educação 2. Filosofia 3. Filosofia da educação I. Título

---

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC  
<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/>

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	<b>05</b>
<b>Os inéditos que Julián Mariás confiou ao Cemoroc</b>	
<i>Jean Lauand</i> .....	<b>07</b>
<b>Agostinho</b>	
<i>Julián Mariás</i> .....	<b>13</b>
<b>Filosofia, educação, justiça e direitos humanos: Josef Pieper nas revistas do Cemoroc (2017-2021)</b>	
<i>Roberto C. G. Castro</i> .....	<b>21</b>
Filosofar, música e educação – uma introdução ao “ <i>Sobre a Música</i> ” de Josef Pieper	
<i>Jean Lauand; Miwa Hirose</i> .....	<b>31</b>
<i>Sobre a Música</i> <i>Josef Pieper</i> .....	<b>37</b>
<b>Alfonso López Quintás nas revistas do Cemoroc (e estudos sobre ALQ)</b>	
<i>Jean Lauand</i> .....	<b>43</b>
<b>A formação adequada à configuração de um novo humanismo</b>	
<i>Alfonso López Quintás</i> .....	<b>49</b>
<b>Uma homenagem do Cemoroc a Paulo Ferreira da Cunha</b>	
<i>Jean Lauand</i> .....	<b>55</b>
<b>Pensar, ensinar, fazer justiça – entre Portugal e o Brasil</b>	
<i>Paulo Ferreira da Cunha</i> .....	<b>65</b>
<b>Um notável ENFP: Paulo Ferreira da Cunha</b>	
<i>João Sérgio Lauand</i> .....	<b>75</b>
<b>Paulo Ferreira da Cunha, em defesa do professor-professor</b>	
<i>Chie Hirose</i> .....	<b>83</b>
<b>Paulo Ferreira da Cunha: um manifesto pelo sonho</b>	
<i>Alexandre Medeiros</i> .....	<b>91</b>
<b>Paulo Ferreira da Cunha no Colégio Luterano São Paulo</b>	
<i>Enio Starosky</i> .....	<b>95</b>



## Apresentação

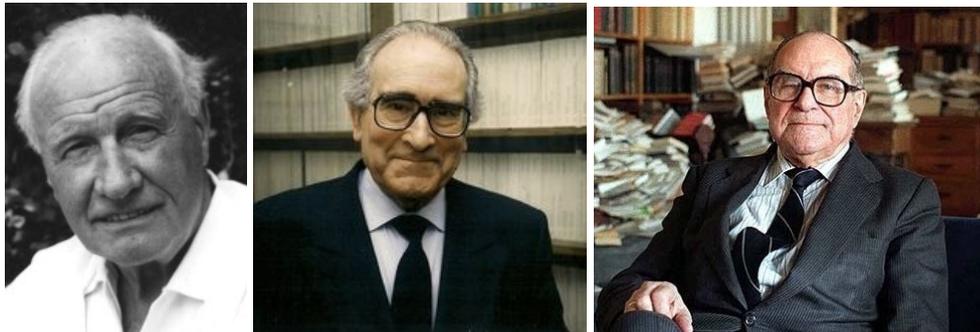
Como parte das celebrações dos 25 anos das revistas do Cemoroc e seus 300 volumes publicados, que se cumprem em 2022, publicamos “Cemoroc: *Signatures*”, que destaca as contribuições de quatro filósofos do maior renome internacional, que generosamente, desde a primeira hora, honraram (e têm honrado) nossas revistas com seus artigos, muitos deles com exclusividade para nosso Centro.

São eles: os já falecidos Josef Pieper (1904-1997) e Julián Marías (1914-2005) e os grandes catedráticos, em plena atividade: Alfonso López Quintás (Emérito da Universidade de Madri) e Paulo Ferreira da Cunha, hoje afastado da Universidade do Porto para o exercício da magistratura no Supremo Tribunal de Justiça de Portugal.

A gratidão pelo imenso bem que esses pensadores prestaram à nossa Editora levou-nos a publicar este livro em homenagem a eles (claro que se trata de uma daquelas homenagens nas quais o principal homenageado é quem a presta e não quem a recebe...).

Para cada um dos filósofos desse fantástico quarteto, apresentaremos artigos (recolhidos de nosso acervo) resumindo sua participação nas revistas de nosso Centro e oferecendo links para que o leitor possa, por si mesmo, acessar diretamente seus preciosos estudos.

Uma característica que lhes é comum é a da simplicidade (no melhor sentido do termo, o da clássica *simplicitas*): seus pensamentos são muito profundos, mas a linguagem é límpida e acessível, sem a afetação de terminologias herméticas... Não por acaso, por exemplo, Pieper e Marías, mesmo alguns anos depois de mortos, continuaram sendo os filósofos mais lidos, pelo grande público, em seus países (Alemanha e Espanha, respectivamente).



Josef Pieper, Alfonso López Quintás e Julián Marías: nossos colaboradores de primeira hora.

Selecionamos também uma conferência de Marías, uma de Pieper e uma de López Quintás. E um artigo “memorial” de Ferreira da Cunha, para que o leitor possa, já neste livro, saborear uma amostra da estatura de nossos filósofos.

Começamos por apresentar a inestimável coleção de conferências – “Estilos de Filosofia” e outras – que Julián Marías confiou com exclusividade ao Cemoroc e oferecemos ao leitor sua preleção dedicada a “Santo Agostinho”.

A apresentação de Pieper é feita por Roberto Carlos Gomes de Castro, que fez Pós-Doutorado na Feusp (que incluiu um estágio na Alemanha com o Dr. Berthold

Wald, o editor das Obras Completas de Pieper), precisamente sobre o catedrático de Münster. A musicista Miwa Hirose (Pesquisadora Visitante do Cemoroc) e eu escrevemos um estudo introdutório à conferência de Pieper, “Sobre a Música”, contextualizando-a no quadro geral do pensamento do filósofo.

Após revisitar as contribuições de Alfonso López Quintás para nossas revistas, recolhemos uma – já clássica – conferência (parte I) que ele proferiu precisamente para nossos alunos na Faculdade de Educação da USP: “A formação adequada à configuração de um novo humanismo”.



Colégio Luterano São Paulo, 26-11-2018. Cerimônia de lançamento de nossas pioneiras revistas *Coepta*, que acolhem artigos de jovens estudantes do Ensino Médio. Presidem a mesa os fundadores e *editors-in-chief*: Paulo Ferreira da Cunha; Jean Lauand e Sílvia Colello.

As contribuições de Paulo Ferreira da Cunha para o Cemoroc são numerosíssimas e variadas. Recolho um balanço que fiz delas em 2020. Por ocasião de sua posse na Suprema Corte de Portugal, publicamos dois alentados livros em sua homenagem, com dezenas de estudos de intelectuais de todo o mundo sobre sua obra ([www2.fe.usp.br/%7Ecmemoroc/KapenkePFC.pdf](http://www2.fe.usp.br/%7Ecmemoroc/KapenkePFC.pdf) e [www2.fe.usp.br/%7Ecmemoroc/LivroPFC2.pdf](http://www2.fe.usp.br/%7Ecmemoroc/LivroPFC2.pdf)) e três volumes de nossas revistas (<http://www.hottopos.com/isle37/index.htm> e <http://www.hottopos.com/isle39/index.htm>). Neste livro, recolhemos um seu artigo autobiográfico e apreciações de sua obra, feitas por membros da Diretoria do Cemoroc, que tanto têm convivido com ele em diversos de nossos Seminários Internacionais e eventos: João Sérgio Lauand, Chie Hirose, Alexandre Medeiros e Enio Starosky.

A celebração dos 25 anos das publicações do Cemoroc dá-se em uma feliz coincidência com aniversários marcantes de duas instituições de ensino, com estreitos laços com nosso Centro: o Colégio Luterano São Paulo (que celebra seus 90 anos em 2023) e o Centro de Estudos Júlio Verne, que acaba de completar seus 50 anos (2021). Ocorre que os diretores desses destacados colégios são membros da Diretoria do Cemoroc e organizadores deste livro: Enio Starosky (do Luterano) e Alexandre Medeiros (do Júlio Verne). Assim, por feliz coincidência, a homenagem a nossos grandes filósofos torna-se também celebração para essas instituições.

Jean Lauand  
(p./ orgs.)

## Os inéditos que Julián Marías confiou ao Cemoroc

Jean Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** Por ocasião da celebração do 25º aniversário (em 2022) e do No. 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em [www.hottopos.com](http://www.hottopos.com), a Editora pediu a seus editores, um artigo de retrospectiva de publicações importantes de sua história. Neste artigo recordamos as conferências que Julián Marías confiou às revistas do Centro.

**Palavras Chave:** Cemoroc; revistas; Julián Marías. conferências.

**Abstract:** To celebrate this 25<sup>th</sup> anniversary of Cemoroc's journals (2022), the publisher has asked editors to write an article summarizing some of our most important publications. In this article, we present the links to some lectures by Julián Marías that the Spanish philosopher offered to our Center.

**Keywords:** Cemoroc. journals. Julián Marías. lectures.

### Introdução – Julián Marías nos primórdios de nossa editora

No artigo principal – revisitando em geral os 25 anos de nossas edições – que escrevi para este volume, recordo que nossa história (e até nossa pré-história...) foi marcada, desde o início, pela generosa colaboração de três grandes filósofos que nos concederam a possibilidade de publicar textos seus em nossas revistas: Josef Pieper, Julián Marías (abreviarei por JM) e Alfonso López Quintás.

Pieper e Marías eram, na época (e talvez até ainda hoje) os filósofos mais lidos pelo grande público em seus países. Pieper, antes de morrer, enviou-me uma carta, autorizando-nos a publicar seus artigos. JM teria também um grande gesto para com nossa Editora.

Na primeira viagem à Europa, viagem fundacional de nossas revistas, em 1998, escrevi uma carta para Julián Marías, dizendo-lhe que era orientador de Sylvio Horta, que tinha feito um mestrado e estava fazendo um doutorado sobre sua obra na USP e que eu estaria em Madri e gostaria de entrevistá-lo para uma revista da nossa USP. Ele assentiu e logo que cheguei a Madri, telefonei e ele marcou para o dia seguinte na “*primera hora de la tarde*”. Por sorte, ocorreu-me perguntar que hora era essa e ele respondeu: “*Hombre! A las 4 o, si prefiere, a las 5...*”. Naquele ano e no seguinte, concedeu-me duas entrevistas preciosas, em seu apartamento na rua Valle Hermoso (o porteiro de seu prédio tinha lido muitas obras de JM. Coisas de Espanha!).

A partir desse primeiro encontro, Don Julián, que não me conhecia de nada, mostrou-se muito generoso – a grandiosidade de um cavalheiro espanhol – para com um jovem que acabara de encontrar. Anos depois, li lisonjeado em suas “Memorias I” (Madrid: Alianza, 1989), uma possível explicação para essa confiança. Falando de seu primeiro encontro com Pedro Laín, politicamente no extremo oposto, JM diz:

---

<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. Fundador e presidente do Centro de Estudos Medievais – Oriente & Ocidente (Cemoroc) do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação (EDF) da FEUSP e editor de suas revistas. [jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br)

Nunca me he fiado más que de las caras de las personas; y cuando alguna vez no he hecho caso de lo que veía, he tenido que lamentarlo.

E em um artigo no *ABC* (14-06-2001), sobre o mesmo tema (“El español Pedro Laín”. [www.filosofia.org/hem/200/20010614.htm](http://www.filosofia.org/hem/200/20010614.htm))

Siempre he pensado que, despojada de su exclusivismo, tiene valor la creencia de que «la primera impresión es la que vale»; me limito a creer que la primera impresión vale.

Após gravarmos a entrevista, Don Julián convidou-me para assistir a suas conferências sobre filosofia (ele estava dando dois cursos de conferências). Anotei endereço, datas e fui ao curso “A Espanha possível do século XXI”. Ao chegar ao local (a conferência “*La moralidad colectiva*” era na *calle* San Bernardo, rua central em Madri), havia uma multidão, mais de 300 pessoas que se apinhavam para assistir a um filósofo, que contava, então, com 84 anos. Mariás era um conferencista incomparável que, quase literalmente, tirava o ar da plateia. Sem nenhuma anotação, sua voz cálida, dava a impressão de estar conversando com cada um, semi-formalmente. Ao final, perguntei sobre a trabalhadeira da preparação e ele respondeu-me que não, que era tudo improviso. E com o oxímoro: “*una improvisación inmensamente preparada!*”.



No apartamento de Julián Mariás em Madri



Sylvio Horta

D. Julián quis honrar-me, recebendo-me antes de começar na antessala da conferência e, ao final, vieram a meu encontro duas simpáticas senhoras, professoras, dirigentes da *Asociación de Amigos de Julián Mariás*, Cármen e Teresa Barril Roche (eram irmãs) e me perguntaram se eu tinha gostado, de onde eu vinha etc. e me falaram da *Asociación*. Combinamos um encontro para conversar com mais calma, no dia seguinte, em frente ao Museu do Prado. Cheguei pontual e quando expliquei que, além de professor, era editor, elas prontamente me ofereceram, da parte de JM, muitas fitas das conferências do filósofo para publicação.

Em 17-6-2000, data em que JM comemorou seu 86o. aniversário, minhas amigas da AAJM confiaram também à nossa editora a publicação de algumas conferências do curso ministrado em 1999-2000 (uma para cada filósofo: de Heráclito

a Heidegger, passando por Aristóteles, Agostinho, Descartes, Locke, Husserl, Ortega etc.) sobre *História da Filosofia (em seus estilos)*. Quando se tem em conta que a *Historia de la Filosofia* de Marías (de 1940) é até hoje um dos livros mais vendidos no mundo, pode-se avaliar a importância desse gesto de amizade e confiança.

Graças a essas generosas ofertas, publicamos, com exclusividade, muitas conferências de JM.

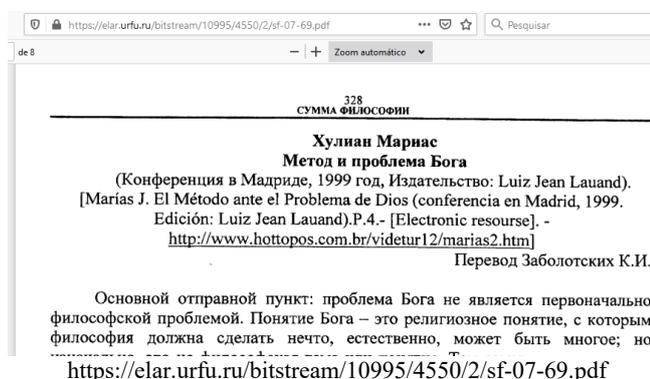
### A repercussão das publicações de Julián Marías pelo Cemoroc

Nosso webmaster, Sylvio Horta, professor do Curso de Língua e Literatura Chinesa na FFLCHUSP, apreciou especialmente este trabalho, pois é um dos maiores conhecedores da obra de Marías (e da de Ortega) no Brasil.

Sylvio criou em nosso *site* (em espanhol e português, principalmente), uma seção *Signatures*, recolhendo de nossas revistas, matérias exclusivas de (entre outros) Julián Marías e Alfonso López Quintás e, com exclusividade na Internet, de Josef Pieper ([www.hottopos.com/4.htm](http://www.hottopos.com/4.htm)). Na época, no Cemoroc brincávamos entre nós, dizendo que eram “Os três tenores” da Editora (alusão a Pavarotti, Carreras e Domingo, de muito sucesso na época).

Desde então, essas conferências (e entrevistas) de JM tiveram uma enorme repercussão na Internet, ganhando inúmeros prêmios: várias delas alcançaram os *Top Ten* que o Google manteve por muitos anos; como 4 vezes receberam a distinção “Dirección de la Semana” do Suplemento “Alfa y Ómega” (Nos. 211, 231, 250 e 253) do ABC de Madri etc.

Como curiosidade, por exemplo, foram traduzidas ao russo (Universidade dos Urais), ao árabe (na Tunísia) e ao chinês:



الأوان

الأوان من أجل ثقافة علمية فعالة

الرئيسية مقالات أبحاث حوارات إصدارات وقراءات تعريفات ملفات

حوار مع الفيلسوف الإسباني خوليان مارياس Julián Marías – ترجمة: أحمد يماني

أحمد يماني • ديسمبر 2013 • 219

خوفين مارياس

حاوره: جون لواند Jean Lauand  
بمشاركة: ماريو سيروبييرو والبان لوتشي

<https://www.alawan.org>

← → ↻ 🏠 [www.hottopos.com/convenit3/mandarin.htm](http://www.hottopos.com/convenit3/mandarin.htm)

**從現代的觀點看哲學**

L. Jean Lauand 教授於1998年4月8日  
在馬德里城訪問西班牙思想家 Julián Marías

(trad. Ho Yeh Chia) 何暉佳 譯  
(Revision: Tang Ya Lin) 唐雅陵 校正

LJ(問): 請問您最近所研究的題目有那些?  
JM(答): 我仍繼續朝我這些年來所研究的方向前進, 在最近幾年, 我所寫的

Para além das curiosidades, algumas dessas “nossas” conferências de JM estão oficialmente indicadas nos Programas de Estudo das Bases Curriculares do Ministério da Educação do Chile e uma das entrevistas que fiz a JM está reproduzida no site do Ministério da Educação da Espanha.

### **Exclusivos de Julián Marías para o Cemoroc (no original espanhol)**

#### **Conferências de “Los estilos de la Filosofía”**

Parménides - <http://www.hottopos.com/convenit6/mariamodo.htm#parmenides>

Heráclito - <http://www.hottopos.com/rih4/mariash.htm>

Aristóteles - <http://www.hottopos.com/mirand11/jmariast.htm>

San Agustín - <http://www.hottopos.com/mirand12/jms1lagus.htm>

Leibniz - <http://www.hottopos.com/mp2/leibniz.htm>

Kant - <http://www.hottopos.com/mirand12/jms2kant.htm>

Nietzsche - <http://www.hottopos.com/mp2/mriasz.htm>

Husserl - <http://www.hottopos.com/mp2/husserl.htm>

Heidegger - <http://www.hottopos.com/mirand12/jms3heid.htm>

Ortega - <http://www.hottopos.com/mirand12/jms4ort.htm>

## **Entrevista**

Perspectivas de la Filosofía, hoy - [www.hottopos.com/notand1/entrev\\_marias.htm](http://www.hottopos.com/notand1/entrev_marias.htm)

## **Conferências de outros cursos**

La mujer - <http://www.hottopos.com/mirand12/jms6mujer.htm>

Enamoramiento - <http://www.hottopos.com/mirand12/jms5enam.htm>

La persona - <http://www.hottopos.com/mp2/mariaspers.htm>

Las dos formas de Convivencia - [www.hottopos.com/notand7/marias2formas.htm](http://www.hottopos.com/notand7/marias2formas.htm)

Filosofía y autenticidad - <http://www.hottopos.com/convenit3/marias.htm>

La moralidad colectiva - [www.hottopos.com/notand2/la\\_moralidad\\_colectiva.htm](http://www.hottopos.com/notand2/la_moralidad_colectiva.htm)

El método ante el problema de Dios - <http://www.hottopos.com/rih28/89-94JM1.pdf>

Inseguridad y certidumbre - <http://www.hottopos.com/convenit/jm1.htm>

Las edades de la vida - <http://www.hottopos.com/convenit/jm2.htm>

La Filosofía y el Restablecimiento de las Creencias -  
<http://www.hottopos.com/convenit/jm3.htm>

## **Exclusivos de Julián Marías para o Cemoroc (traduzidos ao português)**

### **Conferências de “Los estilos de la Filosofía”**

Parménides - <http://www.hottopos.com/harvard3/jmparm.htm#parm>

Heráclito - <http://www.hottopos.com/harvard3/jmheracl.htm>

Aristóteles - <http://www.hottopos.com/harvard3/jmarist.htm>

Agostinho - <http://www.hottopos.com/harvard3/jmagost.htm>

Kant - <http://www.hottopos.com/harvard4/jmskant.htm>

Nietzsche - [http://www.hottopos.com/mp2/nietzsche\\_pt.htm](http://www.hottopos.com/mp2/nietzsche_pt.htm)

Heidegger - <http://www.hottopos.com/harvard4/jmshdg.htm>

Ortega - <http://www.hottopos.com/harvard4/jmsortega.htm>

## **Entrevistas**

Perspectivas da Filosofia, hoje –  
[http://www.hottopos.com/notand1/entrev\\_marias\\_trad.htm](http://www.hottopos.com/notand1/entrev_marias_trad.htm)

Entrevista - <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>

## **Conferências de outros cursos**

A inovação radical da filosofia - <http://www.hottopos.com/mirand15/perisse.htm>

A moralidade coletiva - [http://www.hottopos.com/videtur5/a\\_moralidade\\_coletiva.htm](http://www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm)

A mulher - <http://www.hottopos.com/mp2/mariasmulher.htm>

Liberdade e responsabilidade  
[http://www.hottopos.com/harvard2/liberdade\\_e\\_responsabilidade.htm](http://www.hottopos.com/harvard2/liberdade_e_responsabilidade.htm)

## **Agostinho**

(Edição - em que procuramos manter o estilo oral - de conferência de Julián Marías, que, como se sabe, não se vale de texto escrito.  
Conferência do curso “Los estilos de la Filosofía”, Madrid, 1999/2000.  
Tradução: Ho Yeh Chia)

## **Julián Marías**

Santo Agostinho nasceu em 354 e morreu em 431; são três séculos que o separam daquele outro filósofo de quem já falamos outro dia, Sêneca. Porém não se trata só de distância temporal, mas também de um novo estilo completamente diferente. Em Santo Agostinho, encontraremos uma etapa nova da filosofia. Falamos até agora do pensamento grego, e acrescentamos alguma coisa que está em latim, mas dentro da área do pensamento helênico: Sêneca. E com isso termina uma grande etapa, a primeira etapa do pensamento filosófico, centrada no problema da mudança, do movimento, *kinesis* em grego, mutação, que faz com que as coisas sejam ou não sejam, cheguem a ser e deixem de ser, mudem de quantidade, de qualidade... Enfim, o problema da instabilidade do real. Como lembram, este era o grande problema, que se trata de superar mediante a noção de ser, de ente, *ón*, de Parmênides, em conflito com a outra grande ideia grega: a natureza, a *physis*, que é justamente mudança, variação. As coisas estão ameaçadas pela mudança, pela variação, e trata-se de buscar aquilo que verdadeiramente é, que é o que é, se possível, de modo permanente. Este é o grande problema central do pensamento antigo.

Mas agora vamos nos encontrar com uma situação radicalmente diferente. Santo Agostinho foi o primeiro grande filósofo cristão. É evidente que tinha havido preocupação filosófica entre os cristãos nos primeiros séculos, que é o que se chama Patrística, a obra dos Padres da Igreja, que era, antes de tudo, teológica, religiosa, mas sem dúvida com uma componente, com uma vertente filosófica. Mas o primeiro grande filósofo, o primeiro criador filosófico dentro do cristianismo, foi Santo Agostinho.

E assim sendo, a filosofia mudou totalmente, porque o problema agora já é outro, o cristianismo introduz algo muito mais radical do que a mudança, a variação, a *kinesis* helênica. O cristão pensa que o mundo foi criado, a ideia de criação é alheia ao pensamento grego. Os gregos, olharão a natureza, a *physis*, e vão procurar explicá-la, farão cosmogonias, para explicar a origem do mundo, mas a ideia de criação é alheia

ao pensamento grego. Existe inclusive um caso particularmente elucidador que é o de Plotino, o grande pensador neoplatônico, que com certeza recebeu influências cristãs. Essa influência levou-o a pensar algo que tem certa analogia com a ideia de criação: é o que ele chamará de *emanação*. Chamará o princípio capital de Uno, mais ou menos o equivalente à divindade, produzindo todo o restante por *emanação*. Há muitas metáforas, há uma série de imagens, por exemplo, a de uma luz que vai iluminando, que vai se difundindo até que acaba na névoa. Há diferentes formas de entender isso, mas o fundamental é que a *emanação* é a produção de tudo o que não é o Uno a partir do Uno, que emana dele.

Este é o conceito de *emanação*, que não é criação. Já o cristianismo afirma a criação: no princípio Deus criou o céu e a terra, e criou-os do nada: não de si próprio, não é a *emanação*, não é a fabricação do mundo com uma matéria prima já existente; e sim que Deus põe em existência uma realidade nova, diferente d'Ele, por amor efusivo, esse é, digamos, o motivo da ação criadora de Deus, e evidentemente está ameaçado pelo nada, isto é, o problema está em que poderia não haver nada. Não é a mudança de uma coisa para outra, não é o problema da *kinesis* grega, mas algo bem mais radical: o real está ameaçado pelo nada, poderia não haver nada. E Deus pôs o mundo em existência.

Isso com certeza é um grau de radicalidade maior que o que se dá no pensamento grego, ou seja, o pensamento grego parte do pressuposto de que as coisas já estão aí. Uma pergunta crucial: por que há algo, e não somente o nada? É a formulação que Leibniz fará, e mais tarde Unamuno, e em terceiro lugar, Heidegger. Em geral, Unamuno é esquecido, mas ele diz isto e muito energicamente.

Primeiramente isso corresponde à atitude que se iniciou com o cristianismo, no qual o problema radical é justamente a realidade da criatura e do Criador. Não se esqueçam de que é problemático empregarmos – e durante toda a História se emprega – a palavra “ser” aplicada a Deus e à realidade criada – às coisas, aos homens, aos astros, a tudo o que encontramos. Porque ser criador é radicalmente diferente de ser criatura. Pode-se aplicar a palavra “ser” também a Deus, os senhores lembrem como dizia Aristóteles “o ser se diz de muitas maneiras” (depois concretiza em quatro maneiras), e há ainda o problema da analogia do ente: o ente se diz de muitas maneiras, mas todas têm uma referência comum, ele vai encontrar precisamente o fundamento da analogia na ideia de substância, da *ousia*. Ora, falamos do ser criatura, e do ser criador, do ser de Deus, a analogia – se é que há a analogia – é enorme, é de um grau de intensidade muito maior que a analogia que existe entre as diferentes formas do ser, digamos, criado (que para Aristóteles não é criado).

Como podem ver, estabelecem-se aqui problemas sumamente graves, problemas muito delicados. Pois bem, Agostinho foi o primeiro filósofo que assume o embasamento geral do cristianismo, que faz uma filosofia cristã (quando se fala de filosofia cristã, não quer dizer que a filosofia cristã esteja determinada, não há nenhuma filosofia que seja cristã nesse sentido, o que ocorre é que pode haver várias filosofias que sejam cristãs, pelo menos podendo ser conciliáveis com o cristianismo. Eu, quando se discutia sobre filosofia cristã, dizia sempre: filosofia cristã é a filosofia dos cristãos enquanto tais).

O cristão tem uma visão da realidade condicionada por sua condição de cristão, e assim, vê coisas que os outros não vêem, interessa-se por questões e problemas que os outros não se interessam. E naturalmente dessa situação, dessa instalação do cristianismo pode nascer precisamente uma filosofia, ou uma outra, ou uma terceira ainda. Há muitas filosofias feitas por cristãos como tais, que nascem da situação em que se encontram, da maneira de ver o real que o cristão tem. E são filosofias cristãs, e podem ser várias, e bem diferentes uma da outra, por que não?

O primeiro grande filósofo, o primeiro filósofo criativo que assume esses pressupostos, que partiu do cristianismo, foi Santo Agostinho. Mas as coisas não são assim tão simples, porque Santo Agostinho não começou sendo cristão. Nasceu no Norte da África, perto de Cartago. Seu pai era pagão, sua mãe era cristã, e depois foi canonizada: Santa Mônica. Santo Agostinho foi pagão durante muitos anos; teve um momento inclusive em que se aproximou das Escrituras, mas encontrou algo pouco interessante e superficial, e não se interessou, não se tornou cristão. O que tinha era uma adesão muito entusiasmada à doutrina de Manes, ao maniqueísmo. Manes foi uma figura primariamente religiosa, muito complexa, muito complicada. Viajou por diferentes lugares, teve uma vida muito agitada, recolheu elementos de muitas doutrinas, dentre elas o cristianismo. De certo modo poderia ter sido uma das muitas heresias do cristianismo que floresceram na época, mas teve sobretudo uma influência da religião de Zoroastro, da religião que se estabeleceu principalmente na Pérsia, e que era um dualismo, um dualismo energeticamente afirmado entre o bem e o mal, a luz e as trevas, Deus e o diabo. Esta dualidade, para Manes, é insuperável. Isso dá, digamos, uma estrutura profundamente dramática à questão do real, o que emocionou Agostinho, Aurélio Agostinho, como se chamava.

E viveu uma fase bastante longa com essa convicção, digamos, muito dramática do real, com esta impressão conflitante da luta do bem e do mal; isto deixou uma marca que se fará notar em sua teologia, mais que em sua filosofia. Na teologia, a perspectiva desse caráter dramático não é alheia ao cristianismo; para o cristão, a vida humana tem um desenlace, isto é, a possibilidade de salvação ou de condenação é uma verdade. O fato de que agora estejam tentando esquecer e liquidar isso é um erro absurdo. Mas, em última análise, o cristianismo naturalmente afirma a infinita superioridade de Deus; por conseguinte, em última instância, o bem é a realidade suprema, e será sempre triunfante. De modo que há evidentemente um caráter dramático, de maneira tal que o desenlace está aberto às duas possibilidades: de salvação ou de condenação. Como podem ver, a atração exercida por Manes é justificável, é compreensível.

Agostinho continuava – estava na Itália: em Roma, e depois em Milão – sem ainda ser cristão, mas seguia as orações e as homilias do bispo Santo Ambrósio, uma figura muito importante da Igreja naquela época. E Agostinho teve um momento de crise, foi quando ouviu uma voz, uma voz de criança que lhe disse: *Tolle, lege*, toma e lê. Então voltou às Escrituras, abriu o Novo Testamento, encontrou uma passagem, leu e isto lhe causou uma impressão muito profunda, e teve uma forte crise, e daí se aproximou do cristianismo. Mas ainda demorou algum tempo para ser plenamente cristão, quis se batizar, e mais tarde acabará sendo o bispo de Hipona e uma grande figura da Igreja. Viveu em um desses territórios romanizados, cristianizados, que depois foram cobertos pela grande onda islâmica e deixaram de ser cristãos e passaram a ser países de língua e de cultura árabe, de religião islâmica. Mas nesse momento era a grande figura da Igreja do Norte da África, mais precisamente de Hipona.

Portanto, como os senhores podem ver, houve uma evolução, era um homem que tinha sido pagão, que viu o mundo com olhos pagãos, que viveu no império romano tardio, num momento de profunda crise: a pressão dos bárbaros já ameaçava a destruição de Roma. Viu o mundo com olhos pagãos, foi o último grande homem antigo. Mas ao mesmo tempo foi o primeiro grande pensador, o primeiro grande filósofo cristão, que anunciará uma nova era, uma nova época. O contexto histórico de Santo Agostinho é único, absolutamente extraordinária, e, junto com sua personalidade forte e apaixonada, reflete-se em seu pensamento. Era além do mais um escritor esplêndido, a obra de Santo Agostinho, muito copiosa, é extremamente importante.

Mas naturalmente o que nos interessa aqui é ver como ele viveu essa situação. Ele sente aquela atitude típica de convertido. Há um texto de Santo Agostinho muito expressivo: *Sero te amavi, pulchritudo tam antiqua et tam nova* – “tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova”. Ele tinha consciência de ter amado tarde a Deus, descobriu-o tarde, converteu-se sendo já um homem adulto. Ou seja, é uma atitude de um homem que está, repito, saindo de uma forma de vida, de uma época histórica, e entrando em outra. Essa atitude visceral de súplica é, em Santo Agostinho, fundamental. É ela que o faz descobrir, e é afinal a grande descoberta de Santo Agostinho: a intimidade (o homem grego mal conhecia a intimidade; é claro que houve o oráculo de Delfos, que disse *gnothi s’auton* “conhece-te a ti mesmo”, isso estará em Sócrates, e aparecerá também em Platão e em Aristóteles; sim, mas não era ainda... inclusive, os gregos raramente diziam *eu*; diziam *nós*).

A grande descoberta, a maior, de Santo Agostinho é a **intimidade**. E quando ele se questiona, diz: *Deum et animam scire cupio* – quero conhecer a Deus e à alma. *Nihil aliud*, nada mais, absolutamente nada mais. É uma sentença que um grego jamais poderia empregar. A alma é, em última análise, a grande descoberta de Agostinho, a alma entendida como intimidade. E fala justamente do espiritual. Espiritual não quer dizer não-material; há uma tendência muito frequente de entender o espiritual como aquilo que não é material; e não é disso que se trata, mas de algo muito importante: espiritual é aquela realidade que é capaz de entrar em si mesma, o poder entrar em si mesmo é o que dá a condição de espiritual, não a não-materialidade. A insistência no imaterial ocultou o que é essencial, que é precisamente a capacidade de entrar em si mesmo.

Por isso Santo Agostinho dirá: não vá fora, entra em ti mesmo: no homem interior habita a verdade: *Noli foras ire, in teipsum redi: in interiore homine habitat veritas*. Essas palavras são de uma enorme relevância, são até de um extraordinário valor literário. É disso que se trata: do homem interior. A descoberta é a interioridade, a intimidade do homem. E é justamente Santo Agostinho quem vai perceber que quando o homem fica apenas nas coisas exteriores, esvazia-se de si mesmo. Quando entra em si mesmo, quando se recolhe a sua intimidade, quando penetra precisamente naquilo que é o homem interior, o mundo interior – naturalmente existe um mundo exterior também, mas o decisivo é o mundo interior –, é justamente aí que Deus se encontra. É aí que se pode encontrá-Lo, e não nas coisas, não imediatamente nas coisas. Primariamente, por experiência, em algo que é justamente sua imagem. Para Santo Agostinho é preciso levar a sério que o homem é *imago Dei*, imagem de Deus. É evidente que para encontrar a Deus, o primeiro passo, e o mais adequado, será buscar sua imagem, que é o homem como intimidade, o homem interior.

Isso é o principal. E toda sua obra terá esse caráter. Um dos livros capitais é *As confissões*, que num certo sentido é o mais importante. Então, o que são essas *Confissões*? É um livro que não existe no mundo antigo, não há nada equivalente. Se os senhores quiserem algo que poderia ter uma remota semelhança, seriam as *Meditações* ou *Reflexões*, de Marco Aurélio. Mas não é um livro de intimidade, é um livro de recordações, um livro de gratidão, ele diz o que deve aos antepassados, aos professores... Essa entrada na intimidade, no mais profundo de si mesmo, em confissão – a palavra é confissão – é uma autobiografia. Esse é precisamente o pensamento de Santo Agostinho: consiste primariamente em mostrar, em descobrir sua própria intimidade. Ele exterioriza em seu livro, em uma manifestação oral, o homem interior, sua própria intimidade. Essa é a grande descoberta, que começa com ele, e naturalmente depois será uma aquisição da humanidade.

É interessante ver como a humanidade vai adquirindo coisas. Já vimos que adquirimos tantas coisas com os gregos. Com o Santo Agostinho a humanidade adquire o sentido da intimidade, o sentido do que é o homem interior, a possibilidade de entrar em si mesmo e aí buscar precisamente a Deus. Por isso ele tem fórmulas brilhantes, fórmulas de pensamento religioso e ao mesmo tempo filosófico. Como quando diz: *credo ut intelligam*, creio para entender. A fé, justamente para entender. Os senhores sabem que o cristianismo é uma religião teológica – outras religiões não são teológicas – o cristianismo é um conhecer a Deus: quem é, como é... Portanto, requer a compreensão. Um seguidor de Santo Agostinho, Santo Anselmo, fala da *operosa fides* e da *otiosa fides*: a fé que não procura entender é uma fé ociosa. A verdadeira fé é uma fé operante, viva, procura compreender. *Credo ut intelligam*, creio para entender; *fides quaerens intellectum*, a fé que procura a inteligência. Portanto, em Agostinho, a grande descoberta foi esta, de ver o mundo e ver a realidade na perspectiva da intimidade. Do ponto de vista portanto de quem eu sou: *nec ego ipse capio totum, quod sum*, nem eu mesmo compreendo tudo aquilo que sou. É uma realidade que não acaba de se manifestar, que é algo no qual sempre se pode aprofundar, que é preciso ir mais além, e por isso a forma de se descobrir é precisamente contá-lo, fazer uma autobiografia, uma confissão, pois é nela que aparecerão precisamente as visões da realidade, da realidade que se basicamente é dele, de Agostinho, é também, do homem em geral, e por meio dele dá acesso a Deus. A Deus dedicará outro livro fundamental, que num certo sentido é mais o importante: o *De Trinitate*, sobre a Trindade. E há um terceiro grande livro, o extraordinário *De civitate Dei*, que é o livro no qual levanta o problema da cidade de Deus e da cidade terrena: no momento da crise do Império Romano, ameaçado pelos bárbaros – por Alarico – que está em plena crise, e que é uma realidade deficiente do ponto de vista cristão, mas grandiosa, extraordinária...

O pensamento de Santo Agostinho tem uma visão de realidade inteiramente nova. Por isso falo de outro estilo de fazer filosofia, e de um profundo dramatismo. O pensamento de Santo Agostinho é profundamente comovente, porque, além do mais, possui um valor literário extraordinário: Agostinho foi um dos maiores escritores da língua latina.

Curiosamente, esse entrar em si mesmo, essa relação com a intimidade, o levará à superação do ceticismo. Lembrem que a Academia platônica perdeu seu vigor criador, metafísico, depois de Platão, mas continuava existindo e era uma escola de céticos: os acadêmicos. Ele escreveu um tratado contra os acadêmicos, contra os platonizantes, que não era o mesmo que platonismo. Pois bem, é curioso como ele se opõe justamente a esse ceticismo dominante na Academia, e é extremamente interessante que ele faça um apelo à evidência, e portanto, ao pensamento: eu penso; eu posso errar; posso me enganar; mas não posso duvidar de que existo, porque se me engano então existo, porque só existindo é que posso me enganar. Isto é, eu não posso duvidar precisamente porque é evidente minha realidade pensante.

Considerem que isso é exatamente – em termos muito parecidos, embora com outros pressupostos, com um alcance diferente – o que será o núcleo do pensamento de Descartes. *Cogito, ergo sum*, penso, logo existo. Sou uma *res cogitans*, sou uma coisa que pensa. E é curioso que foi precisamente com Descartes é que iniciará outra grande época do pensamento. Se dividirmos o pensamento filosófico em grandes épocas, teremos a grega, com sua prolongação romana (que não é original, depende do pensamento grego). Depois vem o pensamento cristão, que começa em forma plena com Santo Agostinho, e que irá durar até que aparece o pensamento moderno, o idealismo, a doutrina de Descartes. É curioso que justamente o grande momento inicial do *cogito*, a operação da evidência, alcançar o que é absolutamente evidente, um fundamento que não só não seja duvidoso, mas também indubitável, algo do qual

não se possa duvidar, justamente porque está na própria evidência do pensamento: palavras muito parecidas às de Agostinho em *De civitate Dei*.

Outra coincidência curiosa: o livro fundacional da filosofia moderna é o *Discurso do método*, de Descartes, que é também uma autobiografia. É, mais ou menos, um livro autobiográfico, não é um tratado, não é uma exposição de tese, é um relato da própria vida de Descartes. Muito mais curto que as *Confissões* de Santo Agostinho, escrito em francês, e é justamente uma narração, uma exposição de sua própria vida, apoiando-se em um argumento, que é o *cogito*, que apareceu de forma diferente, com propósito diferente, mas com um apelo à evidência radical, como em Santo Agostinho.

Com isso se diz que a filosofia com a qual se inicia uma nova época, a grande época da filosofia moderna, está assentada, está condicionada pelo agostinismo em dois sentidos: na relação com a evidência do pensamento, por um lado, e o caráter autobiográfico, narrativo, porque expositivo da própria vida nas duas grandes obras: as *Confissões* e o *Discurso do método*. Vejam, isso é bem surpreendente.

Há ainda uma coisa muito importante: Santo Agostinho iniciou esse estilo de filosofar, que iniciou uma nova etapa condicionada pelo cristianismo como tal, e que terá uma vigência absolutamente espantosa. Santo Agostinho morreu em 430, e foi a grande figura que dominou todo o pensamento cristão, absolutamente todo, até mil e duzentos e tanto, até bem avançado o século XIII.

Durante oito séculos, Santo Agostinho foi a maior figura dominadora do pensamento cristão: todos recorrem a ele, todos o respeitam. Isso tem uma importância particular, porque, claro, temos esse conceito tão usado por Ortega, e também por mim, que é de vigência, que é o vigor. Têm vigência as coisas que devemos ter em conta. Se querem saber se uma determinada realidade de nossa época tem vigência ou não, é muito fácil fazer o teste: se é preciso contar com ela, então tem vigência. Se podemos ignorá-la, se podemos, por exemplo, não opinar sobre ela; então ela não tem vigência. Pois bem, se consideram o pensamento moderno, a literatura, as formas estilísticas, verão que têm um certo período de vigência. Se uma forma intelectual, ou artística, ou literária tem vigência de séculos, parece algo extraordinário. Santo Agostinho tem oito séculos de vigência; isso é absolutamente espantoso.

Na próxima conferência, vamos nos encontrar com São Tomás de Aquino, que questiona a vigência do agostinismo: embora de certo modo o use, e terá outra longa vigência, e também terá seus problemas e, naturalmente, teremos que analisá-los. Mas vejam como é realmente extraordinário, ter uma fecundidade quase inesgotável, o fato de que Santo Agostinho, com suas proposta nova, com esse novo estilo de pensar que inaugura, que nasceu precisamente de uma visão dupla: por um lado viu o mundo com olhos antigos, foi o grande último homem antigo, mas ao mesmo tempo foi o primeiro pensador que parte da situação criada pelo cristianismo, condicionada por ele, que vê portanto o mundo dessas duas maneiras. Participou da visão pagã, da tentação maniqueia, a que cedeu, evidentemente, com grande entusiasmo – em Santo Agostinho, tudo é especialmente forte – depois é, naturalmente, de um cristianismo essencial, apaixonado.

Essa ideia da intimidade, da personalidade, o levará a dar, por exemplo, um papel extraordinário ao amor, inclusive filosoficamente. Ele diz que se a sabedoria é Deus, ou se Deus é a sabedoria, o verdadeiro filósofo é amante de Deus: *si sapientia Deus est..., verus philosophus est amator Dei*. Deus é sabedoria, a filosofia é amor à sabedoria, como já o dizia Aristóteles. Então, para o cristão, o verdadeiro filósofo é aquele que ama Deus. Confunde-se o amor à sabedoria com o amor a Deus. E há um outro texto dele também extremamente enérgico: *non intratur in veritatem, nisi per caritatem* – só se entra na verdade, pela caridade, pelo amor.

Isto naturalmente leva à afirmação da liberdade. Reparem que essa descoberta do homem interior, do homem íntimo, da capacidade que tem, pela condição espiritual, de entrar em si mesmo, faz com que o homem seja livre. Sua liberdade é absolutamente fundamental, e, claro, está na própria entranha do cristianismo: “a verdade vos fará livres”. E ele prosequirá: *ama et quod vis fac*, ama e faz o que queiras, sentença extremamente enérgica de Santo Agostinho. Faze o que queiras. Se repararmos bem, não está tão longe de Kant.

Ama e faz o que queiras; o que queiras, não o capricho, não o teu bel-prazer, mas sim o que possas querer, o que possas verdadeiramente querer. Isso está a dois passos da ideia de Kant, para quem o único bem é a boa vontade. É a única coisa que é verdadeiramente valioso para Kant: o que podemos querer. Não os sentimentos, não o capricho, não, não... mas o que possas realmente querer. Ama e faz o que queiras. Se fazes realmente por amor, podes fazer o que queiras. O que possas querer realmente, o que possas querer amorosamente, por amor. Naturalmente, se se suprime o “ama”, destrói-se a frase, como é natural. Não é “faze o que queiras”, o capricho, ou o que te agrade, ou o que te convenha; não, não, pelo contrário.

Se falarmos de estilos na filosofia, este é um estilo totalmente novo. A palavra filosofia, desde Santo Agostinho, quer dizer outra coisa. Os senhores diriam: mas isso estava claro? Não, é muito raro que as coisas estejam claras. Se olharmos as coisas que estão aí, que foram conhecidas, que foram expressas, que foram formuladas, às vezes de modo genial, com um talento como o de Santo Agostinho, veremos que muitas vezes passa-se à margem delas. Dizia Aristóteles que a sabedoria é descoberta e depois esquecida. Sim, e não somente a sabedoria em geral, mas em cada época. Seria interessante explorar isso, sei lá, poder-se-ia escrever um livro extraordinário, só sobre os esquecimentos do homem, sobre as coisas que foram vistas, compreendidas, entendidas, que uma vez o homem as conquistou, e depois as abandonou, as esqueceu...

É curioso como a mudança de pensamento, que poderia incluir um acréscimo, um acréscimo constante, uma aquisição, uma incorporação de novas visões, de novas realidades, a inclusão de verdades novas... raramente é assim. Quando aparece algo novo, quase sempre aparece com algumas perdas, com esquecimentos, com falta de algo que já tinha sido conquistado, mas que em certo momento se debilitou, perdeu o vigor, perdeu a vigência e assim foi abandonado.

Convém que neste curso, que precisamente trata dos estilos do pensamento, olhemos para trás com muita frequência. Não se esqueçam da brevíssima vigência do pensamento mais genial, talvez o maior de toda a história da filosofia, que é o de Platão e de Aristóteles. Como filósofos, provavelmente sejam os dois cumes da história da filosofia inteira. Nós lhes devemos uma proporção quase inimaginável do que possuímos, e no entanto, os senhores lembrem-se de como logo após a morte de Platão, e depois logo após a morte de Aristóteles, desapareceu do horizonte essa forma de pensamento, esses dois cumes extraordinários. Partiu-se para um outro nível. Há muito tempo, Ortega disse: a filosofia é questão de nível. Surpreendi-me quando ouvi essa frase, mas agora vejo que tem um imenso valor. Efetivamente, a filosofia é questão de nível. E cada filosofia tem o seu nível, e esse nível não é que esteja dado, chega-se a ele, e pode-se perdê-lo. E, de fato, perde-se uma e outra vez. E hoje falamos justamente de um dos cumes do pensamento, um cume que teve uma longa e verdadeira vigência.

Se a capacidade de visão, se a capacidade de inovação de Santo Agostinho tivesse sido conservada ao longo dos séculos, aonde teria chegado o pensamento, esse pensamento agostiniano, fiel a Santo Agostinho? Às vezes passivamente fiel, talvez sem o impulso criador e inovador que Agostinho tinha, mas foi conservado com bastante fidelidade, com algumas perdas e com certo distanciamento, talvez com esquecimento daquilo que é mais criador, daquilo que era verdadeiramente o fermento de Santo Agostinho.

Agora, temos que passar para outro grande santo, para nos encontrarmos no século XIII com outra brilhante figura, São Tomás de Aquino.

## Filosofia, educação, justiça e direitos humanos: Josef Pieper nas revistas do Cemoroc (2017-2021)

Roberto C. G. Castro<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo mostra a importância das revistas do Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Cemoroc) da Universidade de São Paulo (USP) para a difusão do pensamento do filósofo alemão Josef Pieper no Brasil entre 2017 e 2021.

**Palavras Chave:** Josef Pieper – Cemoroc – Educação – Universidade – Justiça – Direitos Humanos.

**Abstract:** This paper shows the importance of the academic journals published by Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Cemoroc) of University of São Paulo (USP) to diffusion of German philosopher Josef Pieper's thought in Brazil from 2017 to 2021.

**Keywords:** Josef Pieper – Cemoroc – Education – University – Justice – Human Rights.

### Introdução

Em 2017, por ocasião do 20º aniversário da Editora Mandruvá e das revistas do Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Cemoroc) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), mostrei em artigo<sup>3</sup> a importância dessas revistas para a difusão no Brasil do pensamento do filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997). No artigo, foi destacado que, em 20 anos de atividades da editora, entre 1997 e 2017, textos de Pieper apareceram 41 vezes em oito de suas revistas, publicados em três idiomas, sendo o mais frequente o português (33 vezes), seguido pelo espanhol (6) e o alemão (2). Além disso, foram publicados também artigos de comentaristas da obra de Pieper.



Josef Pieper (1904-1997)

Agora, quando as revistas comemoram 25 anos, analiso a seguir o espaço que elas dedicaram ao filósofo alemão nos cinco anos que se passaram desde aquele artigo. Esse exame mostrará, como veremos, que, entre 2017 e 2021, as revistas do Cemoroc continuaram a divulgar as ideias de Pieper através de seus textos, publicados no idioma original ou em traduções, e de ensaios de comentaristas do pensamento do filósofo de Münster, tal como ocorrera nos 20 anos anteriores. Com isso, elas se

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>3</sup> “O pensamento de Josef Pieper no Brasil – As revistas do Cemoroc”, *International Studies on Law and Education*, número 25/26. Disponível em [www.hottopos.com/isle25/67-76CastroPieper.pdf](http://www.hottopos.com/isle25/67-76CastroPieper.pdf).

consolidam como o espaço por excelência de transmissão no Brasil de uma obra que tem muito a contribuir para a teologia, a filosofia e a educação na contemporaneidade.

Nos últimos cinco anos, textos de Pieper apareceram 18 vezes nas revistas do Cemroc. Dos artigos publicados, nove foram no original em alemão, sete em português, um em inglês e um em espanhol. As revistas também dedicaram espaço para sete artigos assinados pelo professor Berthold Wald, da Theologischen Fakultät Paderborn, na Alemanha, editor das obras completas do filósofo alemão, em 11 volumes. Outros quatro textos publicados nesse período são de autoria de comentaristas da obra de Pieper. Um deles é Joseph Ratzinger, o Papa Emérito Bento XVI, como será comentado adiante.



Placa instalada na fachada da casa onde Josef Pieper nasceu, em Elte, na Alemanha - Foto: Roberto Castro

### 2017: três textos em alemão

Em 2017, três revistas do Cemroc publicaram artigos de Pieper no original em alemão. A *Convenit Internacional* deu a público *Das Gespräch als Ort der Wahrheit* (“O diálogo como lugar da verdade”)<sup>4</sup> e a *Revista Internacional de Humanitats* lançou *Zwei Weisen, »kritisch« zu sein* (“Dois modos de ser ‘crítico’”)<sup>5</sup> e *Verstehen – liebendes Erkennen* (“Compreender, conhecimento amoroso”)<sup>6</sup>.

Esses três curtos textos já dão uma boa noção do filosofar de Pieper. Em *Das Gespräch als Ort der Wahrheit*, por exemplo, o filósofo comenta a frase “A verdade, como realidade humana, surge apenas em situação de diálogo”, escrita por Platão na sua famosa *Sétima Carta*. “Primeiro, fala-se da verdade, como ela é vista no filosofar, da verdade sobre o todo da realidade e sobre o sentido da condição humana em seu conjunto. A verdade entendida como o que torna sábio. Nenhuma das ciências isoladas pode protestar esse direito de tornar sábio e por excelência ‘conhecente’”, analisa Pieper. “Erudição e habilidade são diferentes de sabedoria. Na realidade, a filosofia não torna propriamente sábio, mas o filosofar, como ‘busca amorosa’, tem em mira a ‘sabedoria’. E o conhecimento no qual recebemos essa sabedoria, embora a longa distância e como algo não definitivamente possível – esse conhecimento, tal é a opinião de Platão –, acontece e se realiza apenas no diálogo. Como através de uma faísca uma luz inesperadamente se acende na alma: quando os homens continuamente, ‘por amor à discussão’, se reúnem e conversam uns com os outros.”

“Essa afirmação é entendida de forma tal que ela exclui duas coisas”, continua. “Ela se dirige, antes de tudo, contra a opinião de que esse tipo de sabedoria poderia realmente ser percebido na palavra escrita. Escrever e ler não são, segundo a

<sup>4</sup> [www.hottopos.com/convenit24/65-66Pieper.pdf](http://www.hottopos.com/convenit24/65-66Pieper.pdf)

<sup>5</sup> [www.hottopos.com/rih40/81-82Pieper.pdf](http://www.hottopos.com/rih40/81-82Pieper.pdf)

<sup>6</sup> [www.hottopos.com/rih41/89-90Pieper.pdf](http://www.hottopos.com/rih41/89-90Pieper.pdf)

opinião de Platão, a forma na qual a verdade como realidade humana primariamente se realiza. Esse é um discurso relativamente surpreendente na boca de um homem que seguramente por mais de 50 anos agiu através da palavra escrita. Mas o mais surpreendente é que esse mesmo homem insiste nisso: não existe nada escrito por suas mãos sobre as coisas nas quais ele está tão empenhado. E quem tenta expressar por escrito o pensamento na mais profunda seriedade, seu coração deve estar ‘arruinado’, certamente não pelos deuses, mas pelos homens.”

*Zwei Weisen, »kritisch« zu sein* é um texto que, ao mesmo tempo em que revela o procedimento intelectual de Pieper diante do mundo, faz um importante alerta contra o exacerbado racionalismo que ainda teima em predominar no pensamento ocidental contemporâneo. Lembrando que há dois modos de ser “crítico”, o filósofo cita inicialmente o cientista, para quem “ser crítico” significa “zelar para que, apenas e tão somente, o que foi suficientemente comprovado seja aceito como válido”, segundo a tradução de Gabriele Greggersen e Jean Lauand. “No entanto, para além da ciência, que por sua natureza lida com objetos que, se por um lado podem ser tratados de modo exato, por outro são particulares, há, ainda, outros modos pelos quais a verdade se nos torna acessível.”

Pois, para Pieper, o tipo de conhecimento buscado pelo cientista não é suficiente para o ser humano chamado à reflexão. Este não abre mão de alcançar alguma concepção, seja de que tipo for, sobre a totalidade do real e sobre a própria existência humana. “Em última análise, nosso desejo de conhecer tem por objetivo aquilo que o filósofo anglo-americano Alfred N. Whitehead chama de *the complete fact*, o ‘fato completo’, a coesão global do mundo e da existência. Quanto a isso, é para nós absolutamente claro que jamais será possível um conhecimento humano exaustivo a respeito desse ‘objeto’ e que, pelos métodos das ciências exatas, o homem talvez nem sequer possa divisar essa coesão global. No entanto, insistimos em perguntar-nos acerca dela e em procurar uma resposta para ela.”

E é principalmente ao filosofar que o ser humano é levado a esse sentido de “direção à totalidade”, continua Pieper em *Zwei Weisen, »kritisch« zu sein*. “Pois filosofar significa precisamente isto: considerar a totalidade, o sentido último daquilo com que deparamos na experiência. É uma tarefa que evidentemente não pode ser encerrada no âmbito delimitado de uma disciplina acadêmica especializada, uma tarefa da qual, além do mais, ninguém que tenha a pretensão de pautar a sua existência a partir do pleno impulso de sua vida do espírito se pode eximir.”

Pieper conclui o artigo tornando clara a diferença entre os dois modos de ser crítico. Segundo ele, o cientista visa em especial a “não deixar passar nada” (*nichts durchlassen*) que não tenha sido comprovado, enquanto o que filosofa, tal como para aquele que crê, o que vale é “não deixar de fora nada” (*nichts auslassen*), absolutamente nada. “Para evitar que nem ao menos o menor elemento da totalidade da verdade lhe escape, estaria antes pronto a contentar-se com provas menos exatas do que assumir um possível comprometimento do contato com a verdade. E no que se refere àquele que crê, permanece para reflexão a sentença de John Henry Newman, que afirma que o cuidado crítico, cuidado de quem crê, pode manifestar-se precisamente no fato de ‘não esperar pela prova mais perfeita que se possa imaginar’.”

Já quanto a *Verstehen – liebendes Erkennen* – outro artigo publicado pelo Cemoroc em 2017 –, trata-se de um texto que conserva fecundas reflexões sobre a palavra “compreender”. “Qualquer um que ouça com atenção o falar cotidiano das pessoas percebe imediatamente que nós só usamos a palavra “compreender”, no sentido estrito, se alguém puder captar o que uma pessoa disse, tal como ela o concebeu”, escreve Pieper, em tradução de Jean Lauand e Enio Starosky. “Aquele que compreende não tem que ver só com um algo, mas também, ao mesmo tempo, com

um alguém vivo que ‘se’ expressa”. Pode acontecer que alguém receba o conhecimento de um enunciado, bem como de um fato, então ele ouve e talvez também saiba o que o outro disse; mas ainda não ‘compreendeu’, nem a afirmação nem o próprio falante. Para tanto, é necessário um voltar-se pessoal para o interlocutor; somente então, pelo fato objetivo do som, dos gestos ou do escrito, a verdadeira mensagem é vista, e para ela a pessoa, que agora compreende, também se abre.”

Continuando suas reflexões sobre a palavra “compreender”, Pieper cita um versículo do capítulo 6 do livro do profeta Isaías: “Ouvirão e voltarão a ouvir, mas não quererão compreender”. A partir desse texto bíblico, o filósofo faz duas observações. “Primeira: pode-se ter percebido algo com muita clareza, e achá-lo plausível e razoável: mas só se o compreende e crê quando se quer aceitar como verdadeiro e só então integra-se em sua vida. Mais importante ainda é a segunda: crer, assim como compreender, têm que ver com um alguém vivo e, portanto, ambos só atingem sua plena realização quando nossa vontade se volta afirmativamente para esse alguém. A sentença clássica de Newman: ‘Cremos porque amamos’ corresponde muito precisamente a essa experiência de todo mundo: que nós só compreendemos o que alguém diz quando ‘nos entendemos bem’ com quem igualmente ‘amamos’ (na medida em que possamos usar essa grandiosa palavra).”

## **2018: universidade e formação humana**

Em 2018, a revista *Convenit Internacional* publicou *Abertura para o todo: a chance da Universidade*<sup>7</sup> – em tradução de Gilda Naécia Maciel de Barros e Jean Lauand –, ensaio em que Pieper expõe sua visão de universidade e, com isso, faz instigantes reflexões sobre a formação humana.

Para Pieper, o autêntico ensino universitário está relacionado com a própria estrutura do ser humano, que por sua própria essência se refere ao todo da realidade. Espírito é aquela capacidade de relacionamento que aponta para a universalidade do real; está capacitado e disposto a entrar em contato (e a manter este contato) com o “em si” de tudo que é. “Ter espírito”, ser “um ente dotado de espírito”, significa sobretudo ser *capax universi*, capaz de abarcar e de ser receptivo ao todo do mundo. Ao contrário do animal, que está encerrado num meio fragmentário, num “mundo circundante”, ter espírito significa existir face ao conjunto da realidade, *vis-à-vis de l'univers*.

Lembrando que esse pensamento tem sido repetido desde os antigos até hoje – de Aristóteles e Tomás de Aquino a Max Scheler, por exemplo –, Pieper destaca que ele implica ainda que um ente espiritual (e, portanto, também o homem) só realiza suas verdadeiras potencialidades quando divisa o todo da realidade e a ele se abre expressamente.

E aqui surge uma descrição do que é realmente educação: “A educação daquilo que é própria e especificamente humano, ou, em outras palavras, a verdadeira formação do homem, somente se dá quando se põe em marcha esse confronto com o todo existente. Um homem verdadeiramente formado é alguém que sabe como se relacionar com o mundo como um todo, ainda que esse conhecimento da realidade seja imperfeito”.

É por isso que, se uma comunidade humana considera necessária a existência não só de instituições que assegurem a sobrevivência das pessoas mas também de um

---

<sup>7</sup> [www.hottopos.com/convenit27/109-120PieperUniv.pdf](http://www.hottopos.com/convenit27/109-120PieperUniv.pdf)

lugar de formação daquilo que é propriamente humano, necessariamente ela deverá considerar criar uma instituição que tenham como projeto o confronto do ser humano com o todo da realidade.

“Tal instituição é exatamente a universidade. O que faz com que a universidade seja universidade não é a ciência, mas a resoluta orientação do pensamento para o *universum*, para a unidade do conjunto do real; o decidido e persistente esforço de abertura para o todo, que desde sempre tem sido designado e entendido como filosofar.”

Daí o caráter filosófico da universidade que caracteriza o pensamento de Pieper sobre o ensino superior.

“Filosofar significa: dirigir o olhar a tudo aquilo que se nos depara e, num esforço de pensamento preciso e metodicamente disciplinado, suscitar a questão de seu significado último e fundamental. Alfred North Whitehead, o célebre filósofo da Universidade de Harvard, que foi ao mesmo tempo um dos fundadores da moderna lógica matemática (e em relação a quem, portanto, não se admite facilmente a suspeita de que não expressasse seu pensamento com suficiente precisão), afirmou em seus últimos anos de vida que a filosofia simplesmente se ocupa da questão *What is all about?*, questão que indaga do todo e que quer saber o que o todo tem a ver com esta realidade concreta.”

Ao discutir a tese do caráter filosófico da universidade, Pieper reconhece que ela é também um lugar de ciência, evidentemente. É graças às ciências que se dá o progresso do conhecimento, em todos os setores de pesquisa, o que proporciona os benefícios que tanto têm contribuído para o bem-estar da humanidade. “Porém, a justaposição espacial ou organizacional das ciências particulares é claramente insuficiente para revelar, a quem quer que seja, aquele *universum*, a realidade como um todo, com a qual a universidade tem - até pelo seu próprio nome - um compromisso. A própria universidade, enquanto instituição, não é um indivíduo, que ‘possa dirigir seu olhar para algo’ ou considerar algo; para fazê-lo, é necessário o sujeito, o espírito singular, a pessoa. Só as pessoas que constituem a universidade podem realizar essa abertura para a totalidade de que estamos falando. É necessário, pois, que os estudantes, por mais que se limitem a um aspecto parcialmente formado da realidade (aliás, pela sua própria disciplina científica), sejam postos em condições, sejam estimulados, continuamente provocados, compelidos pelo próprio espírito da instituição, a olhar de modo pessoal o todo do mundo e da existência. Ao se discutir, por exemplo, a questão da liberdade humana, não se deve considerá-la somente dos pontos de vista psicológico, biológico, jurídico etc. mas ‘em si’, sob toda a ‘perspectiva de reflexão’.”

O que faz com que uma universidade seja uma universidade “é que ela é o núcleo, o reduto, a cidadela e o território livre preparados e permanentemente abertos, deliberadamente, por uma organização que específica e metodicamente visa esse objetivo. Quando isso não se dá, ela fracassa na sua missão essencial; desperdiça uma potencialidade que se encontra em nenhuma outra parte do mundo”.

Ainda em 2018, a revista *Convenit Internacional* trouxe dois textos de Berthold Wald: *Martin Heidegger, Josef Pieper und die neue Thanatologie*<sup>8</sup> e *Naturalismus und Naturrechtskritik. In welchem Sinn ist das naturgemäße Kriterium der Gerechtigkeit?*<sup>9</sup>. No primeiro, Wald analisa as ideias de Heidegger e de Pieper sobre a morte, comparando-as com os mais recentes estudos sobre o tema, a chamada nova tanatologia. No segundo, discute o direito natural como critério da justiça.

---

<sup>8</sup> [www.hottopos.com/convenit27/05-14Wald.pdf](http://www.hottopos.com/convenit27/05-14Wald.pdf)

<sup>9</sup> [www.hottopos.com/convenit28/95-104Wald.pdf](http://www.hottopos.com/convenit28/95-104Wald.pdf)

Naquele mesmo ano de 2018, a *International Studies on Law and Education* publicou o já citado *Zwei Weisen, "kritisch" zu sein*<sup>10</sup>.



Berthold Wald e Roberto Castro na Theologischen Fakultät Paderborn, na Alemanha

### 2019: educar para o máximo do ser

Em 2019, a revista *International Studies on Law and Education* publicou o dossiê “Josef Pieper, Paul Ricoeur e a educação”<sup>11</sup>, organizado por Jean Lauand e Rui Josgrilberg. “Este volume de *International Studies on Law & Education* é dedicado a Josef Pieper (1904-1997) e Paul Ricoeur (1913-2005), dois dos mais importantes pensadores de nosso tempo, que foram – cada um segundo sua orientação – de especial interesse para a antropologia filosófica e a filosofia da educação”, justificam os organizadores do dossiê no editorial. “A nota distintiva do filosofar de Pieper, catedrático de Antropologia Filosófica na Universidade de Münster, onde lecionou por mais de 50 anos, é a de repropor os grandes temas da antropologia e da educação, revitalizando-os a partir do diálogo com os patriarcas da tradição ocidental e da filosofia cristã: Platão, Aristóteles, Agostinho e, sobretudo, Tomás de Aquino (1225-1274).”

Um dos textos presentes no dossiê é “Josef Pieper: educar para o máximo do ser – e algumas tradições”<sup>12</sup>, de Jean Lauand, em que o autor destaca o pensamento de Pieper sobre as virtudes clássicas, comparando-o com diferentes expressões culturais, desde a Grécia antiga até o confucionismo e a língua tupi. Ao fazer isso, aponta a semelhança fundamental entre essas expressões, que relacionam a moral diretamente com o ser: o ato moral bom é aquele que está de acordo com o que o ser humano é e está chamado a ser.

Uma dessas virtudes clássicas, a justiça, foi analisada em outro artigo do dossiê, de autoria de Chie Hirose<sup>13</sup>, que comparou as reflexões de Pieper sobre a justiça com as ideias de um dos grandes líderes do século 20, o sul-africano Nelson Mandela, que personifica a palavra *ubuntu*. Essa expressão está relacionada com o reconhecimento do outro – justamente o que, para Pieper, constitui o fundamento da justiça.

<sup>10</sup> [www.hottopos.com/isle28/155-156Pieper.pdf](http://www.hottopos.com/isle28/155-156Pieper.pdf)

<sup>11</sup> [www.hottopos.com/isle31\\_32/index.htm](http://www.hottopos.com/isle31_32/index.htm)

<sup>12</sup> [www.hottopos.com/isle31\\_32/11-18Jean.pdf](http://www.hottopos.com/isle31_32/11-18Jean.pdf)

<sup>13</sup> [www.hottopos.com/isle31\\_32/19-38Chie.pdf](http://www.hottopos.com/isle31_32/19-38Chie.pdf)

Como escreve Chie Hirose, “na relação de justiça, prossegue Pieper, os antigos sempre enfatizavam não os legitimados, mas os obrigados: a preocupação do homem justo é a de dar ao outro o que lhe é devido (e não a de reivindicar o que ele mesmo está legitimado em receber). E evoca a sentença que Sócrates repete nos diálogos platônicos: ‘cometer uma injustiça é pior do que sofrê-la’. E Pieper ajunta: ‘A antiga doutrina da justiça não é, pois, primariamente, exposição de direitos que pertencem e que, portanto, podem ser reclamados, mas sim uma exposição e motivação do dever de respeitar direitos’”.

“Certamente, não se trata de uma desconsideração da importância da reivindicação do próprio direito, válida e, sobretudo em nosso tempo, até necessária” – continua a autora. “O que, sim, é de se promover também é o ‘outro ponto de vista’. Aquela tradicional ênfase nos obrigados aponta para as consequências de atentar contra o Outro (...). A minha autorrealização como ser humano depende de minha abertura para o Outro. Essa esquecida ênfase pode, é claro, aumentar a eficácia das próprias reivindicações dos direitos dos legitimados, a partir do outro polo.”

Outro texto do dossiê, assinado pelo autor deste artigo, explora o *Tratado sobre a Prudência*<sup>14</sup>, de Pieper. Nele, são reproduzidas as ideias do filósofo alemão sobre essa virtude cardeal: “Em seu tratado, Pieper lembra que a realização do bem tem como pressuposto o conhecimento da realidade. Pode fazer o bem somente quem sabe como as coisas são e se encontram. Não são suficientes a boa intenção ou a boa opinião. O que é decisivo, para a realização da ação moral boa, é o límpido e cristalino conhecimento da realidade”.

“As decisões prudentes se alimentam de duas fontes: os princípios universais da razão e os aspectos particulares em que se situa o seu agir. Os princípios universais da razão prática se referem à consciência moral, em que se encontra o conhecimento da essência do bem, traduzido na afirmação ‘Deve-se amar e realizar o bem’ – frase que expressa o objetivo comum de toda ação humana. Mas a prudência não se aplica aos fins últimos da vida humana, e sim aos caminhos que levam a esses fins. O caráter próprio da prudência é o comprometimento no campo dos meios e dos caminhos e no campo das realidades concretas.”

“Há uma unidade entre o senso moral e a prudência, o que é chamado de ‘consciência’. A prudência – ou melhor, a razão prática que atua na prudência – é a consciência da situação, a ‘consciência circunstancial’, e nisso ela se distingue do senso moral, ligado aos princípios universais. Os ditames do senso moral são como que a ‘terra firme’, o ponto de partida para a concreta decisão da consciência circunstancial. Nessa decisão a consciência moral encontra sua aplicação prática. A prudência possui uma dupla face. Ela é cognoscitiva e deliberativa. Ou seja, está voltada tanto para a intelecção, para o reconhecimento do real, como para a determinação do querer e do agir. A intelecção ocorre primeiro. Ela constitui o ‘padrão determinante’ da decisão. Já a decisão, que como algo secundário recebe do conhecimento o seu padrão, determina o querer e o agir. Assim, o comando da prudência é um ‘conhecimento diretivo’, um conhecimento aplicado a uma ação. Entretanto, a prudência não se limita a ser apenas um conhecimento. Para que a ação seja genuinamente prudente, esse conhecimento deve necessariamente se transformar em ação. Não adianta saber qual é a decisão certa e não aplicá-la à ação. Nisso consiste a segunda face da prudência – a face deliberativa.”

O papa Bento XVI – hoje Papa Emérito – também participa do dossiê, que publica uma carta enviada por ele ao arcebispo Hans-Josef Becker, datada de 4 de

---

<sup>14</sup> [www.hottopos.com/isle31\\_32/39-46Roberto.pdf](http://www.hottopos.com/isle31_32/39-46Roberto.pdf)

julho de 2009<sup>15</sup>, por ocasião da fundação do Josef Pieper Arbeitsstelle (Centro de Estudos Josef Pieper), na Theologischen Fakultät Paderborn, na Alemanha.

“Com grande alegria recebi a notícia da criação de um Centro de Estudos sobre Josef Pieper na Faculdade de Teologia de Paderborn. As obras de Josef Pieper sobre as virtudes cardeais foram as minhas primeiras leituras filosóficas, quando comecei meus estudos universitários em 1946”, escreve o papa. “Elas despertaram o meu interesse para o pensamento filosófico, a alegria de uma busca racional de respostas para as grandes questões do nosso tempo. E, além disso, aprendi que os grandes pensadores do passado ainda estão presentes, por conta de sua luta pela verdade, e que a filosofia não se torna obsoleta, sempre que ela honesta e humildemente permanece no caminho da verdade.”

Para Bento XVI, Josef Pieper é um caso exemplar de verdadeiro filósofo. Segundo ele, Pieper “insistiu na necessidade da busca racional pelo todo, em direção à própria verdade, e só esta é a verdadeira filosofia. Ele sabia que nós podemos levantar essas questões se estivermos dispostos a ouvir os grandes pensadores de todos os tempos e que, devido à grandeza da sua tarefa, a filosofia também deve estar sempre pronta a ouvir as respostas, e refletir sobre elas, que surgem da fé e da sua maneira especial de escuta. O fato de ele ter sido capaz de apresentar suas perguntas e respostas de uma maneira bela e compreensível, sem as amarras de um estilo de linguagem rigidamente erudito, é, para mim, mais um sinal de que ele era um verdadeiro filósofo”.

Outros dois textos concluem a parte do dossiê dedicada a Pieper. Num deles, *Über die Aufgabe des Lehrens in der Kirche*<sup>16</sup>, Berthold Wald discute a missão da Igreja hoje como educadora, sempre sob inspiração das ideias do filósofo de Münster. O outro texto é o já comentado “Abertura para o todo: a chance da Universidade”.

Foi numa de suas edições de 2019 que a revista *Convenit Internacional* deu início a um projeto de alta relevância para a educação básica. Em sua versão *Convenit Internacional – Coepta*, ela abriu suas páginas para trabalhos de alunos do ensino médio de escolas da Região Metropolitana de São Paulo, feitos sob a supervisão de seus professores. Depois de passarem por rigorosa avaliação dos editores da revista, esses trabalhos foram publicados em *Convenit Internacional Coepta 1*<sup>17</sup>, ao lado de artigos de grandes pensadores do século 20, como Josef Pieper, Julián Mariás e Alfonso López Quintás, e de autores clássicos, como Tomás de Aquino e Petrus Alphonsus. Dessa forma, uma curta e instigante reflexão de Pieper, “Viver do silêncio”, no original em alemão, *Schweigen*, e na tradução de H. Elfes, foi publicada na mesma edição em que vieram à luz textos de alunos do ensino médio do Colégio Luterano de São Paulo, do Centro de Estudos Júlio Verne, da Escola Bilíngue Pueri Domus e do Colégio Ítaca.

## **2020: fundamentos da justiça e dos direitos humanos**

O projeto Coepta teve continuidade em 2020, agora com a participação de alunos do ensino médio das Secretarias Municipais de Educação de São Paulo e do Guarujá, além dos estudantes do Colégio Luterano São Paulo, do Centro de Estudos Júlio Verne, do Colégio Visconde de Porto Seguro e da Escola Bilíngue Pueri Domus. Eles publicaram seus trabalhos numa edição dupla, números 34 e 35, da *International*

---

<sup>15</sup> [www.hottopos.com/isle31\\_32/59-60Ratzinger.pdf](http://www.hottopos.com/isle31_32/59-60Ratzinger.pdf)

<sup>16</sup> [www.hottopos.com/isle31\\_32/47-58Wald.pdf](http://www.hottopos.com/isle31_32/47-58Wald.pdf)

<sup>17</sup> [www.hottopos.com/convenit30/index.htm](http://www.hottopos.com/convenit30/index.htm)

*Studies on Law and Education – Coepta 3 e 4*<sup>18</sup>. Nessa mesma edição, de Pieper foram publicados *Verstehen – liebendes Erkennen* e sua tradução, *Compreender – Conhecimento amoroso*, feita por Jean Lauand e Enio Starosky.

Naquele ano de 2020, um dos destaques foi também o tema da justiça em Josef Pieper. A *Revista Internacional d'Humanitats* publicou a tradução da primeira parte do ensaio *Über die Gerechtigkeit* (“Sobre a justiça”), antecedida pelo artigo *Justiça e direitos humanos segundo Josef Pieper*<sup>19</sup>, da lavra do autor deste artigo.

Nesse ensaio, Pieper expõe os fundamentos da justiça e dos direitos humanos. Como lembra o filósofo alemão, existem direitos que não têm origem em nada que o indivíduo tenha feito para que adquirisse esse direito. Um desses direitos é a vida, por exemplo. Então pode-se dizer que é em função da natureza que o ser humano possui algo inerentemente seu. Porque é um elemento da natureza, porque está na natureza, que dispôs as coisas como são, o ser humano possui algo que deve ser garantido e preservado.

Isso já é muita coisa, mas ainda não é tudo. As pedras, as plantas e os animais também estão na natureza, mas nem por isso eles possuem algo de seu. Deve-se dizer, então, que o homem possui algo essencialmente seu em função da sua natureza, da natureza humana. O homem é dotado de uma natureza que inclui direitos sem os quais ele deixa de ser homem. Esses direitos são intrínsecos, inseparáveis dessa natureza. Falar dessa natureza é falar de direitos inerentes, o que não acontece com as pedras, as plantas e os animais.

Desse ponto de vista, os direitos humanos estão diretamente relacionados com a natureza humana. Não se pode indicar onde os direitos humanos se fundam a não ser que eu tenha uma concepção de homem, de natureza humana.

Se não existe natureza humana, então o ser humano pode ser tratado como se quiser. Se ele não possui uma natureza dotada de um direito inalienável, não há o que respeitar, a defesa dos direitos humanos estará muito fragilizada e o ser humano estará à mercê da lei do mais forte. Sem a noção de natureza humana, é impossível que direito e justiça possam ser fundados. Sem ela, a garantia dos direitos humanos dependerá de acordos, de normas, da legislação, do direito positivo, o que é muito instável, inseguro e fraco. O governo de plantão sempre poderá mudar a lei e desconsiderar o que há de inalienável no ser humano.

Mas, ao dizer que a natureza humana é constituída de direitos intrínsecos, ainda não se chegou à mais profunda fundamentação da justiça e dos direitos humanos. É preciso avançar mais, para que a garantia dos direitos humanos se fortaleça e seja efetivamente assegurada. A natureza humana não se funda em si mesma. Portanto, não pode ser a razão última do direito e da justiça. É preciso recorrer à sua máxima e definitiva legitimação. E a razão última, diz Pieper, é que o homem é uma criatura criada pelo que é divino, pelo supranatural.

Não se trata propriamente de uma visão cristã de natureza humana, mas sim de uma intuição presente já nos pensadores da Antiguidade grega e que formou a base da tradição ocidental de pensamento pelo menos até a modernidade. Em Platão há a ideia de um *demiurgós*, de um demiurgo, de um artífice, que criou todas as coisas. E Aristóteles, em sua doutrina sobre as causas do ser, cita entre elas a causa eficiente, sobre a qual ele fala pouco, simplesmente pelo fato de que ela está acima da capacidade humana de entendimento.

---

<sup>18</sup> [ww.hottopos.com/isle34\\_35/](http://ww.hottopos.com/isle34_35/)

<sup>19</sup> [www.hottopos.com/rih49/47-56RCastroJosefPieper.pdf](http://www.hottopos.com/rih49/47-56RCastroJosefPieper.pdf)

Em poucas linhas, é assim que Pieper trata a questão da justiça e dos direitos humanos.

## **2021: nome e identidade**

Neste ano, as revistas do Cemoroc continuaram a dar espaço para o pensamento de Pieper. Entre outros textos do filósofo alemão, a *Revista Internacional d'Humanitats*, por exemplo, publicou *Wie heißt man wirklich?*, ao lado de sua tradução, que recebeu o título de *O verdadeiro nome de cada um*, feita por Jean Lauand.

Trata-se de uma reflexão curta, em que o filósofo alemão analisa o mistério da identidade de cada indivíduo. Lembrando que os nomes dados às coisas não lhes podem penetrar a essência, uma vez que “as essências das coisas nos são desconhecidas”, como sustenta Tomás de Aquino, ele destaca que os nomes “frouxa e circunstancialmente ligados às coisas são os que se desvanecem quando nossa memória começa a falhar, enquanto os mais essenciais se fixam e se tomam indelévels, inesquecíveis”. É o que ocorre, por exemplo, quando se diz de uma pedra que ela é uma “pedra preciosa”, algo mais difícil de esquecer. Já quando se afirma que essa pedra é uma “alexandrita”, assim chamada em referência ao czar Alexandre II, isso é mais fácil de escapar da memória.

“Num templo budista japonês mostraram-me centenas de plaquinhas douradas com os nomes dos mortos, por quem os monges oravam. Estava escrito nessas plaquinhas não o nome civil - nem o nome nem o sobrenome -, mas um nome ‘novo’, que o morto recebia só depois da morte, numa cerimônia ritual própria. Enquanto eu contemplava aqueles caracteres estranhos para mim, veio-me à mente a sentença bíblica do profeta Isaías: ‘Eu te chamei pelo teu nome’. É sem dúvida esse o nosso verdadeiro nome; só ele nomeia com precisão aquilo que na verdade somos. Só que esse nome ainda nos é desconhecido...”

## **Considerações finais**

O breve panorama exposto neste artigo é suficiente para atestar a importância das revistas do Cemoroc para a difusão do pensamento de Josef Pieper no Brasil nos últimos cinco anos. Ao mesmo tempo, oferece uma noção da profundidade e da fecundidade desse pensamento, capaz de inspirar reflexões que contribuem para o debate contemporâneo em diferentes áreas ligadas à antropologia filosófica.

É razão suficiente para que ensaios de Pieper continuem a ser traduzidos, publicados e comentados no Brasil. E, para que isso aconteça, certamente as revistas do Cemoroc deverão ter um papel fundamental – como acontece desde a sua fundação, há 25 anos.

## Filosofar, música e educação – uma introdução ao “*Sobre a Música*” de Josef Pieper

Jean Lauand<sup>20</sup>  
Miwa Hirose<sup>21</sup>

**Resumo:** Nota de conferência conjunta do “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação” (2021). Este estudo apresenta brevemente alguns aspectos fundamentais do pensamento do destacado filósofo alemão Josef Pieper, como subsídios para as conexões estabelecidas entre filosofar e música em seu artigo *Über die Musik*, publicado também nesta edição de *Coepta*.

**Palavras Chave:** Josef Pieper. filosofar. música. antropologia filosófica e música.

**Abstract:** Notes of lecture of the “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação”. The article shows some basic aspects of the thought of the German philosopher Josef Pieper in order to a better understanding of the relationship between philosophical act and music in his article *Über die Musik*, published in this edition of *Coepta*.

**Keywords:** Josef Pieper. philosophical act. music. Philosophical Anthropology and music.

### Introdução

Em todas as edições da série *Coepta* há artigos do notável filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper (1904-1997). Neste volume 7 da série *Coepta*, está publicado também – no original alemão e em tradução ao português – um denso discurso seu: *Über die Musik (Sobre a Música)*, relacionando Música e Filosofar, na abertura de uma sessão musical sobre Bach.

Os autores – encarregados de uma conferência “a quatro mãos” no XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação – apresentam estas notas sobre o quadro geral do pensamento de Pieper – especialmente de *Was heisst Philosophieren?* –, como subsídios para a leitura do *Über die Musik* (abreviaremos por *Musik*) e também (como de praxe nos eventos do Cemoroc) para antecipar o texto aos demais participantes, o que permite um enriquecimento da discussão no dia do Seminário, sobretudo no que se refere à Educação.

### O acesso indireto ao ser do homem

Uma das grandes contribuições de Josef Pieper para a metodologia filosófica foi a de evidenciar que não temos acesso direto ao ser do homem e a de indicar como pode se dar o caminho, indireto, para as realidades humanas.

---

<sup>20</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

<sup>21</sup>. Tem mestrado pelo *San Francisco Conservatory of Music* – Califórnia. Fundadora e Diretora do SHP - Studio Hirose Pianoforte - <https://www.studiopianoforte.com/>.

O velho Heráclito, que – *avant la lettre* – deu alguns preciosos princípios de, diríamos hoje, metodologia de pesquisa, dizia que a natureza gosta de se esconder. E especialmente a realidade humana não se deixa apanhar facilmente: está escondida e resiste a se manifestar.

Essas considerações ligam-se a outra de Heráclito, conhecido como “o obscuro”: “O caminho que sobe e o caminho que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença. Como naquela vez – parece piada – em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas...

Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o primeiro critério de desempate para times que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a equipe que tiver maior número de derrotas? Não, poderia alguém objetar, o critério favorece é o time que tiver maior número de vitórias! Mas acontece que... o time que tem mais derrotas e o que tem mais vitórias são o mesmo e único (aquele que tem menos empates)!

Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Como a realidade humana gosta de se esconder, precisamos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até esse tesouro que desceu e está escondido.

Se eu quero saber o que é o sal, eu pego o sal, levo-o a um laboratório e, após alguns procedimentos técnicos de análise, identifico que há tanto de sódio, tanto de cloro, iodo etc. Se eu quero examinar uma mosca, ponho-a no microscópio; se quero saber do planeta Marte, valho-me de um telescópio ou envio uma sonda etc. Já a realidade humana, tantas vezes, não se deixa observar diretamente: como “apanhar” o que é a gratidão, o que é o amor, o que é o homem...? Nesses casos, a pesquisa tem que se valer de caminhos indiretos: buscar onde se manifestam essas realidades. Josef Pieper indica três “sítios” privilegiados para “vasculhar” e resgatar essas realidades escondidas: a linguagem, as instituições e os modos de agir humano.

### **Três caminhos indiretos para a antropologia: o filosofar, o ato poético e a música**

Há atividades do homem que *especialmente* permitem “subir” até o nível mais elevado da antropologia, precisamente porque antes – de modo *especial* – “desceram” e se tornaram atos concretos em nosso cotidiano.

Em seu clássico “*Was heisst Philosophieren*” (“O que é filosofar?” São Paulo: Loyola, 2008), livro que seguiremos de muito perto neste artigo (abreviando por *Philosophieren*), Pieper começa por indicar a proximidade – já apontada por Aristóteles e Tomás de Aquino – entre o filosofar e o ato poético, nesse sentido. Já a própria epígrafe dessa obra é a sentença de Tomás sobre a semelhança entre o filósofo e o poeta: ambos têm seu princípio no *mirandum*, aquilo que convoca a admiração (*Comentário à Metafísica de Aristóteles* I, 3).

Esse princípio na admiração traz consigo uma série de outras características – destaquemos aqui a do mistério – que configuram aquele caráter especial de chave de acesso à realidade humana. Note-se, nesse sentido, que o próprio ato de filosofar (o intrigante ato de filosofar) é tema de especial interesse, desde Platão e Aristóteles, para os grandes filósofos.

Assim como o “ato poético”, o mistério da poesia, é também tema frequente dos grandes poetas, como por exemplo Fernando Pessoa e Caetano:

### Autopsicografia

O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.  
E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.  
E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.

### Força estranha

Por isso uma força me leva a cantar  
Por isso essa força estranha  
Por isso é que eu canto não posso parar  
Por isso essa voz tamanha

Em *Philosophieren*, Pieper seguindo Platão, ajunta, ao filosófico e poético (artístico em geral), outros atos capazes de uma transcendência reveladora, de potencial ascensão heraclitiana, os abalos: erótico (evidentemente não no sentido vulgar da palavra), tanático (da experiência da realidade da morte) e do religioso (não no sentido de igrejas, evidentemente). A esses abalos, Pieper em *Musik* inclui nomeadamente o abalo que pode ser produzido pela música: “musicar” (*Musizieren*) não é outra coisa que um secreto filosofar da alma, *exercitium metaphysicae occultum*, no qual a alma nem sabe que está filosofando. E mais:

O que a música sempre traz – e este é o fato mais decisivo – ao campo de visão do filósofo é a sua *proximidade da existência humana*, uma característica específica que torna a música necessariamente objeto essencial para todos os que refletem sobre a educação humana [*Menschenbildung*].

É necessário evitar mal-entendidos em relação às expressões que estamos usando “pode ser produzido pela música”, “atividades do homem” e “atos humanos”. Não se trata, evidentemente, de nenhum automatismo, como se a simples audição de uma peça musical (ou a leitura de um poema etc.) tivessem o condão de arrebatá-nos para as alturas de uma experiência transcendental. Não! Todos aqueles abalos platônicos situam-se em uma região não ativa de nossa vontade, mas, em boa medida, são algo que nos sobrevem: é o que tecnicamente se chama voz média, um misto de ativo e passivo (cf. Jean Lauand “Voz média...”, *Coepa* 3-4 [http://www.hottopos.com/isle34\\_35/19-24JeanVozMedia.pdf](http://www.hottopos.com/isle34_35/19-24JeanVozMedia.pdf)).

Não são, é claro, puramente ativos e seria ridículo *nonsense*, portanto, pretender, digamos, agendá-los. Jocosamente: amanhã às 15:00h vou me enamorar; às 15:30h, terei uma inspiração poética; às 15:45h, farei compras na padaria; às 16:05h terei um arrebatamento musical; em seguida uma experiência mística etc.

Daí que Pieper, em sua breve reflexão “Música e Silêncio” (também ela publicada na série *Coepta*, No. 2, <http://www.hottopos.com/convenit31/51-52Pieper.pdf>), falando da possibilidade de transcendência a partir de uma verdadeira experiência musical, diga: “se tudo correr bem...”.

A admiração autêntica, a resposta profundamente humana ao *mirandum*, princípio e raiz dos abalos filosófico, religioso, musical etc. não se refere de modo algum ao fora do comum e estapafúrdio, mas sim à realidade mais simples e cotidiana, que já estava aí..., mas na qual não tínhamos reparado. Pelo filosofar e pela arte podemos ver (ou entrever...) essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano. E, sem isso, recaímos no olhar embotado, que já não vê “nada de mais” na realidade que o circunda. Como o expressou maravilhosamente Adélia Prado:

De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra e vejo pedra mesmo  
(*Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991, p.199)

Nesse verso genial, encontram-se, de modo maximamente resumido, os elementos essenciais da concepção de Pieper. É pela mão do artista (/do filosofar etc.) que, também nós, os não artistas, podemos (talvez) ver esse *plus*, para além da mera pedra de sempre...

### Uma palavra sobre educação musical

Antes de propriamente comentarmos o *Musik* de Pieper, quero recolher aqui algo de minha experiência com a música (piano). Estudo piano desde meus 3 anos de idade [MH falando] e tenho lecionado há mais de 30 anos para centenas de alunos. Sem dúvida esse abalo do *mirandum* é um *desideratum* nessa educação, mas nem sempre atingido (em sua profundidade, sequer talvez pelo próprio docente...).

O próprio Pieper, em uma breve introdução a uma peça em fita cassete do extraordinário virtuose romeno Dinu Lipatti (1917-1950), narra a experiência – essa sim autenticamente transcendente – do pianista ao interpretar em certa ocasião a cantata de Bach: “*Herz und Mund und Tat und Leben*”. Lipatti, imóvel, simplesmente não conseguia tocar. Após um inusitado silêncio de arrebatamento (o público também imóvel e em total silêncio, pressentindo estar em um momento privilegiadíssimo e diante de algo muito especial), o artista finalmente executou a peça:

[https://www.youtube.com/watch?v=bOV2v2fVWlw&ab\\_channel=marcbarbu](https://www.youtube.com/watch?v=bOV2v2fVWlw&ab_channel=marcbarbu)



Dinu Lipatti-Bach Cant.No147 Herz und Mund und Tat und Leben

Essa experiência de abalo profundo vivenciada por Lipatti, como dissemos, não pode ser “controlada”: por isso, desde sempre se fala em “inspiração” quando se trata de arte. E também não pode ser ensinada. Cabe aqui a observação que o Prof. Lauand tantas vezes repete: a da maravilhosa acumulação semântica da palavra *enseñar* na língua espanhola: ensinar e mostrar. Os professores podemos – e não é pouco – *mostrar*, mas a disponibilidade interior do educando para o abalo, já não depende de nós.

Para além da técnica do instrumento, é parte essencial da educação musical *enseñar* que a música tem esse potencial transcendente. Como diz Pieper, no já citado artigo, no qual, genialmente, articula esses dois elementos: “Música e Silêncio”:

(...) E, aí, inesperadamente, surge um outro lado da questão: música e silêncio estão de fato, de um modo muito especial, voltados um para o outro. Pois o ruído destrói não só o silêncio como também, junto com ele, toda e qualquer possibilidade de comunicação: tanto o ouvir como o falar (daí aquela constatação do poeta Konrad Weiss: que num tempo como o nosso, extremamente ruidoso e barulhento, pode imperar um ilimitado emudecimento). Por outro lado, a música (bem entendido: música aqui significa algo mais do que mero entretenimento ou ruído ritmizado!), embora não se dê sem som, produz uma certa forma de silêncio.

Ela torna possível um silêncio que ouve, que ouve não apenas acusticamente a melodia (requisito, aliás, de qualquer silêncio que queira captar algo: quer se trate de uma palavra humana ou do batimento cardíaco ao estetoscópio). Não, trata-se de um outro silêncio que leva para ainda mais longe: pela música abre-se um espaço de silêncio de dimensão maior, dentro do qual, se tudo corre bem, pode-se, só então, ouvir e compreender uma realidade que é superior à própria música...!

Em minha experiência como professora, tem sido imensamente gratificante verificar que – para além dos objetivos usuais do ensino do instrumento – ocorre por vezes nos alunos esse passo em direção a um *plus* – abrir-se para algo superior ou, parafraseando o citado verso de Adélia, a algo mais do que “pedra mesmo”.

### **Outros aspectos da antropologia e da filosofia da educação de Pieper**

O princípio na admiração – o *mirandum* como fonte contínua do filosofar e do “musicar” – nos conduz a outros fatores essenciais da antropologia de Pieper, necessário para compreendermos melhor seu *Musik*.

A admiração envolve um polo positivo e um polo negativo: admiramo-nos porque vemos, entrevemos algo de maravilhoso, mas também porque não chegamos – e nunca chegaremos – a *com-preender*, a abarcar completamente aquilo que nos tocou. É a condição especificamente humana de mistério. Pieper remete a Platão: o filosofar é Eros: “filho de Poro e de Penia, ou seja, da riqueza e da indigência, (...) nunca é rico nem pobre, e se encontra sempre a meio caminho da sabedoria e da ignorância” (*Banquete*, 203)

Também aqui devem ser evitadas as confusões: mistério não deve ser entendido como algo esotérico, mas o mistério do simples, dessa realidade quotidiana que, pelo abalo da admiração, manifesta-se misteriosa: o que é o amor?, o que é a dor?, o que o homem é?

Filósofo algum jamais poderá dar resposta plena e acabada a essas e a tantas outras questões. Eros (o filosofar, o homem) herdou do pai, Poro (a abundância), o desejo de conhecer que, nesta vida, não se realizará plenamente (pois Eros é também filho de Penia – a penúria).

O filosofar, dizíamos, manifesta o que o homem é. E nessa estrutura dual do mistério e da admiração, misto de ter e não-ter, ânsia de posse que não chega a se perfazer (“... amor é sede depois de se ter bem bebido” – Guimarães Rosa) manifesta-se a estrutura ontológica da criatura humana: uma estrutura de esperança, um “não ainda” (*noch nicht*) não-ter-ainda, não-ser-ainda; intermediária entre a plenitude da divindade e a opacidade do bruto.

Nessa estrutura dual, “estrutura de esperança” (*Hoffnungsstruktur*), Pieper, uma e outra vez fala da “realização” humana; sempre por ele entendida não como algo estático, mas permanentemente dinâmico, como *selbstverwirklichungsvorgang*, “processo de auto-realização”, orientado para o Bem, mas passível de desvios e frustrações (o que, como Pieper discute amplamente em *Musik*, pode ocorrer também com a música).

A formação e a educação (*Bildung*) que a música pode – em nível profundo – proporcionar acompanham e comungam desses aspectos.

Quisemos recordar todos esses pontos como meros subsídios – talvez úteis – para a leitura, do *Musik* de Pieper.

## Sobre a Música

Discurso em uma sessão de Bach

Josef Pieper<sup>22</sup>

**Resumo:** Texto clássico de Josef Pieper sobre a relação entre música e filosofar e sua relação com a antropologia filosófica.

**Palavras Chave:** música. filosofar. antropologia filosófica.

**Abstract:** Classical text of Josef Pieper on music and its relationship with the philosophical act and anthropological philosophy.

**Keywords:** music. philosophical act. Philosophical Anthropology.

O fato de que quem filosofa – sobretudo quando se ocupa da dinâmica da formação [*Bildung*] e da realização do ser humano – dedique especial atenção a meditar sobre a essência da música, não é casual nem movido por “interesses musicais” pessoais. Essa atenção especial remete, antes, a uma grande tradição que remonta quase à origem dos tempos, a Platão, a Pitágoras e às doutrinas de sabedoria do Extremo Oriente.



<https://www.balzan.org/en/prizewinners/josef-pieper>

---

<sup>22</sup>. Renomado filósofo, catedrático da Universidade de Münster, falecido em 06-11-97. O original encontra-se em *Werke* Bd. 8,12 . Felix Meiner, Hamburg 2008, 583. Trad.: Sivar H. Ferreira.

E isto não se deve somente ao fato de a filosofia ter por objeto *miranda*, coisas “admiráveis” (para as quais, como afirmam Aristóteles e Tomás de Aquino, deve especificamente se voltar quem filosofa) – não é somente porque a música é *mirandum*, uma das coisas mais maravilhosas e misteriosas do mundo. Não é só, tampouco, pelo fato de que “musicar” é uma atividade da qual se poderia dizer que é um oculto filosofar – um *exercitium metaphysices occultum* – da alma que, sem saber, filosofava, como diz Schopenhauer na sua profunda discussão para o estabelecimento de uma metafísica da música.

O que a música sempre traz – e este é o fato mais decisivo – ao campo de visão do filósofo é a sua *proximidade da existência humana*, uma característica específica que torna a música necessariamente objeto essencial para todos os que refletem sobre a educação humana [*Menschenbildung*].

A pergunta que especialmente fascina o filósofo que medita sobre a essência da música é: o que propriamente percebemos quando ouvimos música? Pois, sem dúvida, trata-se de mais (e de outra coisa) do que os sons resultantes do roçar as cordas do violino, soprar a flauta ou percutir o teclado – isto tudo ouvem também os mais insensíveis. O que é, então, o que propriamente percebemos, quando ouvimos música de forma adequada?

Para as outras artes essa mesma indagação propõe-se mais facilmente – ainda que a pergunta: “O que é que propriamente vemos quando contemplamos o *Rasenstück* de Dürer?” também não seja fácil de responder, pois certamente não é o céspede que se apresenta à vista, na natureza ou numa foto – não é este “objeto “ que nós propriamente vemos, quando observamos um quadro de forma adequada. O que realmente percebemos quando ouvimos um poema, quando apreendemos a poesia de um poema? Certamente é mais (e é outra coisa) do que o que foi “objetivamente” proferido (isto tem sido identificado na poética como uma *impureza*, mas é uma “impureza “ sem dúvida necessária).



*Das Grosse Rasenstück* (1503); Graphische Sammlung Albertina, Viena  
<https://www.amazon.de/Albrecht-Grosses-Rasenf%C3%BCck-Kunstdruck-Lichtdruck/dp/B00OZZNQXY>

Estas perguntas são, pois, igualmente difíceis de responder. Mas e a pergunta: o que se capta quando se escuta música de “maneira musical”? Será que se trata de um *objeto*, como nas artes plásticas ou na poesia – onde sempre *algo* precisa ser representado, *algo* precisa ser dito (algo *objetivo*)? A questão não remete a um objeto neste sentido, mesmo quando até grandes músicos muitas vezes pensem que remeta. Não, não é uma “Cena junto ao riacho “ ou uma “Tempestade “ ou uma “Sociedade alegre dos camponeses “ o que propriamente se capta quando se ouve a sexta sinfonia de Beethoven. E o que ocorre com a “Canção” (*Gesang*)? Não ficaria – pelo menos neste caso – por conta do texto proferido, o que propriamente percebemos quando uma ária ou um recitativo são cantados? Certamente, ouvimos as palavras. Mas percebemos – quando a música é autenticamente grande e quando a ouvimos de maneira certa – um sentido secretíssimo, acima das palavras, um sentido que não percebemos quando somente palavras ouvimos. Este “sentido oculto “ não se encontra ao se ler, como algo falado.

O que é, então, que percebemos com a música ? A música “não fala de *coisas*, mas ascende ‘ao bem e ao mal’ (*Wohl und Wehe*)” – como diz a sentença schopenhaueriana que condensa o que foi dito de diferentes formas através dos séculos. Não seria exato dizer que essa sentença expressa o que foi pensado pela grande tradição de pensamento, mas, sim, que ela abre uma via, que permite penetrar no núcleo desse pensamento. “*Wohl und Wehe*” é algo que se insere no âmbito da vontade, do querer, do *bonum*, do bem, entendido como sentido intrínseco da vontade: “querer” expressa aqui o bem.

Ao afirmar isto, precisamos estar atentos para equívocos de natureza moralista. O que queremos dizer é que o ser do homem é dinâmico; o homem não é simplesmente “existente “. O homem “é “ de tal maneira, que ele é um vir-a-ser – não simplesmente um ente que fisicamente cresce, amadurece, que gradualmente tende para a morte; mas também como ser espiritual está permanentemente em movimento. Ele próprio “acontece”, está “a caminho”. E aquilo, em direção ao qual ele está a caminho (no qual ele “é” e de maneira alguma pode deixar de ser: o homem – consciente ou inconscientemente; quer queira quer não – está intrinsecamente a caminho, “sem ainda” ter chegado). A meta deste ser-a-caminho (*Unterwegssein*), para onde este movimento o impele, é o bem. Mesmo quando o homem faz o mal, o faz buscando um bem.

Quanto a para onde se dirige este insaciável movimento interior, esta inquietação irreprimível que é a última força vital deste ser fático, pode-se também dizer (e a grande tradição da sabedoria ocidental o disse!) que onde este ímpeto quer chegar é à felicidade; sobretudo no seu querer consciente, mas mesmo no mais profundo núcleo da vontade, queremos a felicidade: a isso queremos nos elevar!

Ao falarmos da vontade, incluímos o próprio processo de desenvolvimento, no qual – nos passos infinitamente ajustáveis do ritmo interior, em mil desvios reais ou aparentes – nos aproximamos da meta, sem nunca a alcançarmos. Ambos, meta e caminho, não são exprimíveis em palavras. Agostinho dizia “‘Bem’ – tu escutas esta palavra e respiras fundo, tu a ouves e suspiras”. E ele afirma que o homem não pode exprimir em palavras o sentido mais profundo, a riqueza que se esconde na noção de “bem”, assim como sua completa realização: “Dizer, não se pode; calar, também não... Mas o que fazer, se não é possível falar e não dá para calar? Exultai! *Jubilate!* Levantai a voz sem palavras da vossa profunda felicidade!”. Esta “voz sem palavras” (ou uma de suas formas) é: a música! Contudo, ela não é só a voz da felicidade, mas também a voz sem palavras da infelicidade, da carência pela ausência, da frustração, da tristeza, do desespero (a meta não é alcançável sem mais, pois pode ser íngreme e também pode ser dada por perdida!). No desenrolar mais profundo da realização do

ser, mesmo onde a linguagem não se expressa, encontra-se esse impulso natural (também do espírito!). “Daí se segue”, diz Kierkegaard “que a música se acha relacionada à fala, tanto precedendo, como sucedendo, manifestando-se como primeiro e como último”. A música produz um âmbito de silêncio; nela, a alma entra “nua”, por assim dizer, sem a “veste” da oralidade “que se enrasca em todos os espinhos” (Paul Claudel).

A essência da música, dizia, foi vista de muitas maneiras na tradição ocidental: como um discurso sem palavras do “bem e do mal”; como um manifestar-se sem palavras daquele processo da mais íntima auto-realização; como o devir da pessoa moral; como o querer em todas as suas formas; como o amor. Foi isto talvez que Platão quis dizer com a frase: a música “imita o movimento da alma”; e Aristóteles: a música é ordenada ao ético e semelhante a ele. Na sua esteira, acham-se as exposições de Kierkegaard, de Schopenhauer e de Nietzsche – quando dizem que a música “expressa continuamente o imediato através do seu imediatismo”, ou: de todas as artes, somente a música representa propriamente a vontade (Schopenhauer); ou: na música, soa “a natureza transformada em amor “ (Nietzsche, interpretando Wagner).

Ocorre então – apesar de tudo, pode-se dizer – que o processo de realização existencial interior do homem (que na música – como, por assim dizer, em sua “matéria” – , atinge sua expressão), que ambos – música e processo – também têm em comum isto: decorrem no tempo.

Mas “a música” não é um fazer impessoal objetivo; ela é “feita” completamente por compositores individuais e isto significa também que se podem distinguir milhares de formas diferentes de tais realizações interiores como criações musicais e (já que o devir interior da pessoa moral não é uma realização natural inexorável, mas uma realização que se dá sob a ameaça de incontáveis riscos e perturbações) também milhares de formas de falsificação, de distorção, de confusão. Pode-se representar musicalmente: a presunção banal que se satisfaz com a fácil obtenção dos bens mais vulgares; a negação da orientação fundamental do homem; o desespero da possibilidade de que a realização interna do homem possua um fim em si, ou que ele possa ser atingido. Pode também, como no “Doutor Fausto” de Thomas Mann, dar-se a música dos niilistas, cujo princípio é a paródia e realiza-se com o “auxílio do diabo e do fogo infernal na caldeira”.

Precisamente este perigo ao se fazer música, estas possibilidades de degeneração já haviam sido observadas pelos antigos muito claramente, sobretudo por Platão e Aristóteles, que procuraram obstruí-las. Assim, a *proximidade da existência humana* como característica distintiva da música, não significa somente que os acontecimentos básicos da existência – tanto autênticos como inautênticos, justos ou injustos – estejam relacionados ao músico criador e sua obra: colocá-los em música. Não significa, tampouco, somente que exista música autêntica e grande, e inautêntica e banal e, como acontece do “outro lado”, do lado do ouvinte, uma relação, por assim dizer, neutra, de captar ou não captar, de aplaudir, de concordar ou não concordar.

Não, a tal proximidade da existência humana significa muito mais: significa que a música expressa *imediatamente* o imediato dos processos humanos existenciais e o ouvinte, neste nível profundo, no qual a auto-realização acontece, é atingido e convocado. Nesta profundidade, para muito além de qualquer enunciado formulável, vibra imediatamente a mesma corda que também é tangida na música ouvida.

Aqui, vem à tona como e quanto a música tem que ver com a formação ou também com a frustração da realização humana – ambas *antes* de qualquer esforço consciente de formação, ensino e educação. Torna-se evidente também, a necessidade de uma preocupação com estes processos muito imediatos de influência – como a

tiveram Platão e Aristóteles, enquanto nós mal podemos entender como esses grandes gregos, nos seus escritos éticos, ou mesmo nos políticos, trataram de música.

A música é, diz Platão, não somente um “meio para formação do caráter”, mas também um meio para a “reta configuração das disposições da lei”. “Vê-se a questão”, assim diz no diálogo sobre o Estado, “como uma mera questão de deleite, como se não pudesse causar dano algum”; o decisivo seria então o prazer do ouvinte; pouco importando se “moralmente presta para alguma coisa ou não”, isto é, tanto faz que uma pessoa seja interiormente dirigida de modo reto ou não. Esta opinião é chamada, com grande seriedade, de mentirosa no trabalho de velhice de Platão, *As Leis*. Não é possível transformar a música sem que as mais importantes leis da vida do estado sejam afetadas. Isto foi ensinado – diz Platão – já por um famoso teórico da música entre os gregos (Damon) e ele está convencido de que é verdade. Evidentemente, não queria se referir ao lado “jurídico” da constituição do Estado, mas ao lado, sem dúvida real, da constituição interna da coisa pública, tendo em vista a realização do bem. Assim, reflete muito séria e pormenorizadamente sobre que formas musicais e mesmo que instrumentos devam ser banidos da comunidade; a Idade Média também conheceu até a época de Bach instrumentos “indecorosos”. Os casos concreto não são aqui de maior importância; naturalmente, há neles muito de específico da época. O que é decisivo, porém, é ver (e aplicar!) a conexão intrínseca que existe entre a música ouvida e tocada por um povo de um lado e, de outro, a existência interna deste povo – hoje não diferentemente do que no tempo de Platão!

Certamente nós pertencemos àqueles que, como diz Platão, enxergam todo o campo musical como uma “mera recreação” – enquanto, na verdade, a música efetivamente tocada e ouvida – junto com o *ethos* da existência humana interior – cai numa desestruturação calamitosa, quanto menos a pessoa se preocupa com sua realização autêntica. E os fatos constantemente encontrados mostram que nunca uma autêntica instância da possibilidade da ordenação da música omite o conteúdo de uma viva ordenação interior do homem.

Quem, então, dirige o olhar para a realidade empírica da vida comum e medita sobre como a mediocridade da alegria barata da música de “entretenimento” tornou-se um fenômeno geral e público, vê a correspondência fiel – no âmbito da existência interior – de sua banalidade de auto-enganar-se e apresentar o bem como já alcançado: “a gente vai tocando”, no fundo “está tudo em ordem”.

O mesmo se dá em quem considera o espaço que os ritmos de uma música primitiva de ruído, uma música “para escravos” (como diz Aristóteles) vai conquistando e exigindo – na medida em que ambas as formas (a música das “alegres melodias baratas” e a do ruído surdo) se legitimam como música de entretenimento, isto é um meio de preencher o vazio e a monotonia da existência. E mais: há aí um ciclo vicioso entre o vazio existencial e a banalização da música, um clamando pelo outro e ascendendo como acontecimentos públicos e gerais.

Nessa mesma linha, deve-se meditar também sobre a procura e o gozo de uma música possivelmente de nível incomparavelmente elevado como um meio de encantamento, de evasão da realidade, como uma espécie de pseudo-salvação, como um deslumbramento “de fora para dentro” (como disse Rilke) e que há música, mesmo grande música, que pode nos propiciar isto.

Quem finalmente reflete sobre o fato de que a paródia da criação, a música nihilista do desespero de grandes virtuosos, não existe somente em romances como “Doutor Fausto”, de maneira que foi possível dizer, com toda a seriedade, que a história da música ocidental seria a “história do desvirtuamento das almas”; quem, assustado, medita nisto tudo, tendo como base o fato de que na música, a existência interior se desvela em sua nudez e se mostra (e precisa mostrar-se) sem simulação;

enquanto ela – a existência interior – recebe em troca, da mesma música, impulsos diretos, tanto construtivos como destrutivos; quem vê isto e pondera estes fatos, experimenta a sensação especial e nova de felicidade que dá a música de Johann Sebastian Bach (também ela, precisamente ela e ainda ela).

Certamente isto não acontece em nós assim sem mais, por si só: depende de nós percebermos o caráter dessa música; experimentarmos este caráter na imediação de nossa alma, como resposta a cordas que vibram por sintonia – num energia nova, clara, fresca, da existência interior; na rejeição de meras realidades aparentes, na sóbria vigilância do olhar que, no gozo de harmonias arrebatadoras, não se afasta da realidade da vida atual . E no voltar-se perseverante, inabalável, esperançoso para o “Bem”, bem sereno, cheio de graça, ao qual a música de Bach glorifica com sua “voz sem palavras” e sua bem-aventurada alegria sonante.

## Alfonso López Quintás nas revistas do Cemoroc (e estudos sobre ALQ)

Jean Lauand<sup>23</sup>

**Resumo:** Por ocasião da celebração do 25º aniversário (em 2022) e do No. 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em [www.hottopos.com](http://www.hottopos.com), a Editora pediu a seus editores, um artigo de retrospectiva de publicações importantes de sua história. Neste artigo recordamos as inúmeras contribuições do filósofo espanhol Alfonso López Quintás – e as de seus colaboradores e discípulos – para as revistas de nosso Centro.

**Palavras Chave:** Cemoroc; revistas; Alfonso López Quintás.

**Abstract:** To celebrate this 25<sup>th</sup> anniversary of Cemoroc's journals (in 2022), the publisher has asked editors to write an article summarizing some of our most important publications. In this article, we present the links to some articles (interviews and lectures) by the Spanish philosopher Alfonso López Quintás and by some of his collaborators.

**Keywords:** Cemoroc. journals. Alfonso López Quintás.

### Introdução

É uma grande honra elencar aqui as matérias que figuram, em nosso Cemoroc, de e sobre o notável filósofo espanhol Alfonso López Quintás (abreviarei por ALQ), um amigo da primeira hora de nosso Centro.

Como recordo em outro artigo neste volume, ALQ participou de nosso I Seminário Internacional (2001) e colaborou nos primeiros números de nossas principais revistas e mesmo no No. 1 de *International Studies on Law and Education* (1999) e de *Convenit Internacional* (2000).

Conheci a D. Alfonso em maio de 1989, em sua casa em Madri, apresentando-me como professor da Universidade de São Paulo, que ia orientar um par de doutorados sobre sua obra. ALQ recebeu-me com grande simpatia e generosidade: além de conceder-me uma entrevista que logo publicaríamos, ele ofertou-me – não aceitando mais do que um pagamento simbólico – uma coleção de sua extensa obra completa (incluindo dezenas de fitas de vídeo e de áudio e dezenas de livros, alguns antigos e raros). E desde então começou a enviar diversos originais seus – com exclusividade para nossa editora –, que temos publicado, despertando muito interesse por parte do público leitor.

No final daquele ano, Don Alfonso veio a São Paulo e aceitou o convite para dar uma aula na Feusp, para meus alunos do 2º. ano da disciplina Filosofia da Educação II: “A formação adequada à configuração de um novo humanismo”, cujo texto viria a ter enorme repercussão internacional.

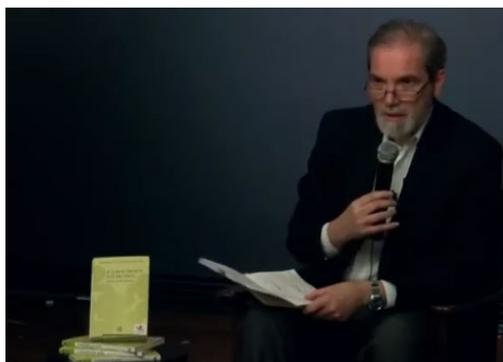
---

<sup>23</sup>. Fundador e presidente do Cemoroc – Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do Dep. de Filosofia e Ciências da Educação da Feusp e editor de suas revistas. Professor Titular Sênior da Faculdade de Educação da USP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. [jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br)



JL e ALQ em sua casa em Madri. (02-01-2004)

De fato, meu orientando Gabriel Perissé defendeu o doutorado na Feusp em 2003: “Filosofia, Ética e Literatura: a Proposta Pedagógica de Alfonso López Quintás”, mas já desde antes (ambos participaram juntos em 2001 no I Seminário Internacional Cemoroc) tem mantido estreito e contínuo contato com ALQ e é seu principal tradutor e editor no Brasil.



Perissé em palestra de lançamento da “Coleção López Quintás”  
<https://www.youtube.com/watch?v=IugyiHbz8wA>



ALQ no I Seminário Internacional Cemoroc – Perissé é o último à dir.

Os artigos de Gabriel Perissé em nossas revistas constituem uma ampla e variada “quintasiana”, referência obrigatória para todo pesquisador da obra de ALQ.

ALQ também nos apresentou uma de suas principais colaboradoras, María Ángeles Almacellas, que já desde o No. 3 de Conventit Internacional muito tem colaborado com as revistas do Cemoroc.



Prof. Dra. María Ángeles Almacellas

Completam as indicações deste artigo, as contribuições de Cecília Canalle e de Sílvia Regina Brandão. E esta defendeu o doutorado na Feusp sob minha orientação em 2005: “O método formativo de Alfonso López-Quintás: fundamentos filosóficos e experiência educativa”.



Cecília Canalle com a Dra. Ángeles Almacellas (Madrid 02-04-2003)

## Artigos, conferências e entrevistas de ALQ



<https://es.catholic.net/op/articulos/73115/una-antropologia-dialogica.html#modal>

Entrevista (a Jean Lauand): a filosofia da educação e a reforma curricular.

<http://www.hottopos.com/harvard1/quintas.htm>

Entrevista a Alfonso López Quintás (a Cecília Canalle).

<http://www.hottopos.com/videtur20/quintas.htm>

A Experiência Estética, Fonte Inesgotável de Formação Humana.

<http://www.hottopos.com/videtur19/quintassilvia.htm>

Como obter uma formação integral.

<http://www.hottopos.com/seminario/sem2/quintaspt.htm>

A Manipulação do Homem através da Linguagem.

<http://www.hottopos.com/mp2/alfonso.htm> (trad. ao chinês da Dra. Ho Yeh Chia:

<http://www.hottopos.com/mp2/alfonchingraf.htm>)

A formação adequada à configuração de um novo humanismo –Parte I.

[http://www.hottopos.com/isle31\\_32/183-188Quintas.pdf](http://www.hottopos.com/isle31_32/183-188Quintas.pdf) (trad. ao chinês da Dra. Ho Yeh Chia: <http://www.hottopos.com/convenit/chin.htm>)

A formação adequada à configuração de um novo humanismo –Parte II.

<http://www.hottopos.com/isle33/61-74Quintas2.pdf>

La Manipulación del Hombre a Través del Lenguaje.

<http://www.hottopos.com/harvard3/alfonso.htm>

La Vida Ética y el Desarrollo de la Persona según Romano Guardini.

<http://www.hottopos.com/harvard4/quintas.htm>

La Experiencia Estética, Fuente Inagotable de Formación Humana.

<http://www.hottopos.com/convenit6/quintasarte.htm>

La Tolerancia y la búsqueda en común de la verdad.

<http://www.hottopos.com/mirand11/quintas.htm>

Cómo Lograr una Formación Integral.

[http://www.hottopos.com/harvard1/como\\_lograr\\_una\\_formacion\\_integr.htm](http://www.hottopos.com/harvard1/como_lograr_una_formacion_integr.htm)

El Análisis Literario y su Papel Formativo.

<http://www.hottopos.com/convenit/lq1.htm>

La nueva imagen de Romano Guardini, y su fecundidad para el momento actual.

<http://www.hottopos.com/convenit/lq2.htm>

### **Artigos de María Ángeles Almacellas**

Entrevista: María Ángeles Almacellas Bernadó Entrevista (a Cecília Canalle).

<http://www.hottopos.com/videtur22/angeles.htm>

Elogio de la Palabra de Joan Maragall - a la luz de la Estética de la Creatividad de Alfonso López Quintás.

<http://www.hottopos.com/harvard3/angeles.htm>

Educar la Inteligencia.

<http://www.hottopos.com/spcol/autores/almacellas.htm>

La formación ética de niños y jóvenes a través de la literatura y el cine.

<http://www.hottopos.com/convenit3/angels.htm>

Formación para la Paz, la Justicia y la Solidaridad.

<http://www.hottopos.com/videtur20/angeles1.htm>

Inmigrantes en la Escuela Católica: Incomodidad, Compromiso y Oportunidad.

<http://www.hottopos.com/vdletras7/angeles.htm>

Los Cuentos de Charles Perrault y su Carácter Formativo.

<http://www.hottopos.com/videtur26/angeles.htm>

Medios Audiovisuales en la Escuela y Formación de Espectadores Críticos.

<http://www.hottopos.com/videtur20/angeles2.htm>

### **Artigos de Gabriel Perissé**

Traducir a Alfonso López Quintás.

<http://www.hottopos.com/rih46/187-194Perisse.pdf>

Pressupostos filosóficos da “cultura do encontro” no pensamento pastoral do papa Francisco.

<http://www.hottopos.com/isle27/29-36Gabriel.pdf>

Traduzir Alfonso López Quintás.

<http://www.hottopos.com/isle23/61-68Perisse.pdf>

Encontro e literatura em Alfonso López Quintás.

<http://www.hottopos.com/rih37/83-90Gabriel.pdf>

A pedagogia do encontro e o professor que contava mil histórias.  
<http://www.hottopos.com/isle21/71-78Perisse.pdf>

Pensar com criatividade: a proposta filosófica e pedagógica de Alfonso López Quintás.  
<http://www.hottopos.com/isle13/77-84Gbrl.pdf>

Alfonso López Quintás: uma reaproximação crítica.  
<http://www.hottopos.com/isle12/77-84gabriel.pdf>

O objeto e o âmbito no pensamento de López Quintás - análise do poema-música de Sérgio Bittencourt.  
<http://www.hottopos.com/convenit/lq3.htm>

As experiências reversíveis segundo López Quintás - análise de um poema de Cassiano Ricardo.  
<http://www.hottopos.com/convenit4/perisse.htm>

### **Outroa artigos sobre Alfonso López Quintás**

Sérgio Oliveira dos Santos “*Ser-motricio* e as realidades ambíais”.  
<http://www.hottopos.com/notand46/7sergiof.pdf>

Sílvia Regina Brandão “Alceu e Quintás; a verdade emana do real”.  
<http://www.hottopos.com/vdletras6/silvia.htm>

Jean Lauand “Alfonso López Quintás – un Pensador para Brasil”.  
<http://www.hottopos.com/rih7/jean.htm>

Ho Yeh Chia “López Quintás e o humanismo em clave chinesa”.  
<http://www.hottopos.com/convenit/lq4.htm>

## A formação adequada à configuração de um novo humanismo – Parte I

Alfonso López Quintás<sup>24</sup>

(Trad. de Ana L. C. Fujikura e edição de Jean Lauand)

**Resumo:** Voltamos a publicar, vinte anos depois, a atualíssima conferência, em duas partes, proferida pelo conhecido filósofo espanhol na Faculdade de Educação da USP (26-11-99) sobre os ideais da Educação para a atualidade.

**Palavras-Chave:** educação. humanismo. antropologia. fins da educação. ideais da educação.

**Abstract:** Lecture on Education to the Faculdade de Educação of the Universidade de São Paulo, by the outstanding Spanish philosopher.

**Keywords:** education. anthropology. humanism. educational ideals.

Boa tarde a todos. Antes de mais nada, quero agradecer muito cordialmente o convite para estar aqui com vocês; convite feito pelo Prof. Lauand e também pelo Prof. Severino. E agradecer ao Departamento de Filosofia da Educação.

O grande cientista e humanista Albert Einstein disse, pouco antes de morrer, esta dramática frase: “a força desencadeada pelo átomo transformou tudo, menos nossa forma de pensar. Por isso, caminhamos rumo a uma catástrofe sem igual”. E qual é a forma de pensar, a mentalidade, que deveríamos ter mudado para evitar essa catástrofe?

A cada dia que passa, me convenço mais de que o momento atual da humanidade – não em função da mudança de milênio, que não possui maior importância – é o mais propício para que pensemos séria e detidamente sobre essas questões: Qual é a nossa maneira de pensar? Qual é o ideal que temos na vida? Para onde direcionamos a vida? Qual é a meta?

Muitos livros de ética – até mesmo livros didáticos – tratam de muitos temas: liberdade, solidariedade, tolerância, amor etc. etc., temas que são importantes... Mas, não se diz uma palavra sobre o ideal da vida. Apesar disso, alguns pedagogos dizem: mais importante na vida é a meta que se quer alcançar. E isso parece lógico, como veremos.

---

<sup>24</sup>. Alfonso López Quintás estudou filosofia, filologia, teologia e música em Salamanca, Madri, Munique e Viena. Teve entre seus professores Alois Dempf, Romano Guardini e Ernesto Grassi, e veio a se tornar um dos mais prestigiados catedráticos da Universidade de Madrid. Ajudou a fundar o Seminário Xavier Zubiri, integrou o Comitê Executivo da Federação Internacional de Sociedades de Filosofia (organizadora dos congressos mundiais de filosofia) e foi eleito membro da Real Academia Espanhola de Ciências Morais e Políticas, da Academia Internacional da Arte (Suíça) e da Sociedade Internacional de Filosofia (Armênia). Foi homenageado pela Universidade Anáhuac (México) com a criação da Cátedra de Criatividade e Valores Alfonso López Quintás. É fundador da Escuela de Pensamiento y Creatividad.

Durante quatro séculos, desde o início da grande ciência moderna (digamos, século XVI) até começos do século XX, qual foi o ideal – o ideal de vida, a meta – que impulsionou a todos aqueles que criaram a grande ciência, a grande técnica? Este ideal era expresso pelo chamado “mito do eterno progresso”: pensava-se que algum conhecimento científico produziria um pouco de conhecimento técnico; um pouco de conhecimento técnico produziria algum domínio da realidade, a criação de artefatos, de bem estar e – era assim que se pensava – um pouco de conhecimento científico garantiria, portanto, um pouco de felicidade. Elevando-se essa progressão à enésima potência, pensava-se que a um elevado nível de conhecimento científico corresponderia uma medida correlata de técnica, domínio da realidade, de bem estar e de felicidade. Contudo, no começo do século XX, em 1914, quando o conhecimento científico era assombroso, não encontramos a felicidade humana mas o desastre coletivo: 1914-1918, milhões de jovens inocentes perderam a vida nas terríveis trincheiras, fruto de um erro de seus antepassados.



Conferência de D. Alfonso na Faculdade de Educação da USP em 2001, no I Seminário Internacional Cemroc Filosofia e Educação. Desde 1997, ALQ escreve frequentemente para as revistas do Cemroc

Qual é o erro? Que a ciência produz técnica e bem estar?! Não! Onde reside então o erro? Em pensar que a ciência e a técnica produzem automaticamente felicidade. A questão é: ciência e técnica produzem bem estar, sim, mas... para quem? Para mim, para mim, para mim, para o meu povo. Trata-se, então, de um egoísmo, individual ou coletivo – o que dá no mesmo: há um egoísmo coletivo, igualmente perigoso. Esquecem-se de que a técnica e a ciência, destinadas egoisticamente ao nosso próprio bem estar, não conduzem à felicidade, como se pôde verificar, tragicamente, em 1914.

Reparem, a partir de 1918, nessa prodigiosa década de 20 a 30 (como sabem, a filosofia avança por décadas), onde surgem inúmeros caminhos – filosóficos, fenomenológicos, dialógicos etc. –, há muitos autores, grandes pensadores – um Guardini, um Buber, um Heidegger, um Jaspers... – que, ao escrever, transmitem praticamente uma mesma ideia fundamental: é preciso mudar!

Mudar o ideal. Vejam, uma sociedade, uma pessoa, pode viver sem ideal? Sim, mas estará como um barco à deriva, em meio a uma tempestade. Um indivíduo, uma sociedade sem ideal, realmente estão perdidos.

A partir de 1918, o ideal da Idade Moderna desmoronou totalmente. Este grande pedagogo, este grande pensador, que foi meu professor em Munique, Romano Guardini, disse-me pessoalmente em uma ocasião: “você não imagina como encontrei a juventude alemã, nos anos 30, quando cheguei em Munique para dirigir o Movimento de Juventude Alemã (o famoso *Jugendbewegung*). Essa juventude – tão cheia de vida e de energia, como o são os jovens alemães – não possuía outro ideal na vida que não encerrar-se nos bares, encher o ar com fumaça de cigarro, embebedar-se com cerveja e jogar cartas”. Não possuía mais ideal, depois de quatro séculos promovendo a ciência e a técnica para ser mais feliz... e, ao final, desembocar na hecatombe. O ideal rompeu-se. Daí aqueles autores dizerem sempre: o ideal deve ser mudado!

O ideal do domínio deve ser substituído pelo ideal da solidariedade: o que importa não é que eu te domine ou que esta nação domine outra, mas, sim, que lhe seja solidária. O ideal da arrogância deve ser substituído pelo ideal da simplicidade. O ideal do ter deve ser substituído pelo ideal do ser. O ideal que consiste em dominar os outros, em ser mais que os outros, deve transformar-se em um ideal de serviço.

Era justamente isso que nos propunham, por exemplo, Heidegger, quando falava de passar da vida inautêntica à vida autêntica, e também Jaspers ou Marcel, que postulava passar do problema ao mistério: no fundo, todos estão a dizer que se deve mudar o ideal. Pois, como veremos em seguida, tudo depende do ideal: conforme seja o ideal, assim será o seu sistema de valores.

Com um novo ideal, tudo muda. Mas..., o ideal mudou? Para algumas pessoas, sim; para alguns grupos, sim; mas, para a sociedade em conjunto, não; para os dirigentes, não. E veio a Segunda Guerra Mundial. Todo o período de entreguerras foi dedicado à preparação da vingança: e chegou 1939 e a Europa cobriu-se de escombros.

Eu me lembro que, quando jovem, fui à Alemanha – eu tinha 23 anos e a Segunda Guerra Mundial terminara há 5 anos –, cheguei de trem em Colônia e ali me deparei, diante da estação, com a grande mole da famosa catedral – uma imagem guardada na retina desde que, criança, a vira nos livros: a grande catedral gótica – vestida como uma grande dama de luto: fora castigada pelas bombas e, à sua volta, somente ruínas (incluindo as famosas igrejas românicas que circundam a catedral: todas no chão). Eu costumava ir da minha residência à universidade passando no meio daquilo tudo... – não havia ruas, não havia casas – e as crianças questionavam se, algum dia, houve casas ali: cinco colinas surgiram com os escombros; preencheram-nas com terra e agora eram parques... e os jovens passeavam por eles sem saber que, logo abaixo, estavam as casas e, muitas vezes, os cadáveres de seus parentes.

Eu me perguntava então: como foi possível que a grande Europa, que criara tanta ciência, arte e cultura, pôde destruir-se a si mesma com tal frenesi, com tal fúria?

E encontrei a resposta em um grande antropólogo vienense, um professor de escola primária, Ferdinand Ebner, que, em 1921, publicou uma obra genial (que a editora Herder recusou-se a publicar por ter a “genial” intuição de que sua obra não era filosofia, mas, quando muito, teosofia) A palavra e as realidades espirituais, fonte inspiradora da melhor antropologia filosófica do século XX: grandes autores como Theodor Haecker, Romano Guardini, Karl Rahner e tantos outros valeram-se de Ebner (nem todos o citam, certamente, pois citar exige, às vezes, humildade...). Ebner, em 1921, já dissera: “Cuidado! A Europa criou uma grande cultura, mas, muitas vezes, essa cultura é simplesmente sonhar com o espírito e não viver vida espiritual”. Esta ideia é muito importante: a Europa criou muita música, muita literatura, muita arquitetura – fantástico... Mas essa arte será sempre vida espiritual ou é, simplesmente, sonhar com o espírito? Há uma diferença. Ebner acrescenta: se compreendêssemos

bem essa ideia, haveria uma revolução em toda a Europa, que daria lugar a uma cultura humana, portanto a um homem novo, a uma época nova, uma época pós-moderna. Desde 1918, estamos dizendo que a Idade Moderna acabou...: um rico período – não nos esqueçamos – que produziu, para a Europa e para todo o mundo, benefícios e avanços fantásticos na ciência, na técnica, na Medicina... Devemos reconhecer e assumir esse fato. Agora, Ebner nos diz: nem tudo que se considerava cultura era cultura do espírito; mas, sim, sonhar com o espírito. E ainda mais: não serei eu quem fará essa revolução (ele era um homem doente, sem forças, era um professor de uma escola do interior); virá alguém que a fará (possivelmente vocês...).

Ebner, então, deu-me uma pista para entender por que a Europa, tão rica em cultura, destruiu-se a si mesma. Muitas vezes, a cultura é entendida de uma maneira desligada da criação de vínculos pessoais: uma pessoa pode ser um grande poeta, pode ser um grande músico e ser cruel com os outros... Esta pessoa é culta? Não me é fácil aceitar! Certa ocasião, participei de um congresso sobre arte com uma pessoa que era um grande poeta, um crítico de arte muito bom, um homem educado; eu havia dado uma conferência e ele, outra. E, na manhã seguinte, ele sugeriu: vamos ver os jornais! E vimos o artigo de um jovem jornalista, que falava sobre a minha conferência, mas não sobre a dele (possivelmente porque só chegou a tempo de assistir a minha e não a dele – não sei... –; não foi por má vontade: era apenas um jovem que começava a carreira...).

E aquele homem, um grande poeta, irritou-se tanto que passou a agredir aquele pobre jornalista, insultando-o, dizendo-lhe que não tinha tido o desprazer de conhecê-lo. Eu fiquei estupefacto, com as mãos na cabeça (aliás, passo a vida com as mãos na cabeça...), pensando: mas não dizíamos que a arte forma as pessoas? Na Espanha, agora, gastam-se milhões e milhões de dólares ao ano com arte, esporte etc. Dizem que o esporte forma, que a arte forma... E eu me pergunto: forma incondicionalmente ou só em certos casos? Eu, diante da reação daquele colega, dediquei-me, então, a estudar como um homem tão culto, refinado e bom poeta podia ser tão cruel com os outros. Eu tentava acalmá-lo, segurava o seu braço pois queria bater no jornalista. Quanto mais eu tentava acalmá-lo, mais ele se enfurecia e quase passou a me bater...!

A autêntica cultura, em que consiste? Escrever crítica de arte? Fazer poesia? Sim, mas, acima de tudo, consiste em cultivar as relações pessoais: é isto que Ebner nos diz. Quando começa a autêntica vida espiritual? Quando há uma palavra dita com amor e não com ódio: uma palavra dita com ódio destrói a cultura. E não se dá a devida importância a isto. Um professor, por exemplo ( façamos um pouco de autocrítica), que dá aulas brilhantes, que possui muitos conhecimentos, mas não cria um ambiente de diálogo na escola, um ambiente de encontro, estará realmente fomentando a cultura ou somente fomenta a informação?

E veio então a Segunda Guerra Mundial. Foi terrível como a Europa ficou, a catástrofe física... Vocês sabem quantos jovens russos morreram na frente de batalha? Dezesete milhões! E sete ou oito milhões de alemães, e não se sabe quantos ingleses, americanos, australianos... Não se sabe! Um oficial do exército norte-americano, que desembarcou na Normandia, disse-me: “Nunca saberemos e nunca será revelado quantos morreram ali, pois nós, que avançávamos pela praia, só conseguíamos avançar graças às pilhas de cadáveres dos companheiros, já que a praia era aberta e os alemães atiravam, não desperdiçando uma só bala”.

Um massacre terrível... Mas a catástrofe moral, a derrocada moral foi pior. Depois de 1945, dizíamos: não há solução, não haverá um meio de vencer o ódio. Esta era a questão.

Houve empenho, depois de 1945, para destruir o ódio: tivemos a sorte de contar com três dirigentes: Schumann, Adenauer e De Gasperi que – vamos reconhecer porque realmente foi assim – disseram: a Europa foi cristã, o cristianismo é amor e, nós, europeus, temos que esquecer o ódio e viver o cristianismo. E, nesse momento, propuseram unir novamente a Europa. Pensávamos que seria impossível e não foi: já nos unimos no aspecto econômico, agora no aspecto político, mas falta o aspecto espiritual, unirmo-nos pessoalmente... Eu ousaria dizer: amarmo-nos.

Até pouco tempo, dizia-se: como um francês pode deixar de odiar os alemães ou vice-versa? Ou um inglês deixar de odiar um francês? E todos eles..., os italianos? Pois agora vemos que é possível com um novo humanismo. E tantos autores nos disseram: é necessário um novo homem, o homem que prefira o amor ao ódio, o homem que se pergunte todas as manhãs: “A que estou chamado? A destruir ou a construir? A amar ou a odiar?”

Eu estou cada vez mais convencido (isto parece simples, mas é muito sério) que, a cada manhã, devemos nos perguntar: “A que me sinto chamado?”. Está aí a vocação; vocação vem de *vocare*, chamar. Bom, para não ficar só no negativo...: isto parecia impossível na Europa, mas agora já estamos sentindo que somos irmãos! Nós, espanhóis, que sempre estivemos em luta contra os ingleses, estamos nos unindo e percebendo que os ingleses são estupendos (e, agora, milhões de ingleses vêm à Espanha) e, eles, por sua vez, vêm que não somos assim tão maus...

Mas reparem bem, já está crescendo na Europa a ideia de que, quando estivermos unidos – e seremos muito fortes, sem dúvida alguma –, a Europa não poderá fechar-se em si, terá que abrir-se com amor aos outros continentes. Fala-se muito seriamente, agora, da união da Europa com a África – que é nossa vizinha – e até mesmo com a Ibero-América. Não podemos nos fechar. Para que queremos ter muita força?! Para poder competir com os norte-americanos e com os grandes do Oriente – o que é necessário para que haja um equilíbrio... Mas o ideal é de domínio: o ideal é ser mais que o Japão, mais que os Estados Unidos. E muitas pessoas pensam assim, enquanto outras, não: o ideal ideal requer um equilíbrio de forças para a solidariedade.

Por exemplo, os africanos estão tentando vir à Europa; claro, na Europa, há um nível de vida superior ao deles. E os coitados vêm em barcos..., como podem... e muitos naufragam. E há um movimento fantástico na Espanha que diz: isto não pode continuar assim! Estas pessoas que, com boa vontade, vêm em busca de um trabalho, não podem morrer no mar. O governo espanhol disse, alguns dias atrás, e foi aceito pelo Parlamento, que fará contratos com países do norte da África e também da Ibero-América – aqueles que quiserem – para aceitar dois milhões de imigrantes na Espanha, legalmente; porque, hoje, há muitos ilegais, com muitas dificuldades.

Abrir-se e criar unidade: isto é um bom futuro! Todos pensam assim e temos que trabalhar para conseguir isso. Em 1962, Romano Guardini – este grande pedagogo e pensador ítalo-alemão – foi a Bruxelas receber o prêmio de melhor humanista europeu e proferir uma preciosa conferência: *Europa, realidade e tarefa*. Ao terminar a conferência, disse: “A Europa criou, durante séculos, uma magnífica cultura do poder; agora, tem a tarefa de criar uma cultura de serviço” – exatamente uma guinada de 180 graus: do poder ao serviço – e acrescentou: “Que nenhum europeu tenha medo da palavra serviço, pois este tipo de serviço não avilta, não rebaixa; eleva, dignifica a um e a outro: ao que presta o serviço e ao que aceita esse serviço, colocando-nos em atitude de solidariedade”.

Este é o caminho. Em filosofia, em antropologia, se está agora – e já há muitos anos – ressaltando muito a seguinte ideia: os homens – vocês e eu – não são como uma circunferência, com o centro no “eu”, do qual equidistam todos os pontos, tudo

servindo ao eu... Essa é uma ideia egoísta do ser humano. Hoje, tende-se a pensar que o ser humano deve ser representado como uma elipse, possuidora de dois centros: o eu e o tu, que apresentam um dinamismo reversível nos dois sentidos: eu preciso de você e você precisa de mim. Essa ideia – e o pensamento biológico a tem ressaltado muito – é importantíssima: Ebner, Buber, Guardini, Levinas, Nedoncelle e muitos outros autores a tem enfatizado muito...

Muito bem, o que nós devemos fazer agora para que esta orientação que, poderíamos dizer, está começando, de uma maneira bastante forte, em muitos países, esta orientação rumo à unidade e não à luta? O que deveremos fazer, sobretudo vocês, os jovens – que têm toda a vida pela frente, toda energia e talento –, o que teremos que fazer?

No meu modo de ver, devemos ter tudo isto bem fundamentado. E fazer ver – aos líderes, aos políticos, aos diretores de jornais, aos dirigentes culturais e econômicos – o ser humano, que é – como o afirma a melhor ciência atual – um ser de encontro.

E sobre essa teoria do homem, falaremos na segunda parte.

## Uma homenagem do Cemoroc a Paulo Ferreira da Cunha

**Jean Lauand**

Prof. Titular Sênior da Feusp. Fundador e presidente do Cemoroc EDF-Feusp

Em boa hora o Cemoroc – Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – promoveu esta edição especial de *International Studies on Law & Education*, nos quadros de nosso *XXI Seminário Internacional Filosofia & Educação*, dedicado a homenagear muito justamente o Professor Doutor Paulo Ferreira da Cunha (também por ocasião de sua nomeação para a Suprema Corte de Portugal).

Antes desta edição, já o Prof. Dr. João Relvão Caetano e eu, tínhamos publicado, como organizadores, dois alentados volumes da prestigiosa Editora Kapenke: “Pensar, Ensinar e fazer justiça – Estudos em homenagem a Paulo Ferreira da Cunha”, com 82 estudos de intelectuais, acadêmicos e artistas, sobre este notável pensador. Essas obras encontram-se disponíveis no site do Cemoroc: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page5.htm>.



Por ocasião de sua posse (em 04-07-2019) como  
Juiz Conselheiro da Suprema Corte de Portugal  
<https://www.stj.pt/?slz-team=paulo-ferreira-da-cunha>

Neste volume, tomamos a liberdade de “emprestar” dos livros os artigos da “Palavra do Homenageado” e um par de notas dos editores.

Não por acaso, prestamos mais esta homenagem em uma revista de nosso Centro, com o qual o Dr. Paulo Ferreira da Cunha (abreviaremos por PFC), tanto tem colaborado ao longo de 20 anos e, nomeadamente nesta ISLE, da qual foi *editor-in-chief*.

Para os artigos desta edição, dispensamos os *abstracts* e as palavras chave, pois essas matérias – que apresentamos ao leitor em ordem de chegada à Redação – tratam de um mesmo tema: a vida e a obra de PFC.

Neste meu editorial, quero recordar a imensa dívida de gratidão que o Cemoroc e suas revistas contraíram com nosso homenageado.

A ele devemos a qualidade e o caráter internacional de muitos eventos do Cemoroc e de tantas edições de nossas revistas – *International Studies on Law & Education*, *Revista Internacional d’Humanitats*, *Notandum*, *Convenit Internacional*, *Mirandum*, *Collatio* e *Videtur* – como detalharemos mais adiante. Naturalmente, por imposição do novo cargo, PFC teve que se afastar do posto diretivo que, desde 2008, exercia em nosso Centro: Diretor de Relações Internacionais.

Conheci o Prof. Paulo no ano 2000, porque ambos participávamos de uma lista de e-mails (rústica precursora das redes sociais). Um dia chegou-me em privado um cordial mail de apresentação de um jovem e brilhante professor do Porto (o Prof. Paulo viria a ser um dos mais jovens catedráticos e decanos de Portugal!). A empatia foi imediata e, nesse mesmo ano, PFC quis honrar-nos com um artigo em nossas revistas e, logo que foi formalizada a existência do Cemoroc, foi nomeado membro de nosso Centro.



Cemoroc: autores do livro “Filosofia e Educação” (Zaragoza: Pórtico, 2017): Aida Hanania, PFC, JL, Sílvia Colello, Rui Josgrilberg, Chie Hirose, Vitor Chaves de Souza

Nestes anos, tivemos dezenas de agradáveis e profícuos encontros – que se estendiam por horas que pareciam minutos – no (saudoso) Clube dos Professores da USP e em tantos outros pontos em torno da Cidade Universitária de São Paulo.

A verdade é que, ao longo destes vinte anos, temos abusado da bondade do Paulo, encarregando-o da organização de tantos eventos, sobrecarregando-o com inúmeras conferências para nosso Centro e até – muitas vezes – de aulas de graduação, chegando mesmo a aceitar meu pedido de que avaliasse os seminários finais de meus formandos FEUSP. Muitos de nossos contatos internacionais foram-nos trazidos por ele, como é o caso do querido amigo Dr. João Relvão Caetano, que tanto tem colaborado com o Cemoroc.

Um dos aspectos mais marcantes para todos em nosso Centro é a humildade do Prof. Paulo: sempre disposto a ouvir e aprender (nos eventos, tomava notas das exposições dos demais, mesmo que fossem iniciantes) e entabulava diálogo fácil com todos. Entusiasmou-se, particularmente, com a iniciativa de abrir nossas revistas a pesquisas de jovens de liceu (colegiais), nosso projeto *Coepta* (do qual ele foi editor

chefe) e fez questão de vir ao Brasil e estar presente no lançamento dessas revistas em 2018 para honrar a todos ao presidir a sessão.



PFC, “encarregado” de avaliação de graduação na FEUSP, 2004

Logo que anunciamos nosso XXI Seminário, dezenas de intelectuais de todo o mundo imediatamente se inscreveram para associar-se à homenagem que o Cemoroc quis lhe prestar, por ocasião desses vinte anos de fraterna colaboração.

Para nosso Centro está bem claro que esta é uma daquelas homenagens nas quais o verdadeiro homenageado é quem a presta, mais do que quem a recebe...

Aproveito para agradecer a todos os que se uniram a estes eventos de homenagem e nos enviaram textos sobre a vida e a obra de PFC, compondo um maravilhoso mosaico que, na medida do possível, ajuda-nos a compreender sua imensa grandeza.

Passo agora a revisitar o trabalho do Dr. Ferreira da Cunha em nosso Centro, com foco principal em sua atuação nas revistas do Cemoroc, como editor e autor de perto de 70 artigos em *International Studies on Law & Education*, *Convenit Internacional*, *Revista Internacional d’Humanitats*, *Notandum*, *Mirandum e Collatio*. Além de autor, PFC organizou e foi editor de diversos números temáticos, sobretudo dedicados à discussão de um tema que prioriza: Tribunal Constitucional Internacional. Apresentaremos os links dos quase 70 artigos de PFC em nossas diversas revistas. Trabalho modesto, mas útil para o leitor, que poderá acessá-los diretamente. Trata-se de uma coleção incomparável – tão vasta quanto profunda –, da qual o Cemoroc muito se orgulha.

A partir de 2002, Paulo Ferreira da Cunha, já membro do Cemoroc, fundou (e dirigiu até a posse como Conselheiro da Suprema Corte) o Instituto Jurídico Interdisciplinar da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (extinto em 4-12-2019) e, desde sua criação, o IJI passou a coeditar algumas de nossas revistas, que o têm como editor.

Desde a edição III (2002), Ferreira da Cunha tem participado de todos os *Seminários Internacionais: Filosofia e Educação*, que o Cemoroc realiza anualmente. Desde o X (2010) até o XX Seminário (2019) tem integrado a Comissão Organizadora desses eventos. O XVII Seminário (2016) e o XXI (2020) foram realizados em sua homenagem.



Em confraternização do XVI Seminário (2015). Ao centro, PFC e JL.

Dotado de múltiplos talentos, o Prof. Paulo colaborou nos mais diversos projetos do Cemoroc. Um exemplo é a aula/debate gravada para a série de vídeos “O Eclipse de Deus” que o Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza produziu para o Centro.



<https://www.youtube.com/watch?v=eDZ64zlSxy0>

Em novembro de 2018, presidiu um notável evento do Cemoroc: o lançamento de uma publicação inovadora nos meios acadêmicos: a série *Coepta* (como um de seus fundadores e *editors in chief*), revista que – ao lado de estudos de consagrados intelectuais – acolhe também muitos artigos de jovens pesquisadores pré universitários. Além da mídia tradicional, o prestigioso Jornal da USP celebrou em longa matéria essa publicação (<https://jornal.usp.br/cultura/projeto-usp-incentiva-iniciacao-cientifica-no-ensino-medio/>).

### **Contribuições de PFC para a *International Studies on Law & Education***

Desde o No. 5 (janeiro-2010) tivemos o privilégio de tê-lo como editor chefe de ISLE, e já nesse mesmo número publica o contundente e tão oportuno artigo: “Pensada Lei, Pensada Malícia - a propósito das avaliações ‘de desempenho’ aos docentes” (<http://www.hottopos.com/isle5/5pfc.pdf>). No número 6 “Liberdade & Hermenêutica -Antropologia Teológica, Exegese e Liberdade Religiosa a propósito de

‘Caim’, de José Saramago” (<http://www.hottopos.com/isle6/4pfc.pdf>) , uma de suas tantas finas análises filosóficas da Literatura. No número 7, “A pessoa, o político e o cientista em direito constitucional” (<http://www.hottopos.com/isle7/13-24PFC.pdf>), seguido de – no número 8 – “Cultura constitucional & revisões constitucionais” (<http://www.hottopos.com/isle8/05-16PFC.pdf>).

Nos números 9 e 10, resp.: “Repensar Portugal - diálogos sobre identidade e atraso” (<http://www.hottopos.com/isle10/05-22PFC.pdf>), um manifesto em defesa da liberdade e do pluralismo, contra a “mentalidade inquisitorial, que teima em persistir” e “Principes constitutionnels herméneutiques”( <http://www.hottopos.com/isle9/05-12PFC.pdf>).

Ainda sobre a história pátria e o projeto de nação: “Estado e Igreja em Portugal -alguns momentos e perspectivas” (<http://www.hottopos.com/isle15/11-26PFC.pdf>) (No. 15); “Pensar o direito em português” ([www.hottopos.com/isle16/17-24PFC.pdf](http://www.hottopos.com/isle16/17-24PFC.pdf)) (No. 16). No número 19, “Libertar o Direito. Do problema metodológico-jurídico no nosso tempo” (<http://www.hottopos.com/isle19/27-36PFC.pdf>); e no 20, “Direito & Sistema Tópico de Direito –Algumas Perspetivas de Apresentação da Juridicidade” (<http://www.hottopos.com/isle20/15-22PFC.pdf>). Editor do dossiê: “Corte/Tribunal Constitucional Internacional” (No. 24), nele publicou “Dos soberanismos às interconstitucionalidades” (<http://www.hottopos.com/isle24/25-42PFC.pdf>).

Um destaque especial para a edição *Coepta* de ISLE, Nos. 34-35 (janeiro de 2020), na qual escreve a estudantes pré universitários, traz uma mensagem preciosa, sobre a alegria do pesquisar ([http://www.hottopos.com/isle34\\_35/15-16PFC.pdf](http://www.hottopos.com/isle34_35/15-16PFC.pdf)), que conclui com uma reveladora confidência de sua própria vocação acadêmica:



PFC e JL: em mesa acadêmica no Colégio Luterano São Paulo

E acredito, com Cruz Malpique, que era um desses professores jubilados que sempre frequentava as bibliotecas, e com Umberto Eco, que também fez algumas alusões ao assunto, que o Céu será um lugar de pesquisa. Pode ser que não seja apenas uma Biblioteca, como alguns sugerem, porque a Casa do Pai tem muitas moradas, como dizia Teresa de Ávila, no seu livro de instrução às suas freiras. Mas certamente uma das Moradas é uma grande Biblioteca e outra um enorme Laboratório, numa ala de pesquisa, que não será das menores, quero crer...

Finalmente, já nestes tempos de pandemia, oferece-nos as reflexões “Cidadania & Ética – *Relectio* para tempos de *Peste*”, em ISLE 36 (set-dez 2020): <http://www.hottopos.com/isle36/pfc.pdf>

### **Contribuições de Paulo Ferreira da Cunha para a *Convenit Internacional***

Desde 2008, essa nossa revista passou a ser coeditada com o IJI e Paulo Ferreira da Cunha tornou-se um dos editores em chefe de *Convenit Internacional*.

Sua colaboração como autor com a *Convenit Internacional* tinha começado já em 2000, com o artigo “Natureza Humana e Filosofia Jurídica” (No.2 [www.hottopos.com/convenit2/nathump.htm](http://www.hottopos.com/convenit2/nathump.htm)). A este, seguiram-se “Sob o signo de Hermes – reflexões para uma razão jurídica hermenêutica” (2014, No. 15 <http://www.hottopos.com/convenit15/05-18PFC.pdf>) e “Lições de Antígona – Dos paradigmas antropológicos da ação e da contemplação, da obediência e da coerência na política e no direito” (2014, No. 16, <http://www.hottopos.com/convenit16/43-50PFC.pdf>).

Em 2015, publica “Do ofício de historiador do Direito. Revisitação da metodologia historiográfica A propósito da constituição do império e José Bonifácio” (No. 19, <http://www.hottopos.com/convenit19/25-34PFC.pdf>) e em 2017, “Das provas acadêmicas: Direito & Ciência na sociedade da informação” (No. 25, <http://www.hottopos.com/convenit25/15-24PFC.pdf>).

O ano 2016 é um marco importante na trajetória de Paulo Ferreira da Cunha como autor e *editor*: ele lança uma intensa campanha internacional para a promoção de uma Corte/Tribunal Constitucional Internacional e, convocando notáveis autores de todo o mundo, publica dossiês em nossa Editora, três números dedicados a esse tema: *Notandum* No. 41 (<http://www.hottopos.com/notand41/index.htm>), *International Studies on Law & Education* No. 24 (<http://www.hottopos.com/isle24/>), e *Revista Internacional d’Humanitats* No. 38 (<http://www.hottopos.com/rih38/index.htm>). Não é de estranhar que fosse agraciado (por unanimidade) com o Prêmio Editorial Cemroc 2016.

Esta mesma pauta reaparecerá em seu trabalho de *editor* de mais dois volumes em *Convenit*, tematicamente dedicados a “Corte Constitucional Internacional, Ensino do Direito e Liberdade de Expressão” e “Dossier: um Tribunal / Corte Constitucional Internacional”, Nos. 28 e 29 (2018 e 2019 : [www.hottopos.com/convenit28/index.htm](http://www.hottopos.com/convenit28/index.htm) e [www.hottopos.com/convenit29/index.htm](http://www.hottopos.com/convenit29/index.htm)).

Esses dossiês são, hoje, referência internacional para o tema.

Ainda como autor, *Convenit* publicou seus artigos: “A Discussão da Corte Constitucional Internacional na Sociedade da Informação” (2018, No. 26 <http://www.hottopos.com/convenit26/index.htm>), “O Direito & as Artes, hoje” (2018, No. 28 <http://www.hottopos.com/convenit28/41-54Pfc.pdf>), além da Apresentação do dossiê do No. 29 (<http://www.hottopos.com/convenit29/01-02PFC.pdf>).

Em 2019, escreveu para jovens pesquisadores, em *Convenit* No. 30 (*Coepta*), “Expedição a Oz – Subsídios para um pequeno guia acadêmico” ([www.hottopos.com/convenit30/07-16PFC.pdf](http://www.hottopos.com/convenit30/07-16PFC.pdf)). E em *Convenit* No. 31 (*Coepta* 2), “Justiça & educação (*Themis kai Paideia*)”, em: <http://www.hottopos.com/convenit31/13-20PFC.pdf>.

Em 2020, seu artigo em *Convenit* 34: “‘Estudar hidráulica’ – uma nota em tempos de pandemia” (<http://www.hottopos.com/convenit34/PFC.pdf>)

## Contribuições de PFC para a *Revista Internacional d'Humanitats* (RIH)

Sua colaboração com a RIH, revista que coeditamos com a Universidade Autônoma de Barcelona, começou em 2005, com o artigo “Aristóteles - Filosofia do Homem: Ética e Política” (No.8, <http://www.hottopos.com/rih8/pfc.htm>).

A este, seguiram-se “A Justiça como Virtude e o Direito” (2007, No. 13, [http://www.hottopos.com/rih13/pfc\\_rih13.pdf](http://www.hottopos.com/rih13/pfc_rih13.pdf)) e, em 2009, dois artigos: “Valores e Virtudes no Aprofundamento do Estado de Direito-uma Perspectiva Luso-Brasileira” (No. 15, <http://www.hottopos.com/rih15/pfcvalores.pdf>) e “Carta sobre a Tese a um Mestrando Bolonhês” (No. 16, <http://www.hottopos.com/rih16/pfc.pdf>).



XVI Seminário Internacional Cemoroc (2015).  
PFC: Conferência: "Cidadania privada e cidadania pública"

Nosso No. 22 (2011) teve, como artigo de abertura, as reflexões a propósito do centenário da Constituição de 1911: “A I República Portuguesa e a sua constituição política” (<http://www.hottopos.com/rih22/pfc.pdf>). Uma alentada crítica à burocracia universitária, “Burocracia científica e pluralismo cultural”, foi o artigo de abertura de RIH No. 24, 2012, (<http://www.hottopos.com/rih24/05-16Pfc.pdf>); no número seguinte, brindou-nos “Os cidadãos e o sistema político: identificação ou descontentamento?” (<http://www.hottopos.com/rih25/71-80PFC.pdf>).

Em “Cidadania privada e cidadania pública – Diálogos com Tomás Moro, Erasmo e Agustina” prossegue o constante diálogo com os clássicos, trazendo suas vozes para iluminar muitos de nossos problemas contemporâneos (No. 34, 2015, <http://www.hottopos.com/rih34/25-42PFC.pdf>).

O No. 36 recolheu textos do “XVII Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação – evento em homenagem ao Dr. Paulo Ferreira da Cunha e ao Dr. Pere Villalba”. Aí se encontra seu artigo “Justiça & educação (*Themis kai Paideia*)” (2016, <http://www.hottopos.com/rih36/15-22PFC.pdf>). Ainda nesse ano, mais uma importante reflexão sobre Direito e Educação: “Metódica para estudantes de

direito - Ainda o espírito universitário e os seus hodiernos inimigos” (No. 37, <http://www.hottopos.com/rih37/31-48PFC.pdf>).

No ano 2016, como dissemos, publica um dossiê em *Revista Internacional d’Humanitats* No. 38 (<http://www.hottopos.com/rih38/index.htm>), no qual figura seu estudo “Não Estamos Sós – dos sistemas de proteção internacional da pessoa à Corte Constitucional Internacional” (<http://www.hottopos.com/rih38/13-20PFCunha.pdf>).

Em 2017, em RIH 41, outro importante dossiê “Discutindo a Corte / Tribunal Constitucional Internacional e celebrando o VIII Centenário da *Forest Charter* (*Carta de Foresta*, 2017)”, no qual publica “[Corte / Tribunal Constitucional Internacional - Um projeto em marcha - Nota de Abertura](http://www.hottopos.com/rih41/05-06PFC.pdf)” (<http://www.hottopos.com/rih41/05-06PFC.pdf>) e “Universidade como vocação” (<http://www.hottopos.com/rih41/51-68PFCuniv.pdf>).

Já em 2020, em RIH 48, oferece-nos “Sobre a arte e as artes – em demanda de um fio de Ariadne” (<http://www.hottopos.com/rih48/PFC131-138.pdf>); em RIH 49, a homenagem “Mário Bigotte Chorão, jurista humanista, um filósofo tranquilo (1931-2020)” em <http://www.hottopos.com/rih49/PFC77-81.pdf>; e em RIH 50 “(Des)Obediência & Pandemia” (<http://www.hottopos.com/rih50/127-136PFC.pdf>)



X Seminário Internacional Cemoroc (2010).

### **Contribuições de PFC para *Mirandum*, *Videtur* e *Collatio***

Essas três revistas (atualmente desativadas) contaram também com a importante presença de Paulo Ferreira da Cunha.

Em *Mirandum* No. 14, há um belo artigo mostrando que no Direito está viva a Retórica, no que tem de melhor: “Dialética, Tópica e Retórica Jurídicas” (<http://www.hottopos.com/mirand14/pfc.htm>). No No. 15, um estudo provocante: “O Direito, a Política e o Sagrado” ([http://www.hottopos.com/mirand15/pfc\\_mir15.htm](http://www.hottopos.com/mirand15/pfc_mir15.htm)).

Em *Collatio*, publicou nos números 10, 11 e 12, respectivamente: “Estudos políticos: para uma epistemologia” (<http://www.hottopos.com/collat10/13->

20PFC.pdf); “Dos princípios positivos & dos princípios supremos” (<http://www.hottopos.com/collat11/05-16PFC.pdf>) e “Do jusracionalismo luso-brasileiro e da unidade essencial do jusnaturalismo-Reflexão problemática filosófico-histórica” (<http://www.hottopos.com/collat12/17-30FC.pdf>).

Na revista *Videtur*, o No. 14 recolhe dois artigos, que foram suas conferências em nosso III Seminário Internacional Filosofia & Educação: “O Comentário de Tomás de Aquino ao Livro V da Ética a Nicómaco de Aristóteles” e “Problemas do Direito Natural”, respectivamente em (<http://www.hottopos.com/videtur14/paulo2.htm>) (<http://www.hottopos.com/videtur14/paulo.htm>).

Seguem-se, “Crise dos Recursos Humanos no Ensino Superior”, um de seus tantos trabalhos em defesa da vocação universitária, ameaçada pelo burocratismo e pela perda da alma acadêmica (<http://www.hottopos.com/videtur15/pfc.htm>). “Retórica e Hermenêutica nas Origens do Direito”, no No. 17 ([http://www.hottopos.com/videtur17/pfc\\_retdir.htm](http://www.hottopos.com/videtur17/pfc_retdir.htm)); “Introdução Constitucional à ‘Constituição’ Europeia” (<http://www.hottopos.com/videtur23/pfcunha.htm>); “Identidades, Etnocentrismos e Romance Histórico – Encontros e Desencontros no Brasil Nascente e nas Raízes de Portugal”, sobre os desafios do Novo Romance Histórico (<http://www.hottopos.com/videtur25/pfc.htm>).

Em *Videtur* No. 28, temos “Tempos de Sancho - A Constituição Europeia e os Ventos da História” (<http://www.hottopos.com/videtur28/pfc.htm>), e no No. 23, também sobre a Carta Europeia, “Introdução Constitucional à ‘Constituição’ Europeia” (<http://www.hottopos.com/videtur23/pfcunha.htm>).

### **Contribuições de Paulo Ferreira da Cunha para a revista *Notandum***

Seu primeiro artigo foi sobre um enlace típico do pensador: “Direito, Filosofia e Educação”, em nosso No. 11 (<http://www.hottopos.com/notand11/pfc.htm>). No número seguinte, seu talento ficcional apresenta-nos a Constituição (e até a bandeira e o hino...!) da utópica república de Lísia: “A Constituição da Lísia, descoberta de uma Utopia” (<http://www.hottopos.com/notand12/lisia.htm>). No No.15, revisita seu mestre Villey “L’équité: le legs réaliste classique et la pensée de Michel Villey” ([http://www.hottopos.com/notand15/pfc\\_fr.pdf](http://www.hottopos.com/notand15/pfc_fr.pdf)). “A Kairicidade do Pensamento Neohelênico: a Obra de Evaghélos Moutsopoulos” está no número 19 ([www.hottopos.com/notand19/pfc.pdf](http://www.hottopos.com/notand19/pfc.pdf)). Outro mestre, Santo António de Lisboa!, é revisitado no No. 20: “O que é a Justiça” ([www.hottopos.com/notand20/pfc.pdf](http://www.hottopos.com/notand20/pfc.pdf)). “A ‘Renasença Portuguesa’: aspetos do seu legado jurídico-político”, está no número 31 (<http://www.hottopos.com/notand31/33-40PFC.pdf>) e em nosso número duplo especial (35-36), dedicado aos Orientais, ele brinda-nos com as saborosas “Lições da Índia - desaparego, justiça, política, paideia” (<http://www.hottopos.com/notand35/57-76PFC.pdf>)

Foi o *editor*, entre seus os dossiês de 2016, de *Notandum* 41, para o qual escreveu a abertura: “Corte / Tribunal Constitucional Internacional” (<http://www.hottopos.com/notand41/05-06PFCabert.pdf>)

Nessas obras de homenagens, no qual muitos ilustres colegas encarregam-se da análise em profundidade de inúmeros aspectos do pensador Paulo Ferreira da Cunha, este artigo limita-se a apresentar o precioso acervo Cemoroc, construído continuamente, ao longo dos 20 anos em que temos tido o inigualável privilégio do convívio com a pessoa e os escritos desse grande mestre.

Muito obrigado, Professor Paulo Ferreira da Cunha!

## Pensar, ensinar, fazer justiça – entre Portugal e o Brasil<sup>25</sup>

O presente artigo é uma memória, de cor, sobre a vocação universitária (sobretudo de docência) do autor. Centra-se no seu percurso português. Prevendo-se para outro estudo a parte mais especificamente brasileira.

Paulo Ferreira da Cunha<sup>26</sup>

### 1. Primeiros Anos no Direito

Apesar de ter pensado, na infância, em seguir Química, depois Arqueologia, e na primeira adolescência Pintura, por volta dos meus 14 anos, quando eclodiria a revolução do 25 de abril, já estava completamente decidido em seguir a vocação da Justiça, cursando Direito. Mas seguir Direito, mas direito pensado e não positivista. Meu Pai dissera-me que os cursos jurídicos que seguira tinham começado ao contrário: que deveria ensinar-se primeiro a Filosofia do Direito (ou pelo menos os seus rudimentos) e depois o Direito positivo. Mais tarde, com vários Mestres, e na minha própria prática, acabei por confirmar em absoluto essa ideia. Infelizmente nada partilhada por muitos, já formados no legalismo e nada dispostos a inovar.

Fui em Coimbra um aluno nada empenhado em altas notas, estudando apenas o que me interessava. Apaixonado, isso sim, por algumas matérias. Já sabendo que irei esquecer muitas, refiro apenas quatro:

1) A parte histórico-cultural do Direito Romano, com Sebastião Cruz e Santos Justo – considero *Ius. Directum (directum)*, da autoria do primeiro, um dos mais brilhantes livros jurídicos até hoje escrito – a par de *Direito Público e Sociedade Técnica*, do meu mestre Rogério Ehrhardt Soares.

2) O estudo de Michel Foucault, no seu *A Verdade e as Formas Jurídicas*, nas aulas de Sociologia Jurídica por Boaventura de Sousa Santos (que, contudo, seguia apenas à distância, por incompatibilidade de horários).

3) A grande janela aberta da Criminologia, com Figueiredo Dias e Costa Andrade (e o respetivo Manual): foi a esta cadeira que obtive a nota mais alta na Licenciatura.

4) Grande fôlego e largos horizontes culturais (inclusive de *Democracia e Utopia*) surgiram na cadeira de Direito Internacional Público, com Barbosa de Melo. O *textbook* de base era de Afonso Queiró, ainda com a recomendação de um grande clássico, a tradução da Fundação Gulbenkian do *Law of Nations* de Brierly – que ainda hoje me acompanha. Tive professores extraordinários! Seria injusto fazer uma lista...

Empenhado em muitas atividades extra-académicas (por exemplo, fui presidente da Juventude Portugal-Europa, uma associação de estudos europeístas;

---

<sup>25</sup> Esta memória é rigorosamente feita *de memória*, e por isso quero começar por me penitenciar por eventuais erros e, naturalmente, lacunas. É por isso que quase não tem datas, e pode ser que haja lapsos na recordação. Valerá precisamente como testemunho...

<sup>26</sup> Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (suspensão devido ao exercício daquele primeiro cargo).

lancei na Faculdade, sob a presidência do Reitor Prof. Ferrer Correia, uma revista europeísta, *Ariana* – em referência ao respetivo mito grego), não investi na subida de notas. Aliás, a minha intenção não era seguir a docência, mas a diplomacia. E essa não necessitava de altíssimas classificações.

Concluída a Licenciatura, fiz estágio de advocacia com um advogado fascinante, sabedor e sagacíssimo, além da honestidade e desprendimento em pessoa (nunca o vi cobrar um cêntimo a ninguém, por estranho que pareça): o Dr. José Emílio de Sampaio e Castro, que tinha escritório na Praça da Liberdade. Não podia haver local mais adequado. Passada a estranheza na primeira semana (na prática, a teoria é *realmente outra...*), fiquei fascinado com o Foro. Cheguei a publicar o meu relatório de estágio num livro conjunto com o Prof. espanhol Javier Hervada, *Direito: Guia de Estudos Universitários*, editado pela Rés, já esgotado há anos. É um livro que, na minha parte, considero ultrapassado em muitas coisas, mas noutras ainda poderá ter utilidade... Por exemplo, nos conselhos aos estudantes sobre como responder a perguntas e desenvolver temas.

Fui, entretanto, convidado a lecionar. Era aliás esse o vaticínio de alguns professores meus, a começar por Barbosa de Melo, com quem (e com Melo Rocha) fizera uma oral em Direito Internacional (a minha primeira oral, para subida de nota, no final do 4.º ano) que me marcou muito. Dissertei livremente, no cruzamento do Direito Internacional, do Constitucional e da Filosofia do Direito, com grande aprovação do júri.

Comecei pela Universidade Livre, passei para a Universidade Portucalense, e acabei por, de uma forma ou de outra, em geral sempre em acumulação com alguma instituição universitária ou do politécnico público, lecionar em boa parte das Universidades privadas portuguesas com o curso de Direito. Foram interessantes tempos de aprendizagem, de que guardo, em geral, boas recordações. Uma, bastante importante, era que nos concentrávamos na leção e na pesquisa, quase sem burocracias. Com o tempo, as coisas, para se aproximarem, julgo, de padrões gerais, foram piorando, burocratizando-se. Mas, no início da carreira, havia apenas duas tranquilas reuniões por ano: a abrir e a encerrar. *A libertas docendi*, pelo menos para mim, foi muito levada a sério. Aprendi muito com essa liberdade.

Figuras que recordo desses tempos com admiração e simpatia são, antes de mais, os Professores Rui Conceição Nunes e Maria Amélia Nunes, das áreas de Economia, assim como Camilo Cimourdain de Oliveira, e o Reitor da Universidade Lusófona, primeiro em Lisboa e depois no Porto, Prof. Fernando dos Santos Neves. Na Internacional da Figueira da Foz, reencontrei como Reitor o meu antigo mestre de Direito da Família e Sucessões (com o Prof. Pereira Coelho), Prof. Guilherme de Oliveira.

O primeiro professor de quem fui assistente (e, que me recorde, o único) foi, na Universidade Livre, o Dr. José Plácido dos Santos, prematuramente falecido.

Lecionei também no Instituto Politécnico de Santarém e no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (então dirigido pelo esclarecido Dr. Nogueira da Costa). Neste último, com uma equipa dirigida pelo distinto advogado Dr. Menezes Falcão, lecionei Noções Gerais de Direito (creio ser essa a designação da disciplina), tendo com ele e com mais colegas colaborado na edição de uma obra, homónima, que chegou a ter publicação bilingue Chinês-Português (mas em que, curiosamente, o vocábulo “direito” *tout court* não é traduzido). A versão portuguesa, depois atualizada, ainda é adotada hoje em várias instituições superiores. É uma síntese didática sobretudo de Direito Civil.

## 2. Porto-Braga-Porto

Concluído o Mestrado em Coimbra (onde já havia cursado a Licenciatura), poderia ter concorrido para a minha *Alma Mater* portuguesa (a francesa é a Université Paris II – Panthéon-Assas), mas um sentimentalismo profundo me ligava à minha terra natal. Queria voltar ao Porto. Assim, concorri à Faculdade de Economia e à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Parecia então tardar a criação, tão desejada, desde há tanto tempo, da Faculdade de Direito na Universidade pública, do Estado.

Acabaria por ficar na Faculdade de Letras (embora tivesse sido anteriormente aprovado para a de Economia, mas não me seduziu tanto, e deixei o lugar vago) onde regi uma cadeira introdutória ao Direito e a disciplina de Direito do Trabalho associado a Recursos Humanos, fundamentalmente para estudantes de Sociologia.

Não duraria, porém, muito a minha presença na Faculdade de Letras, onde aliás tinha já e onde fiz bons amigos, e que possuía (e ainda tem) uma biblioteca excelente, onde também tenho bons amigos, como, desde logo, a Dr.<sup>a</sup> Isabel Pereira Leite. Sendo Braga mais perto do Porto que Coimbra (poderia, como fiz, continuar a residir no Porto), acabaria por participar na fundação da Escola de Direito da Universidade do Minho, em que fui o fundador e primeiro diretor da entidade de investigação (o Núcleo de Estudos de Direito - NED), e do grupo de Ciências Jurídicas Gerais. Foi uma grande aventura ter participado no “núcleo duro” da fundação, e ter sido dos primeiros professores da Casa, logo no primeiro ano. Escolhi reger História do Direito, tendo ficado a Introdução ao Direito com o Prof. Luís Couto Gonçalves e o Direito Constitucional com o Prof. Pedro Bacelar Vasconcelos. Nesse ano tive vários alunos excepcionais (perdoem-me os demais e dos outros anos). O que viria a ser o Prof. António Lemos Soares, que faria doutoramento sob a minha orientação, e Raquel Jesus, que viria a tornar-se Juíza de Direito. Promovi também colóquios internacionais com grandes nomes, como a presença da norte-americana Virginia Black, do francês François Vallançon, do grego Stamatios Tzitzis, do espanhol Francisco Puy, etc.

A esta distância, poderei quiçá dizer, creio que com objetividade, haver contribuído para se criar uma certa Escola, no sentido moderno, na medida em que julgo aí se ter consolidado uma dada forma de ver o Direito: humanista, pensado, crítico, pósdisciplinar, e de grande dinamismo.

Entretanto, vi o anúncio de que finalmente iria arrancar a Faculdade de Direito da Universidade do Porto. Embora gostasse muito da Escola bracarense, onde fiz também excelentes amigos (a lista quase se confunde com a dos docentes do tempo em que por lá andei) e tive magníficos estudantes, pensei evidentemente logo em concorrer, mas de tal fui dissuadido por conselho amigo, porque o concurso era só para assistentes. Se tivesse concorrido, poderia correr o risco de ser excluído por excesso de habilitações... Ainda terá havido, mais tarde, uma tentativa de transferência do Minho para o Porto, eventualmente por via da Faculdade de Economia, mas não me recorro de dificuldades burocráticas não permitiriam a concretização de tal mudança.

Durante a minha docência em Braga, concluí o meu doutoramento em Direito (História e Filosofia do Direito) em Paris (que acabaria por não ser sob a orientação de Michel Villey pelo falecimento deste entretanto, mas com direção de François Vallançon, seu discípulo: um dos que herdaram uma das suas duas togas académicas), e em Direito Público, em Coimbra (sob a orientação de Rogério Ehrhardt Soares). Fiz ainda no Minho concurso para Professor Associado e provas de Agregação. Em todas estes concursos e títulos (dois doutoramentos, concurso para associado e catedrático) obtive sempre a nota mais alta, e sempre por unanimidade, com exceção da Agregação em que, sendo o voto secreto (hoje é considerado inconstitucional!) apareceu uma bola preta, a recordar-me que se não pode agradar a toda a gente. E ainda bem. Nunca na

minha carreira procurei ir pelo politicamente correto ou pelo caminho plácido da unanimidade. Confesso que não sei quem me fez a caridade dessa bola, e ninguém teve a coragem de dizer que tinha sido obra sua. Não deixei de dormir nessa noite (e muito menos nas seguintes), e relembro bem o ótimo jantar que me ofereceram. Vieram assistir às provas, num tempo frio e nebuloso, bons amigos estrangeiros, como Joaquin García Huidobro, do Chile, Antonio-Carlos Pereira Menaut, de Santiago de Compostela, e Stamatios Tzitzis, de Paris e Atenas. Dos Portugueses, recordo, para além dos mais habituais colegas, amigos e familiares, o Prof. P.e Barros de Oliveira, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.



Na Fac. de Direito da Univ. de São Paulo

Foi aí que comecei a tradição pessoal de organizar colóquios internacionais, que ininterruptamente segui, mesmo quando no Brasil... Além dos do Minho e depois os do Porto, houve os Jurídico-Humanistas e os do Direito Fraternal. Este último tema, conjuntamente com a defesa da Constituição e o Tribunal Constitucional Internacional, foi uma das minhas bandeiras mais conhecidas nacional e internacionalmente. Sobre ele dei a lume um livro específico, no Rio de Janeiro: *Direito Fraternal Humanista: Novo Paradigma Jurídico*.

Ponto alto da minha carreira, ainda me encontrando na Universidade do Minho, foi o meu doutoramento solene, para que fui convidado pela minha *Alma Mater*. Uma sessão com pompa e circunstância, discurso em Latim, e música de fundo de Haendel. Os elogios estiveram a cargo dos Professores Faria-Costa e Pinto Bronze. Comigo foram homenageados a Prof.<sup>a</sup> Maria da Nazareth Lobato Guimarães (*honoris causa*) e o Prof. Rabindranath Capelo de Sousa. O Reitor, Prof. Rui Alarcão, impôs-me a borla rubra, e o meu padrinho académico, Prof. Rogério Ehrhardt Soares ofereceu-me um belíssimo anel de rubi, como manda a tradição, dizem que em modelo igual ao que recebera o Rei de Espanha. Vieram muitos amigos, com quem desejei celebrar o momento. Saliento apenas os estrangeiros e do meio académico: Virginia Black, de Nova Iorque, Francisco Puy de Santiago de Compostela, François Vallançon e Stamatios Tzitzis de Paris. Portugueses, recordo por exemplo o Maestro José Luís Borges Coelho (do Coral de Letras do Porto), a Dr.<sup>a</sup> Manuela Rêgo (da Biblioteca Nacional de Lisboa) e o Prof. Adriano Moreira.

Reunidas todas as condições para concorrer a catedrático, acabaria por solicitar ao Reitor da Universidade do Porto, conforme previsto na lei, a abertura do respetivo concurso. Tal viria a acontecer, tendo, com muita sabedoria e elegância, o

Reitor, Prof. Eng.º Novais Barbosa, aberto duas vagas para catedrático e três para professor associado. Concorri a uma vaga de catedrático e a uma de associado (à cautela). E tendo sido o único candidato a catedrático, e aprovado por unanimidade, obviamente desisti do outro concurso.

Uma nota muito simpática que não esqueço, é que o então presidente da Escola de Direito da Universidade do Minho, Prof. Heinrich Ewald Hoerster, insistiu em que eu, apesar de catedrático no Porto, aí continuasse a lecionar a Filosofia do Direito, em regime de colaboração. Apenas dois anos letivos volvidos, quando se doutorou a Prof.<sup>a</sup> Clara Calheiros, argumentei que deveria ser ela a assumir essa regência, tendo assim posto termo, amigavelmente sempre, a uma colaboração que durava desde 1992, um ano antes da fundação do Curso de Direito. Mas continuei a ser muito chamado para júris e mesmo orientações e co-orientações de teses. Saliento as teses de doutoramento da Prof. Joana Aguiar e Silva e do Prof. António Lemos Soares. E ainda hoje colaboro muito regularmente com a revista *Scientia Iuridica*.

### **3. Brasil: breve referência**

Foi na transição entre a Universidade do Minho e a FDUP que fiz a minha primeira viagem ao Brasil. Foi uma honra ter proferido algumas conferências no então Tribunal da Alçada Criminal de São Paulo (TACRIM), assim como em outras instituições, como o CEO, a UNIP, etc. Um livro em colaboração com o Desembargador Ricardo Dip foi lançado com muito sucesso no TACRIM: *Propedêutica jurídica*, com a chancela da Millennium. A partir daí, comecei uma permanente ponte aérea com o Brasil, deslocando-me aí umas três a quatro vezes por ano. Percorri o país irmão, continental, faltando-me poucos estados em que não dei conferências ou cursos. Sobre as minhas andanças brasileiras falarei mais em detalhe noutra oportunidade. Certamente que há um Paulo Ferreira da Cunha antes e depois do Brasil, mas é praticamente o mesmo de antes e depois da FDUP. Também se pode dizer que haverá um Paulo Ferreira da Cunha depois da vinda do Brasil... E certamente um outro depois da ida para o Supremo Tribunal de Justiça.

### **4. Na Faculdade de Direito da Universidade do Porto**

Voltemos a Portugal. Logo que entrei para a Faculdade de Direito do Porto, encarregou-me a Comissão Científica, com carta branca, da criação de uma unidade de investigação. Foi o Instituto Jurídico Interdisciplinar (IJI), que se extinguiu nos finais de 2019, por não se adequar a normas gerais de formatação dos centros. Era um centro criado em grande medida à semelhança do CEMOrOc da Universidade de São Paulo, presidido pelo justamente renomadíssimo Prof. Jean Lauand: uma estrutura intrinsecamente universitária, totalmente dedicada à investigação, com membros de dentro e de fora da instituição, e sem qualquer dependência de avaliações, instituições de fomento, coordenação, ou afins. E nenhuma contemplação com modas, fogo de vista *para inglês ver*. Além de coeditar várias revistas (com o CEMOrOC, a Escola Superior de Direito Constitucional, etc.), o IJI promoveu seminários (desde logo o Seminário Permanente Interdisciplinar - SPI), e muitos colóquios internacionais, dos dois lados do Atlântico. Tinha nos seus quadros muitas dezenas de grandes investigadores de renome internacional. Atribuiu o título de investigador / pesquisador emérito a grandes vultos do Direito e das Humanidades, nacionais e estrangeiros.

Dirigida por bibliotecária muito esclarecida também, a Dr.<sup>a</sup> Maria José Parreira, a biblioteca da Faculdade de Direito do Porto era (e é) também excelente e não estritamente jurídico-positiva. As bibliotecas sempre contaram muito nas instituições por onde passei. De notar que continuo a oferecer todas as minhas

publicações a esta última. E vou passar a fazê-lo à biblioteca do Supremo Tribunal de Justiça.

Do ponto de vista docente, no início, pensaram em encarregar-me da cadeira de Direito Administrativo. Contudo, estando um colega mais habituado nessa área com o seu concurso a decorrer para entrar na Faculdade, entendi sugerir que se esperasse pelo resultado, o que foi aceite. E não tendo ficado com titularidade de cadeira de Direito positivo, e de entre as tidas por mais “nobres”, começava assim para mim uma docência interessante, com parcerias, em áreas mais interdisciplinares. Muito enriquecedoras, deve dizer-se:

A primeira seria com o Prof. Jorge Bacelar Gouveia (que vinha de Lisboa todas as semanas), e tendo como assistente a hoje Professora Anabela Leão, em Ciência Política. Eu dei a parte histórico-filosófica da disciplina.

Outra colaboração muito frutuosa, que ocorreu nos primeiros anos da minha docência, foi com o Prof. Cândido da Agra, e tendo como assistente a Dr.<sup>a</sup> Josefina Castro, em Filosofia do Direito e Metodologia Jurídica.

Com o tempo, mais ou menos sempre acumulando disciplinas de vários tipos, fui-me dirigindo mais para o Direito Público propriamente dito, que é a área do meu doutoramento de Coimbra e da minha Agregação. Sem prejuízo de sempre manter a docência da Filosofia do Direito, ora na licenciatura, ora no Mestrado. Nessa área tive também a colaboração da Prof.<sup>a</sup> Clara Calheiros, que fora minha Assistente na Universidade do Minho, e depois me sucederá na regência de Filosofia do Direito em Braga, e virá mesmo a tornar-se Presidente da Escola de Direito bracarense.

Regi várias vezes Direito Constitucional e Direitos Fundamentais, estive indicado para reger Direito Comunitário II, mas a cadeira não abriu, e coordenei a cadeira de Direito Internacional Público. Além das docentes referidas, tive ainda como assistentes, por exemplo, o hoje Prof. Diogo Feyo, e as Dr.as Ana Sofia Carvalho e Sandra Pinto (que haviam sido minhas alunas), estas últimas cuja carreira levaria outros rumos, cheios de êxito, aliás.

No Mestrado, impulsionei também a criação de uma área de Filosofia do Direito (que funcionou durante alguns anos), e, mais tarde, de História e Filosofia do Direito (que não chegou a abrir). Além do *Practicum*, uma experiência sempre muito interessante (sozinho ou em colaboração, por exemplo com as Prof.as Graça Enes e Anabela Leão e com o Prof. Paulo Adragão), regi Direito Constitucional, Direito Internacional Público, Filosofia do Direito... A última vez que lecionei no *Practicum* o tema foi *Direito Constitucional e Pintura...*

Em 2012-2013, fiz Pós-Doutoramento em Direito na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), trabalhando sob a orientação do Prof. Fernando Menezes de Almeida.

Durante três anos, em missão do comité *ad hoc* para a criação de um Tribunal Constitucional Internacional, estive no Brasil, com licença sem vencimento por interesse público atribuída pela Faculdade e pela Universidade, entretanto lecionando em Universidades da *Laureate International Universities* e com bolsa da Funadesp na Faculdade Autónoma de Direito de São Paulo (Fadisp). Num período de transição, enquanto não se concluíam as burocracias para a ida para o Brasil, regi na FDUP, além de uma pequena e dinâmica turma de Filosofia e Metodologia do Direito, um curso livre de Filosofia Política, que teve uma enorme adesão pública e seria mesmo filmado por serviços da Universidade.



Entretanto, colaborei com Mestrado da área de História da Faculdade de Letras, com aulas que, contudo, sempre foram dadas na FDUP. Mais recentemente, colaborei com a Universidade Aberta também, coordenando o seu grupo de Direito e Ciência Política. Dessa colaboração nasceu o livro *Teoria Geral do Direito. Uma Síntese Crítica*, editado pela Causa das Regras.

Durante os muitos anos de Faculdade, fui solicitado para múltiplos júris, praticamente em quase todas as Universidades públicas do País com cursos de Direito, e não apenas júris de Direito: também de outras ciências sociais e humanas. No estrangeiro, também teria essas incumbências, nomeadamente em Espanha, França e Brasil. Evidentemente, por via de concursos, de pareceres e de avaliações, acabei por tomar contacto muito desenvolvido com o trabalho de muitos docentes da casa, o que foi muito gratificante e instrutivo. Também fui co-orientador de teses, sobretudo com a Universidade do Minho, designadamente com as professoras Clara Calheiros e Joana Aguiar e Silva.

Além da organização de múltiplos colóquios na Faculdade, fui orador e coorganizador em/de vários noutros países, praticamente em toda a chamada Europa Ocidental, e em outros continentes, de Macau ao Chile, do Canadá à Argentina...

Nos anos de volta à Faculdade, seria encarregado das cadeiras de Direito Internacional e Constitucional no Mestrado, e, na Licenciatura, da Filosofia do Direito (que já há anos regia individualmente), e da disciplina de Justiça Constitucional. Nesta, fui surpreendido com a quantidade enorme (várias dezenas, creio que mais de sete dezenas) de estudantes que escolheram a cadeira. Funcionou em avaliação contínua, não tendo havido nenhuma reprovação, o que é, para Licenciatura, o meu *record* pessoal.

Uma novidade que me agradou também foi a regência de um semestre de História do Direito, em que tive como assistente o Dr. Rodrigo Andrade, o qual colaborou também em trabalhos de revisão bibliográfica, nomeadamente na nova edição do livro de *História do Direito* que publicara com os Professores do Minho Joana Aguiar e Silva e António Lemos Soares. Idêntica colaboração tive ainda do Prof. Tiago Ramalho, que também fora meu aluno na Licenciatura, na revisão da edição portuguesa do meu livro *Repensar o Direito Internacional*.

A minha docência exerceu-se sempre em diálogo com a investigação. Sinteticamente, para a cadeira de Direito Constitucional publiquei sobretudo *Direito Constitucional Geral* (que ganharia o Prémio Jabuti no Brasil), *Direito Constitucional Anotado* (que logo esgotaria), ambos na Quid Iuris, e *Teoria da Constituição*, em dois volumes, na Verbo; tudo sintetizado em *Traité de Droit Constitutionnel. Constitution universelle et mondialisation des valeurs fondamentales*, que editei em Paris, na Buenos Books International e em vários outros volumes publicados no Brasil, França e Canadá.

Para Direitos Fundamentais, organizei *Direitos Humanos. Teorias e Práticas*, editado pela Almedina, e publiquei *Direitos Fundamentais. Fundamentos e Direitos Sociais*, na Quid Juris.

Para Justiça Constitucional, na Causa das Regras, publiquei *Síntese de Justiça Constitucional*.

Na regência de Ciência Política está a gênese do meu livro *Política Mínima* e depois do *Repensar a Política*.

O resultado mais recente dos meus estudos em Filosofia do Direito encontra-se na obra homônima, na sua 3.<sup>a</sup> ed., já com uma primeira reimpressão, editada pela Almedina, e na *Filosofia do Direito e do Estado* editada em Belo Horizonte pela Forum, e hoje esgotado.

# Estado de Direito

BRASIL - 37-29 - ANO V - 2011

## O direito à diferença na igualdade de direitos

O Jornal Estado de Direito busca estimular o desenvolvimento do ensino jurídico de modo transformador, utilizando as manifestações populares como fontes de produção do direito. formadoras da identidade democrática brasileira. Nesta edição, prestamos homenagem a Luis Alberto Warat, que nos deixou fisicamente no mês de dezembro de 2010. Sentimos a

**Crítica da Razão Jurídica:** "O desafio é reinventar a razão jurídica sem o normativismo dogmático racionalista e não desengano para um "diálogo livre" subjetivista, ao sabor de interesses, caprichos ou poderes."

Al-Ghazali sobre tolerância religiosa

Asma Barlas propõe o secularismo moderado para que a religião possa ter um papel de destaque na sociedade, assim como as demais comunidades públicas.

Valores Indianos

Rama Kapur enaltece a decisão histórica e revolucionária do Tribunal Superior de Deli que corrige uma lei cultural em aspectos que vão além dos direitos de gays e lésbicas.

Religião e Estado

César Augusto Baldi discute os benefícios do secularismo em relação aos perigos do fanatismo religioso diante de acontecimentos contemporâneos.

**Veja também**

**O caso Wikileaks**  
Bruno Miragem defende o acesso à informação nas relações entre Estado e sociedade como direito fundamental.

**Catástrofe Ambientais**  
Haide Maria Hopffer e Roberto Naimé analisam o princípio do poluidor-pagador e a gestão ambiental ISO frente aos impactos ambientais

**Os Juizados Especiais**  
Luciano Pereira Vieira retrata as dificuldades em decorrência dos costumes ritualísticos dos operadores do Direito e da cultura do litígio

**Terceirização e o Decisão do STF**  
Rafael da Silva Marques esclarece a recente decisão que responsabiliza subsidiariamente o Estado pelas dívidas trabalhistas

**Registro de Imóveis**  
Fabio Machado Baldissera explica a importância da proteção legal nas hipóteses de venda de imóvel locado

**Regras de Convivência**  
Marta Berenice Dias retrata os deveres de fidelidade no casamento e de lealdade na união estável

**Ensino a Distância**  
Melita Hickel questiona os motivos que levam as instituições no Brasil a não oferecerem cursos de pós-graduação na modalidade a distância



Paulo Ferreira da Cunha  
Professor Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto

(PFC, colaborador de várias revistas e jornais, como o "Estado de Direito", dirigido por Carmela Gruene).

São mais de 100 livros e de 600 artigos, pelo que seria muito fastidioso comentá-los a todos. Desenvolvi uma perspetivação da minha "jurisprudência", como diria Francisco Puy (na verdade, doutrina) num texto primariamente escrito para um livro no México: Juan Pablo Pampillo Baliño *et al.*, *Filosofía del Derecho. Nuevas Tendencias y Escuelas Actuales*, Mexico, Tirant lo Blanch, 2019, pp. 275-309.

Entretanto, pertenceria a múltiplas sociedades científicas, nacionais e internacionais, editaria várias revistas, pertenceria a múltiplos conselhos de redação e afins, e teria vários prémios e condecorações: além do Jabuti e de sucessivas bolsas da Funadesp, a Comenda *Venturis Ventis*, a Láurea de Mérito Docente, o Prémio de Inovação Jurídica, e integrei a Academia Brasileira de Direito Internacional, a Academia de Brasileira de Ciências, Artes, História, e Literatura, o Centro de Letras

do Paraná, Academia Paulista de Letras Jurídicas, Instituto dos Advogados Brasileiros, etc.

Durante a minha permanência na FDUP, fui ainda professor, a vários títulos (emérito, honorário, convidado, ou visitante) de várias Universidades e instituições afins, tais como: Universidade Paris XIII, Faculdade de Direito da Academia Nacional das Ciências da Ucrânia, UANE, do México, Faculdade de Ciências Jurídicas, Políticas e Sociais de Tunes, Universidade Laurentian / Laurentienne, do Canadá, Universidade Mackenzie, Universidade de São Paulo (USP), Academia Internacional de Direito Constitucional, etc.

Não exerci (por consciente e assumida estratégia de carreira) muitos cargos na Faculdade ou na Universidade. Apesar de várias vezes terem vários colegas insistido para que me candidatasse a Presidente do Conselho Diretivo ou Científico, e mesmo a Diretor, sempre achei que a minha vocação não era o poder, ou a gestão ou administração. Consegui sempre furtar-me a esse encargo, que é muito penalizador, para quem o exerce, embora haja quem tenha conseguido compatibilizar todas as funções de forma admirável, como foi o caso do Diretor Prof. Cândido da Agra, que além do mais dirigiu a Escola de Criminologia, que fundou.

Ainda assim, fui Presidente da Assembleia de Representantes, membro do Conselho de Escola (creio que era o nome da entidade que, além do mais, elegia o Diretor), e representante da Faculdade no Senado da Universidade. Seria ainda formalmente membro de uma Comissão ligada à revista da Faculdade, mas na verdade sempre fui poupado a qualquer intervenção efetiva, para além do envio regular de artigos.

Concorri (em lista) às primeiras eleições para o Conselho Geral da Universidade do Porto. E tive uma votação esmagadoramente favorável na Faculdade (creio que ainda tive votos em Farmácia e Economia, por exemplo). Mas não consegui ser eleito. A minha interpretação seria a de que, para tal, teria sido preciso que a minha própria Faculdade tivesse muito mais doutores votantes. Salvo erro, nenhuma das três faculdades em que tive votos elegeu qualquer representante... Em suma: mesmo que tivesse tido a unanimidade dos votos na FDUP não seria eleito, pareceu-me... Mas estive perto (fiquei com a impressão). De qualquer forma é um episódio para mim mais curioso que verdadeiramente importante.

O mais enriquecedor foi, durante estes anos, poder receber, logo no 1.º ano, e depois no final dos estudos (5.º ano, depois 4.º, e mais tarde no Mestrado), sucessivas vagas de estudantes muito interessados e que viriam a triunfar.

De entre estes, naturalmente, pelo convívio mais diuturno, há a salientar os de Mestrado e Doutoramento, em especial os que orientei. Muitos, estou certo, ficaram amigos para sempre. Do mesmo modo, guardo muito boas memórias de Colegas e Funcionários. O primeiro dos doutores que orientei no respetivo curso na Faculdade de Direito do Porto foi o Prof. Hugo Lança, do Instituto Politécnico de Beja. Tive grande prazer e empenho em ter vindo de propósito do Brasil ao Porto para estar nas suas provas, brilhantes, e premiadas com nota máxima. O último, o Prof. Justino Felizberto Justino, de Moçambique, que fez a proeza de terminar a tese antes do tempo legalmente previsto para o poder fazer. Não me levarão a mal os restantes se salientar, de entre os que não se doutoraram no Porto, duas orientações de notáveis investigadores e docentes: a hoje Prof.<sup>a</sup> Joana Aguiar e Silva, diretora da revista *Scientia Iuridica*, da Universidade do Minho, e o Prof. João Relvão Caetano, pró-Reitor da Universidade Aberta (este último em co-orientação).

Dos Mestrados, foram muitas as orientações, recorro sobretudo as de Ana Caldas, Fernanda Coelho, Flávio Vicente (de quem cheguei a ser coorientador de

doutoramento no Minho), Maria Raquel Rocha, Marieta Maia, Sérgio Fernandes e Sofia Pinto. Tive sempre a preocupação de propor que se convidassem especialistas de fora da Casa que permitissem que o candidato ou candidata se confrontasse com outros pontos de vistas. Assim, vieram arguir teses grandes nomes do Direito, da Filosofia, da História, etc., de várias Faculdades do País e do estrangeiro. Relembro nomes como Raquel Varela, Renato Epifânio, Fernando Menezes de Almeida, Karine Salgado, Manuel Loff, etc.

## 5. Da Docência à Magistratura

Não se pode dizer que tenha sido abrupta ou inesperada, para quem me conhece, a minha ida para Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Era o apelo da prática, que sempre estivera em mim latente. Assim, em 4 de julho de 2019, tomei posse desse lugar na Magistratura, suspendendo as minhas funções de Catedrático com *tenure* da FDUP. No seu discurso, dando-me posse, S.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> o Presidente dessa alta Corte, Conselheiro Dr. António Joaquim Piçarra, recordou que, mais de 30 anos atrás, eu tinha esboçado uma entrada para a Magistratura, que não chegara a concretizar. Era totalmente verdade. E parecia que um ciclo se fechava.



Recanto do apartamento de PFC no Copan (São Paulo)

É agora a oportunidade de fazer o que sempre ensinei aos estudantes, citando uma estória contada por Luigi Lombardi Vallauri: nós, juristas, estamos aqui *para que se faça mais justiça neste Mundo*. Depois de Pensar o Direito e Pensar a Justiça, segue-se a fase de tentar concretizá-la.

Porto, 31 de dezembro de 2019 - 1 de janeiro de 2020.

## Um notável ENFP: Paulo Ferreira da Cunha<sup>27</sup>

João Sérgio Lauand<sup>28</sup>

**Resumo:** Nas revistas do Cemoroc foram publicados dezenas de artigos sobre a teoria de David Keirsey. Uma das dificuldades encontradas pelos estudiosos de Keirsey é o caráter “ideal” (*Idealtypus*) de seus fatores, temperamentos e tipos. Este artigo soma-se ao esforço de ajudar a compreender a teoria, discernindo e identificando de modo concreto tipos em personalidades encarnadas. Neste estudo, apresentamos uma descrição de um notável ENFP – o Doutor Paulo Ferreira da Cunha.

**Palavras Chave:** David Keirsey. tipos. ENFJ. Paulo Ferreira da Cunha.

**Abstract:** The theory of David Keirsey is the subject of many articles in Cemoroc’s journals. This article is part of the project of Cemoroc in presenting analysis of real people, in order to help – in a concrete way – the understanding of Keirsey’s types. Here is contemplated the ENFP – Doctor Paulo Ferreira da Cunha.

**Keywords:** David Keirsey. types. ENFP. Paulo Ferreira da Cunha.

Estou tentando lembrar quando foi a primeira vez que encontrei o Doutor Paulo Ferreira da Cunha. Deve ter sido há uns quinze anos, não me lembro exatamente. O que sei com certeza é que foi uma dessas gratas surpresas que meu irmão, Jean, me proporciona de vez em quando. Sendo Professor Titular da USP, trava contato com vários colegas e orientandos, em nosso país e fora, e um belo dia me apresentou seu amigo, o Doutor Paulo. Penso que o contato frequente a partir de então, a amizade que se estabeleceu em encontros, conferências, almoços, me permitem referir-me a partir de agora ao meu amigo sem a colocação do Doutor, nem nenhum dos seus outros inúmeros títulos, à frente do seu nome.

Desde o início fiquei muito impressionado com sua cultura, conhecimento e simpatia. Os vários almoços ao longo destes anos para matar saudades e tratar de assuntos vários, esta parte mais com o Jean do que comigo, sempre foram e são muito agradáveis. Por eles já passaram vários personagens e lugares, juntamente com opiniões e impressões. Estiveram presentes o velho do Restelo, as Universidades de Marrocos, da Ucrânia e tantas outras, opiniões sobre personagens da política brasileira, os usos e costumes de nossos irmãos portugueses, de suas aldeias, a diferença entre o “você” português e o nacional, várias indicações de filmes a que tinha assistido – em geral, na viagem de avião – e mais um sem número de assuntos,

---

<sup>27</sup>. A pedido dos editores, publico neste volume de ISLE este artigo (versão ligeiramente modificada de meu capítulo em: LAUAND, Jean, CAETANO, João Relvão **Pensar, Ensinar e Fazer Justiça** – Estudos em homenagem a Paulo Ferreira da Cunha; Santo André: Kapenke, 2020). Ao analisar concretamente um dos 16 tipos (o ENFP) propostos por David Keirsey, este estudo vem se somar ao rico inventário que o Centro está reunindo nesse sentido em suas revistas: neste mesmo volume, Alexandre Medeiros e Enio Starosky agrupam – em duas “Galerias de Tipos” – 8 tipos keirseyanos (os 4 tipos SP e os 4 tipos SJ) já contemplados em revistas do Cemoroc.

<sup>28</sup>. Doutor em Psicologia e Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

que seria difícil recordar aqui, não pelo gosto que produziram em seu momento, mas pelas limitações da memória. Saio sempre com alguma lembrança que me faz viajar brevemente ao saudoso Portugal: um Porto, um Singeverga, um CD com os sons de uma guitarra portuguesa, uma aquarela.

Por tudo isso é possível ter ideia da alegria que senti ao saber que meu amigo fora nomeado para a mais alta Corte de Justiça de seu país. Alegria sim, orgulho e, por que não dizer, inveja de ele não ser de nosso país, mesmo sendo tão brasileiro. Sua cultura, competência e caráter seriam muito bem-vindos em qualquer lugar e especialmente aqui.



Tomada de posse de Paulo Ferreira da Cunha e Fernando Jorge Dias, novos juízes do Supremo de Portugal (<https://www.stj.pt/?p=10632>)

Foi pensando nisso que me uni às justas homenagens que o Cemoroc vem lhe prestando. Como tenho estudado, desde meu doutoramento, um pouco das teorias de personalidade de David Keirse, ocorreu-me escrever um breve artigo esboçando o “tipo” de meu amigo Paulo e ressaltando algumas de suas características à luz dessas teorias.

É oportuno recordar desde o início que se trata de mais uma tentativa de compreender, da melhor forma possível, ainda que sempre imperfeita, o comportamento humano. Procura estabelecer um tipo psicológico a partir de quatro pares de características. Misturando os resultados chega-se a quatro temperamentos básicos, que se subdividem um pouco mais chegando a dezesseis possibilidades. Como não há seres humanos iguais e como temos a experiência de mudar alguma coisa ao longo da vida e das circunstâncias o melhor que se consegue é uma aproximação. Mas os resultados costumam ser significativos e a prova disso é nos vermos na descrição que se obtém.

Vai ser sempre uma tentativa de definir, ou seja, encontrar fins e limites. No caso do Paulo, com sua personalidade aberta ao mundo, de inúmeros aspectos, ilimitada, a meta de encontrar limites é desde o início uma tarefa frustrada. Paulo é entre outras características, jurista, professor, filósofo, pensador, juiz, poeta e pintor. Mas vamos empreendê-la mesmo assim. Mas está longe de ser o estudo que sua figura merece e com certeza terá: com o suficiente estudo e elaboração. O que fazemos aqui, como fica dito, é um breve esboço para justificar seu perfil psicológico de acordo com o autor americano.

Nas teorias de Keirse, para os leigos uma sopa de letrinhas (que procurarei “traduzir”), a primeira divisão é entre as pessoas com tendência ao realismo ou ao imaginativo, designadas por ele como S ou N, e o Paulo está entre estas últimas. Se fosse S teríamos que buscar a próxima letra em J ou P, propensas a decisões tomadas ou abertas às possibilidades. Sendo N, recorreremos ao par F ou T, predominância de

sentimentos, F de *feeling* em oposição à preferência pelo frio *Sachverhalt*, a situação “objetiva” (T de thinking). Chegamos assim, no nosso caso, ao tipo NF, chamado pelo autor de Idealistas, em oposição ao NT, racionais.



Paulo Ferreira da Cunha no No XII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia & Educação (2012) Jornal da USP <http://www.imagens.usp.br/?p=11229>

Em seu livro *Please Understand Me II*, Keirse faz a descrição dos NF:

“Como os Idealistas de Platão e os Éticos de Aristóteles são abstratos nas comunicações e cooperadores no modo como implementam suas metas, querem estudar sobre as humanidades, interessam-se por moral e trabalham bem com o pessoal. Tendem a ser altruístas, crédulos, místicos. Localizam-se nos caminhos e olham para o amanhã. Baseiam sua autoimagem em ser considerados, empáticos, benévolos e autênticos. Com frequência são entusiastas, confiam em sua intuição, desejam o romance, buscam a identidade, valorizam o reconhecimento e aspiram à sabedoria. No campo intelectual, são propensos a praticar a diplomacia muito mais que a estratégia, a logística e especialmente a tática”.

Já parece uma primeira boa descrição do Paulo, mas temos que seguir com as letras e chegamos ao par J ou P, escolhendo o P, o que resulta no conjunto NFP, grupo que recebe o nome de *Advogados*, no original *Advocates*. Há sempre uma dificuldade em dar nomes e traduzi-los para outra língua pelos múltiplos significados que as palavras podem ter, o que faz com que nem sempre esses nomes sejam muito felizes. Neste caso parece que sim. Vamos ler o texto em que Keirse se refere aos Advogados:

“Os Idealistas (NF) indagadores (P), que preferem a experiência aberta e tendem a proporcionar informação em lugar de dar ordens, adotam o papel de Advogados. Para eles, advogar significa “dar voz” a pontos de vista, posições, crenças e causas – ideias que com

frequência as pessoas não podem expressar por si mesmas – a fim de fomentar a harmonia e a compreensão entre todos”.

Parece-me que Advogado é uma boa síntese para o meu amigo, na medida em que as sínteses podem ser boas, e “dar voz” é algo que ele faz continuamente, bastando para comprovar isso ler seus livros, artigos, ou ouvir suas ótimas conferências.

Finalmente, com o último par, E ou I, extroversão ou introversão, obtemos o E, e se completa o tipo ENFP, que recebe o nome de *Defensor*, no original *Champion*:

“Os Defensores desejam ir a todas as partes e experimentar em primeira mão todas as coisas importantes que acontecem no mundo. Quando esses Advogados (NFP) sociáveis (E) exploraram temas e eventos, enchem-se de uma fervente convicção e defendem com entusiasmo – adotam, abarcam, abraçam e lutam – a verdade de uma causa ou ideal em que acreditam, a fim de motivar outros (animá-los e inspirá-los) para que solucionem seus conflitos e ajam com sabedoria e justiça”.



JSL e PFC no XVII Seminário Internacional Cemoroc (2016)

Estou ouvindo meu amigo contar com graça as peripécias pelas quais passou em sua última viagem a algum lugar da África, Ásia, Europa do Leste...

Em uma de suas publicações–e são inúmeras! – encontro o seguinte texto:

“A crítica dos males e dos vícios é o melhor elogio das virtudes. Embora o exemplo seja a sua melhor pedagogia. Falaremos hoje da Justiça como Virtude na sua relação com o Direito. Infelizmente, dela não podemos dar público testemunho, e tudo ficará muito teórico...”

A fina ironia e o bom gosto estão sempre presentes em sua pena.

O site de Keirse relaciona alguns ENFP: Charles Dickens, Joan Baez e Martin Luther King Jr.

Passo ao texto de Keirse sobre os ENFP.

“Como outros Idealistas, os ENFP são muito raros, pode-se dizer de três a quatro por cento da população, mas, ainda mais do que os outros, eles consideram as experiências emocionais intensas como sendo essenciais para uma vida plena. Os ENFP possuem um amplo e variado conjunto de emoções e uma grande paixão pela novidade. Eles veem a vida como um emocionante teatro, que cria possibilidades tanto para o bem como para o mal, e querem experimentar todos os acontecimentos significativos e pessoas fascinantes do mundo”.



Com o autor, em São Vicente (SP, 2010)

Talvez esse comentário explique a enorme produção do Paulo, a quantidade de material, livros, artigos, conferências, que produz, além de dedicar-se à poesia e à pintura, e sempre com altíssima qualidade.

“Os mais extrovertidos dos Idealistas, os ENFP muitas vezes não conseguem esperar para contar aos outros sobre suas experiências marcantes. Os ENFP podem ser incansáveis ao falar com outras pessoas, sendo como fontes borbulhantes que derramam suas próprias palavras ao se expressarem. E geralmente, isso não é um simples contar de histórias, os ENFP muitas vezes falam (ou escrevem), na esperança de revelarem alguma verdade sobre a experiência humana, ou de motivar os outros com suas firmes convicções. Seu forte impulso para falar sobre questões e fatos, além de seu entusiasmo sem limites e talento natural com a linguagem, os tornam os mais vivazes e inspiradores de todos os tipos”.

Basta abrir qualquer publicação sua para ver a incontável quantidade de citações e de amigos que tem. Tive a honra de estar em um Congresso na Universidade do Porto a convite do Paulo. Foram dias maravilhosos e me impressionei com a quantidade de colegas e amigos que participaram dos eventos em torno desse Congresso.

Um exemplo do que vai dito acima é seu entusiasmo com o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, que infelizmente passou por um acidente mas está abrindo novamente suas portas. Em um de seus escritos ele propõe abrir algo semelhante em Portugal e sugere até o local, Coimbra, onde esteja talvez o melhor cultivo da língua. O argumento que usa é bem revelador de sua verve: seria bom erguer uma Catedral à Língua para rivalizar com as muitas que há para o Futebol.

“Ousadamente individualistas, os ENFP lutam por uma autenticidade pessoal, e essa vontade de serem eles mesmos é, geralmente, algo cativante aos outros. Ademais, os ENFP têm uma notável força intuitiva e podem dizer o que está acontecendo com as outras pessoas, lendo as emoções implícitas e dando especial importância às palavras e ações. Na verdade, os ENFP estão sempre analisando o ambiente social, e nenhum aspecto intrigante, ou impulso silencioso está propenso a escapar de sua atenção. Muito mais que os demais Idealistas, os ENFP são interessados, sondam e observam as pessoas ao seu redor e são capazes de se concentrarem intensamente em outro indivíduo. Sua atenção raramente é passiva ou casual. Ao contrário, os ENFP tendem a serem mais sensíveis e alertas; sempre prontos para situações de emergência, além de atentos a possíveis acontecimentos”.

Paulo não se furta a dar sua opinião, considerando isso uma obrigação: “Uma das responsabilidades do ‘intelectual’ é dizer o que acha ser verdade. Direi, pois, o que penso”. E seus pensamentos são sempre elaborados e ricos. Neles aparece uma quantidade imensa de personagens de todos os âmbitos: filósofos, teólogos, juristas, escritores e tantos outros (de todas as épocas e culturas...), que seria difícil enumerar.



Imitação da Noite Estrelada, tela de PFC

“Os ENFP são bons com pessoas e normalmente, têm uma série de relacionamentos pessoais. Eles são acolhedores e esbanjam energia com seus amigos. Eles são simpáticos e ficam à vontade com seus colegas, além de terem grande habilidade para lidarem com funcionários ou alunos. Eles são bons para falar em público e ao telefone, e por serem tão espontâneos e extrovertidos, as pessoas apreciam estar na companhia deles. Os ENFP são pessoas positivas e exuberantes; sua confiança no que há de bom na vida e na natureza humana geralmente faz com que coisas boas aconteçam”.

Há temas que aparecem com certa frequência em sua pena e revelam algo de sua alma. Paulo é apaixonado por seu País e otimista. É por isso que cita Mia Couto: “Me enche de saudade é um pequeno bairro, um simples muro onde possa me sentar com meus amigos de infância”. Esse amor e otimismo não o impedem de ver as mazelas e limitações humanas, como quando trata da inveja que percebe em tantas ocasiões. Em outro momento inquieta-se com algo e desabafa:

“... é este Portugal que vai relançar a Constituição Europeia e dar luzes à Europa?”.

Mas a Esperança está presente e fala dela muitas vezes, como nestes belos versos:

“Eu, por mim, voto na Esp’rança  
Venha o seu ópio sarar-nos  
Das f’ridas feras da lança  
De Gabriel ao expulsar-nos  
Desse Jardim da bonança.

Venha a Esperança ilusória  
Venha a Esperança impossível  
Venha a Esperança risível  
Desça ela em sua glória  
À minh'alma sensível”.

Tem uma vasta e duradoura produção poética, de alto valor. Nela tenta descobrir a alma do mundo:

“Porque a alma do mundo é a das suas coisas  
para além das pessoas e das suas acções”.

Mundo que acha bonito e valioso:

“Dá-me só Nada mais quero  
O pôr-do-sol em Sunion  
E o nascer dele No Porto Pireu.  
Olha que é muito mais que pedir a Lua”.

Em um de seus títulos temos a impressão de que é a frieza e objetividade dos textos jurídicos que quer transformar em poesia no “Tratado das coisas não fungíveis” quando põe como epígrafe dois artigos de Códigos, na sua língua e em castelhano, explicando de que coisas se está tratando.

Seu espírito universal vai analisando e comentando inúmeros aspectos da natureza humana e da vida que observa atentamente. Além dos temas jurídicos e morais pelos quais adentra com frequência e enorme saber brinda-nos também outros. Sua especialidade é a Constituição e talvez, sem poder reformar ou ajustar alguma conhecida, promulgou a “Constituição da República de Lísia”. Percebe-se no que sai de sua pena e em suas palavras um forte pendor democrata, totalmente avesso a extremismos e fundamentalismos. Profundo conhecedor dos clássicos discorre com muita facilidade pelos gregos e suas virtudes. Encontramos em um artigo breve uma relação de seis características para ser bom cidadão e boa pessoa. Sua fé transparece em suas obras e lá estão as provas da existência de Deus. Um dos textos de Keirsej citados acima, ao descrever as características dos ENFP, exalta seu individualismo e sua luta pela autenticidade que os torna tão cativantes. São convicções do Paulo:

“Porque a sabedoria condiz bem com a autenticidade: que é, antes de mais, fidelidade a si. Mas, para sermos fieis a nós mesmos temos de ser alguém com suficiente autonomia”.

Há mais textos comentando a defesa dos Professores em um ambiente que vai se tornando hostil, a violência urbana, a cultura, a defesa da Universidade que “tem responsabilidades sociais”. É muito significativa de sua visão ampla, democrática e universal a frase que encontramos em seus escritos: “O mundo visto só de um ponto de mira é pobre, frio e mau”. Como seria também um mundo sem os clássicos, defendido na bela frase que soa a Fernando Pessoa: “contar histórias é preciso”!

Mas nem tudo é tão sério nos escritos e palestras do Paulo, que por sinal é uma pessoa bem-humorada e com finíssimo senso de humor. Há espaço para Harry Potter, defendido por ele de críticas totalmente absurdas, para Dale Carnegie, para a Metafísica da Barba e da Gravata, que termina por concluir que “mesmo quando não usamos as gravatas elas nos esganam com sua presença ausente”.

Tratando-se de um breve esboço, vamos terminando. Como foi dito, pensamos que nosso personagem é um ENFP e procuramos justificar. O trabalho de estudar a fundo a riqueza, valor e grandeza que tem, fica para outra ocasião.

## Paulo Ferreira da Cunha, em defesa do professor-professor

Chie Hirose<sup>29</sup>

### Paulo Ferreira da Cunha em nossos Seminários do Cemoroc

Conheci o Prof. Paulo em setembro de 2009 quando, ainda doutoranda na Faculdade de Educação da USP, participei como conferencista do “IX Seminário Internacional Filosofia & Educação” do Cemoroc-Feusp, no qual ele proferiu a Conferência de Abertura: “Ensinar e Compreender as Instituições e o Estado: desconstruindo mitos pedagógicos e legitimadores”.



Público do XI Seminário Internacional Cemoroc Filosofia & Educação, organizado por PFC.

Minha primeira e duradoura impressão, confirmada em tantos outros Encontros e Seminários Internacionais do Cemoroc – ambos participamos de praticamente todos, até o atual, o XXI, deste ano – foi a de estar diante de um pensador no qual a imensa erudição não ofusca (muito pelo contrário...) o senso de realidade, a “*concretezza*” de quem enxerga o chão da escola e aponta a “nudez do rei”: as absurdas burocracias e abstrusos sistemas de avaliação, que tanto atrapalham a educação, especialmente a pública, submetida a tantas disfunções do Estado. Ele até parecia nascido e formado no Brasil, tal a sua sensibilidade para nossos problemas educacionais.

---

<sup>29</sup>. Doutora em Educação pela Feusp, com dois Pós Doutorados nessa mesma Faculdade. Professora alfabetizadora da Prefeitura de São Paulo, na EMEFM Vereador Antonio Sampaio. Diretora e editora do Cemoroc - Centro de Estudos Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação de São Paulo.

Os XI, XII e XIII “Seminários Internacionais Cemoroc Filosofia & Educação” foram celebrados na minha Faculdade, a Campos Salles (FICS), perante numerosíssimos auditórios e o Prof. Paulo e eu, participamos das organizações desses eventos, o que me permitiu conhecer melhor também sua pessoa. No XIII Seminário, tive a honra de poder apresentá-lo à minha família, quando publicamente me outorgou o título de Professora Investigadora do (hoje extinto) Instituto Jurídico Interdisciplinar da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, por ele fundado e dirigido.



A autora recebe de PFC o certificado de Investigadora do IJI – XIII Seminário Cemoroc, 2012

Apontar que o rei está nu não é pouca coisa. Muitas vezes os professores – não só os da universidade, mas especialmente os da Educação Básica – têm que aceitar algo, simplesmente porque “o Governo”, ou no caso da educação escolar: “a Secretaria”, “a Direção Regional” ou os diretores e coordenadores assim o determinaram.

Em muitos de seus artigos, Paulo Ferreira da Cunha se insurge contra a nefasta tendência atual de transformar o professor universitário (mas, *mutatis mutandis*, aplica-se perfeitamente a todos os docentes) em um burocrata, administrador, além do mais, sujeito a absurdas, tecnicistas e complicadíssimas “avaliações” (sabe-se lá o que elas realmente avaliam...). Claro que tal ousadia, a de desafiar o Leviatã e ridicularizar sua poderosa máquina, não é para qualquer um; só o pode fazer, alguém que, com estatura para isso. Como revelaram os professores Lauro Ishikawa e Thiago Lopes Matsushita, no vol. II destas homenagens, quando propuseram a uma faculdade brasileira a contratação de PFC, escrevendo ao Diretor da instituição:

Conforme te falei, o Prof. Paulo Ferreira da Cunha, tem uma produção impressionante no Direito Constitucional e será importantíssima a sua incorporação ao Corpo Docente do Mestrado e Doutorado da FADISP.

Para que tenha uma ideia, no último triênio, ele produziu:

- 57 artigos em periódicos;

- 17 livros;

- 26 capítulos de livros;

<http://lattes.cnpq.br/4615065392733954>

**Isso equivale a, no mínimo, 10 vezes o que o nosso programa todo produziu no triênio passado.** [grifo meu]

(<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/LivroPFC2.pdf> p. 244)

Em um desses agudos (e deliciosos) diagnósticos sobre os problemas da universidade, “Burocracia científica e pluralismo cultural”, assim escrevia Paulo Ferreira da Cunha sobre as avaliações e a burocratização do professor, em detrimento do ensino e da pesquisa:

(...) Acima de tudo, sujeito crescentemente a impecilhos burocráticos a impedirem que trabalhe naquilo para que foi contratado: pesquisar e ensinar.

Os mecanismos de avaliação, a pessoas e instituições, impõem a formatação do que se publica. E as normas já foram por outros denunciadas na sua inaplicabilidade a todos os terrenos, a todos os países, etc.

Sempre lembro o exemplo de “Deus”, que seria obviamente muito mal classificado como professor ou pesquisador. Não passa um só dos requisitos, que me lembre... Escreveu um só livro, sem *referees*, não foi em inglês, não pode haver edições realmente atualizadas, etc. Também não fez pós-docs., etc.

Mas há coisas simplesmente de bradar aos céus.

Como avaliar alguém pelo número de páginas em revistas, esquecendo-se que há tamanhos de letra diferentes, espaços diferentes, margens diferentes e mesmo for-matos de revista diferentes...? E o que interessa, realmente, maior número de páginas? (...)

Nestas condições, os docentes com gosto de ensinar e de pesquisar que magnanimamente aceitam imolar essas vocações no altar da gestão acadêmica (e são esses que se mostram com visão, *prudencia*, capacidade de diálogo e sutileza: porque são eles e não simples tecnocratas que compreendem que gerir uma Universidade ou uma Faculdade não é o mesmo que gerir outra coisa qualquer...) só podem comparar-se aos que alcançam a palma do martírio. São dignos de louvor e devem ser acarinhados e apoiados. E pode ser que não haja muitos assim, no futuro. Porque, por um fenômeno dificilmente explicável, no momento, a transmissão de alguns fundamentos (quantas vezes não-ditos, e muito menos escritos) do que é a Universidade não se está a fazer. O que significa que pode começar a haver (já irá havendo) jovens docentes que não entendem a transcendência e a missão de que estão investidos. Ou seja, mesmo sendo docentes acabarão, se um dia forem guindados a postos de administração, por espelhar uma lógica não especificamente acadêmica.

(*Revista Internacional d’Humanitats* No. 24 – Cemoroc Feusp / UABarcelona <http://www.hottopos.com/rih24/05-16Pfc.pdf>)

No caso da Educação Básica, nem quero falar aqui dos relatórios e imensas burocracias inúteis (e que roubam muitíssimo tempo que poderia ser melhor dedicado à preparação de aulas e pesquisa). Isto agravado pelo fato de que o professor deste nível está mais indefeso, como dizia, aos ditames da “Secretaria”, da “Direção Regional” etc., que, em alguns casos, parecem desconhecer totalmente a realidade do professor, dos alunos e das comunidades em que eles vivem.

O que sim vale a pena é relatar o esforço das publicações do Cemoroc em valorizar o professor-professor da Educação Básica Pública, suas iniciativas em sala

de aula e dar-lhe voz, nas prestigiosas revistas internacionais de nosso Centro, para que ele mesmo relate suas experiências e pesquisas. Como Diretora de Relações do Centro com a Escola Pública e *editor ad hoc* de diversas dessas revistas, tive muitas gratas e fecundas experiências de revelar nossos docentes como professores-professores, em sua criatividade em sala de aula e em suas vanguardistas propostas pedagógicas (pelas quais a burocracia não se interessa, não valoriza e nem toma conhecimento. *Et pour cause...*).

### **Uma iniciativa revolucionária: o professor-professor nas revistas acadêmicas do Cemoroc**

Esse tem sido o grande diferencial das revistas do Cemoroc. Sua linha editorial inclui autores que constroem conhecimentos inovadores, na “periferia” do chão da escola. Valoriza esse território – frequentemente ignorado pela academia – não como campo de pesquisa ou de coleta de dados, mas em busca da voz autoral de quem, diariamente na sala de aula, constrói o saber e assina suas experiências nessas nossas revistas, trazendo visões e entendimentos distintos.

Esse meu ideal de editora já estava presente em mim há muitos anos, quando fazia pesquisa etnográfica – para meu mestrado na Universidade de Hiroshima – nas salas de aula do Japão. E reacendeu-se nos contatos com o Cemoroc e seu presidente, Prof. Jean Lauand, que me incentivou a concretizar esse ideal. O diálogo com o Prof. Paulo Ferreira da Cunha – que me ampliou o horizonte dessas ausências de voz, também presente em outros continentes –, em vários encontros do Centro, foi mais um fator decisivo nesse sentido.

Como *editor* o que procurei foi extrair dos próprios atores da linha de frente do Ensino Básico suas experiências, paradigmáticas, que (infelizmente) não costumam ser apresentadas em eventos das Secretarias de Educação ou, **por eles mesmos**, em publicações científicas. O que é uma pena, pois trata-se de material muito rico, elaborado no árduo âmbito da escola pública e movido fundamentalmente pelo fator “vocaçãõ”, que, como ensina o grande filósofo espanhol Julián Marías, é: “*lo que no se puede dejar de hacer*”.

Digo por experiência própria de alguém que, por anos, valeu-se de etnografia para entender as escolas do Japão. Por mais que um pesquisador alheio à escola pública, se envolva e participe em suas investigações, sempre há um limite que não será facilmente transposto: a revelação das experiências mais decisivas, pois, como bem sabem os antropólogos: “o xamã não revela seus conhecimentos mais profundos”.

Os que trabalham em escolas públicas sabem que, mesmo tendo o seu cargo garantido por concurso, o espaço onde atuam é uma arena de vários interesses, principalmente políticos. Sabem, que a qualquer momento, a sua prática pode ser diluída ou anulada pelo burocrata de plantão ou por uma nova gestão. Ou ao explicitar a sua prática, ela pode ser desfigurada para fins ideológicos ou até usurpada por estudioso interessado apenas em alavancar sua carreira acadêmica. Os professores, normalmente, são informantes muito colaboradores, entretanto, muitas informações são inatingíveis às pesquisas. Por isso a grande dificuldade e tempo de um trabalho de campo sério no âmbito escolar público.

Também os “xamãs”, professores do ensino fundamental, não revelam seus segredos, a menos que... A menos que eles estejam diante de um aprendiz, no caso não já seu aluno, mas o interlocutor que busca realmente aprender de um “mestre”: como o caso da estagiária, das alunas da faculdade de Pedagogia, ou da entrevista de uma colega de anos, como aqui apresentarei.

Mesmo de posse dessa reveladora metodologia, é necessário atenção para as entrelinhas, pois é nelas que se esconde a alma desses educadores...

Assim, por exemplo, pudemos receber de primeira mão as sugestivas experiências de ensino de História em alfabetização do Prof. Juscelino Passos Pereira de Almeida, que, com seus alunos de 4º. ano, toma como referência os povos nativos que habitavam nosso país antes da chegada dos portugueses e “vamos montando a História com todos os elementos que vão influenciar em nossa cultura”.

“Claro, sem deixar de ressaltar a cultura africana que tanto representou para o processo de construção do país, a formação no período colonial, os primeiro e segundo ciclos, as formas de governo e a comparação com os dias de hoje. É tudo isso que norteia o conteúdo e a disciplina, assim como os aspectos econômicos, sociais, políticos do nosso país.”  
 (“Ensinando História no Fundamental I” <http://hottopos.com/convenit14/39-44JuscAnt.pdf>)

Juscelino – sem deixar de atuar como promotor da cultura mineira – como professor em um cidade como São Paulo, estrutura seu ensino em dimensão universal:

“As pessoas normalmente não percebem que ser professor na Prefeitura não se restringe aos muros da escola: essas atividades estão em total ligação com o trabalho propriamente escolar. Veja, os alunos quando chegam aqui, são migrantes ou imigrantes, eu tenho aluno argentino, angolano, chinês, então acho que trabalhar com os dados dessas pessoas é encorajá-los a tocar a vida, a buscar o significado de sua cultura para valorizá-lo como ser humano, conscientizando-os de sua importância na vida e suas raízes como participante da História. Lembrando o nosso educador e poeta Abgar Renault: ‘Viajar, mais que tudo, é retornar’”.



Alunos do Prof. Juscelino em atividade

Nessas mesmas revistas, uma experiência que causou grande repercussão no meio acadêmico, foi a da Profa. Raimunda Pereira do Nascimento Marques, professora da Rede, que mostra uma visão muitíssimo à frente de diversas propostas oficiais sobre alfabetização. Em “Ensinando arranjos florais no Fundamental I” (<http://hottopos.com/convenit14/57-62RaimundaChie.pdf>), diz ela:

Fazer um arranjo floral não é apenas montar flores em um vaso. É lidar com os sentimentos e transformação do indivíduo. *Ikebana* ensina o ser humano a compreender e a respeitar os fundamentos da lei da natureza. Ela também coloca a pessoa em contato com valores que contribuem efetivamente para tornar a vida mais bela, alegre e harmoniosa.



Aluno Isaque (1º ano) e a profª Raimunda

Arranjos florais é um caminho (um *do*, como dizem os orientais) e não é o único. Eu sou especialmente sensível aos valores por ele veiculados e proponho aos colegas fazer esse trabalho com os alunos da sua sala. Para trilhar esse caminho, é necessário perseverança, fazer no mínimo duas vezes por mês. Os depoimentos dos pais são altamente motivadores, indicam mudanças incríveis. Acredito nessa arte porque antes de praticar com os outros, eu tive a oportunidade de provar. É tão gratificante fazer arranjo floral que a sensação que temos é de uma coisa tão diferente que nem dá para explicar. Realmente é uma “iluminação” interior...



As crianças no refeitório

Relacionar a feitura de arranjos florais com a alfabetização na Escola Pública é uma proposta tão rica e inovadora, que quebra os paradigmas atuais e é simplesmente incompreensível para muitos dos gestores da BNCC – Base Nacional

Comum Curricular. E nem tem como ser “lançada” nos espartilhos dos relatórios que temos que preencher nas plataformas digitais do governo.

Já a Profa. Maria Josenita Viana nos conta suas experiências em “Breve diálogo com estudantes de Pedagogia” (<http://hottopos.com/convenit14/63-68Jo.pdf>)

Eu sou professora de História de Ensino Fundamental II que optei por ficar numa mesma escola por mais de 15 anos, trabalhando diretamente com os jovens adolescentes. Muitos deles são oriundos de comunidades que vivem em região de altos índices de insegurança ou são de famílias de trabalhadores migrantes da zona norte da cidade. A minha jornada como professora é trabalhar de manhã nesta escola e à tarde em uma outra escola pública. Nestes últimos tempos, tenho me interessado pela formação dos nossos futuros professores. Numa conversa de corredor com uma colega que leciona numa faculdade de Pedagogia da região da Lapa, expus minha preocupação sobre a formação de professores. Então sugeri a ela um filme para as suas alunas e coloquei o meu desejo de saber o que essas jovens do 1º ano do curso achariam de “O Substituto”.

Também com a Profa. Maria Josenita, tivemos uma das mais importantes experiências na escola pública. A convite da Profa. Dra. Roseli Fischmann, *editor* do dossiê “Educação e Direitos Humanos” (International Studies on Law and Education No. 22 <http://hottopos.com/isle22>), escrevi “Uma experiência de diálogo Brasil-Japão: alunos e professoras de ensino básico” (<http://hottopos.com/isle22/95-106Chie.pdf>).

Trata-se de uma experiência riquíssima, intercontinental, realizada ao longo de sete anos (naturalmente, sem nenhum apoio institucional...) entre crianças brasileiras, da EMEFM Vereador Antonio Sampaio (Prefeitura Municipal de São Paulo), e seus colegas de escolas do Japão. De 2009 a 2015, a Professora Ayumi Massao (Japão) e a Professora Josenita (e eu) promovemos a comunicação entre alunos de ambas as escolas, discutindo as culturas, paz e direitos humanos.

E é que em 2006 tive o privilégio de conhecer Ayumi Massao, professora de Ensino Fundamental em Osaka, e que tinha sido enviada ao Brasil para lecionar, por três anos, em uma escola japonesa no bairro de Campo Limpo e frequentemente conversávamos e trocávamos impressões sobre nosso ofício. Em 2009 ela manifestou interesse em conhecer uma escola pública brasileira e logo a levei para minha escola, na Zona Norte de São Paulo. Tive o cuidado de, antes de apresentar a ela a sala de aula, levá-la para conhecer os condomínios das comunidades populares “Gato” e “Zaki Narchi” (de onde procedem nossos alunos); o que, naturalmente, causou-lhe notável impacto...

No encontro sobre a II Guerra Mundial, que Josenita organizou para os alunos do Ensino Médio, Ayumi, nascida e educada em Hiroshima, compartilhou suas preocupações sobre a guerra e a bomba, sempre presentes em sua vida escolar. E teve de responder a inúmeras perguntas de nossos jovens sobre os efeitos – que se estendem até hoje – daquela catástrofe.

A pergunta que, em diversas formulações, mais se repetiu foi: se os japoneses carregam ainda ódio dos americanos e como é a convivência dos dois países atualmente. A Josenita alertou a Ayumi para um sentido profundo (e não evidente para quem não é da comunidade) por trás dessa questão que, como se verá, não é meramente escolar ou teórica... E é que, naquela mesma semana, toda a cidade de São Paulo estava em estado de choque com a chacina (mais uma...) de Osasco e Barueri.

Em seu ambiente familiar, esses jovens são confrontados frequentemente com casos de conhecidos, vizinhos, ou até parentes, vítimas da cultura da vingança – assassinatos, chacinas, abusos da polícia, guerras de traficantes. Como bem resumiu a Jô para informar a Ayumi: “Nossos jovens vivem a violência de uma guerra todos os dias!”



Profª. Maria Josenita Viana

Então, Ayumi termina essa aula-diálogo com uma reverência de agradecimento aos jovens dizendo: “Com vocês aprendi algo sobre a busca da paz e vou levar isto para meus alunos no Japão”.



Profª. Ayumi mostrando a arte da caligrafia oriental

Entre tantas outras experiências que publicamos, quero destacar aqui somente mais uma: a das professoras Lis Régia Pontedeiro Oliveira e Mara Lígia Ribeiro Avanzi, sobre as possibilidades de interação entre crianças de idades diferentes na alfabetização e aprendizagem de História. As professoras elaboraram uma dinâmica de pesquisa, ensino e aprendizagem entre alunos de 4º. e 6º. anos, sobre Egito Antigo. Uma experiência que teve especial cuidado para com os alunos do 6º. ano, em transição para o Fundamental II, onde terão vários professores (e não apenas um único) e que é considerada habitualmente uma “série difícil”.

Convidamos o leitor a ler o precioso artigo: “O que as múmias e as cartolinas podem nos ensinar?” (<http://www.hottopos.com/convenit23/61-68LisMara.pdf>).

Em nome de meus colegas da Educação Básica, reitero os agradecimentos ao Cemroc por democratizar esse espaço editorial de excelência e ao Professor Paulo Ferreira da Cunha, por sua intransigente defesa do professor-professor.

## Paulo Ferreira da Cunha: um manifesto pelo sonho

Alexandre Medeiros<sup>30</sup>

### Nota Introdutória

Conheci o Prof. Paulo Ferreira da Cunha somente em 2014. Depois de conhecê-lo, estive com ele em diversos eventos, admirando-o grandemente, pelo ser humano que é e por sua competência e incomparável contribuição acadêmica. Este texto é para expressar um pouco de minha admiração, respeito e gratidão pelo Catedrático da Universidade do Porto, e agora Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal, o educador Paulo Ferreira da Cunha.



O autor e seu orientador, Vítor Chaves de Souza, após defender a tese de doutoramento.

### 1. Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente - Cemoroc/Feusp.

Serei breve. Sinto falta da presença do Prof. Paulo em nossos encontros, seminários, congressos, colóquios e cursos. Como diz o Riobaldo de João Guimarães Rosa, “Em termos, gostava que morasse aqui, ou perto, era uma ajuda [...], de instruir” (ROSA, 1965, p. 22).

Conheci Paulo Ferreira da Cunha em um Seminário do CEMOROC/FEUSP no final de 2014. Naquela ocasião, tinha acabado de ler *Universidade: um manifesto pelo sonho* (CUNHA, 2011), que propositalmente está no título deste texto. Material que mexeu muito com meu conceito de Educação e me deu novo ânimo na ousadia de

---

<sup>30</sup> Doutor em Ciências da Religião pela UMESP. Membro do Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – CEMOROC/FEUSP; Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne – [www.julioverne.com.br](http://www.julioverne.com.br).

ensinar, como diz Lauand e me fez ver a mesma Educação com outro olhar, agora de *Enseñar* (LAUAND, 2011). Na ocasião fui bondosamente convidado para o evento por meu orientador e amigo Jean Lauand, que me deu a oportunidade de conhecer o autor do texto pessoalmente.

Foi um momento especial, Paulo em sua conferência naquela data falava sobre a forma como o modelo universitário atual tem tratado a *pontuação anual* que os docentes devem cumprir com formulários, relatórios e um número cada vez maior de publicações. Na sua fala expressou sua indignação com o fato de muitos docentes escreverem breves artigos no lugar de livros, para *baterem a meta*<sup>31</sup>. Terminou dizendo que via em toda Europa e no Brasil as universidades abandonando a arte do debate filosófico e caminhado para a padronização<sup>32</sup>. Para minha alegria e inspiração, a palestra do Paulo sobre o ensino Universitário foi verdadeiramente *um manifesto pelo sonho* (CUNHA, 2011).

A História de nosso Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – CEMOROC/FEUSP confunde-se, em boa medida, com as contribuições de Paulo Ferreira da Cunha, como seu editor, Diretor e organizador, atualmente está afastado por dever de ofício.

Durante o início dos anos 1990 mudei-me para a Vila Madalena, em São Paulo, bairro próximo à Universidade de São Paulo. Naqueles anos, frequentei por vezes o Senzala na Praça Panamericana e o Bar Ilha na Av. São Gualter. Nem podia imaginar que aqueles dois endereços estavam sendo as salas de reuniões de onde iria surgir o CEMOROC e suas publicações. Partindo de Pieper, a arte da educação é transformar o saber num motivo para a festa (PIEPER, 1974, p. 32-35).

Rubem Alves diz que a Educação tem que ser uma cozinha, tem que deixar os alunos (as) sentirem o cheiro da comida, deixá-los com fome, e por fim chamá-los à mesa para degustarem o saber saboroso (ALVES, 2013). Paulo Ferreira da Cunha e Jean Lauand discutiam educação cercados pelo cheiro de comida, entre uma risada, um chopp, um aperitivo, ideias repletas de sabedoria brotavam no meio do povo. Ao som da música brasileira, da alegria contagiante, surgia um projeto científico que uniria a beleza do cotidiano, a sala de aula, a pesquisa acadêmica, os textos científicos e a amizade. No cotidiano, no meio do samba, no meio do povo, nascia o CEMOROC/FEUSP.

Afinal, como diz Freire, educação é uma especificidade humana. Freire enfatiza que educação é trabalho realizado com *gente*, gente miúda, jovem, ou adulta, *gente* em permanente processo de busca, ou seja, educação é humana porque lida com *gente*, lida com sonhos, desejos, frustrações, intenções, esperança. Educação lida com *gente* curiosa, inteligente, inconclusa e inacabada, lida com *gente* (FREIRE, 2017, p. 140-142).

E lá se vão mais de 23 anos de publicações científicas do CEMOROC, com a parceria Universidade de São Paulo – Jean Lauand & Universidade do Porto/Portugal – Paulo Ferreira da Cunha. Como escreve Lauand,

Em 1997, lançamos nossa primeira revista, *Mirandum* (21 Nos.) [...] São revistas de humanidades, multidisciplinares, com ênfase em educação, filosofia, estudos orientais, Idade Média e linguagem [...]

---

<sup>31</sup> Paulo Ferreira da Cunha escreveu: “quando mais vale a papelada que a sala de aula, como pode haver pedagogia?” (CUNHA, 2011, p. 22).

<sup>32</sup> “A escola era, antigamente, risonha e franca, agora é carrancuda e hipócrita” (CUNHA, 2011, p. 19).

Estimo que assinaram artigos mais de 600 autores e publicamos em 12 línguas: português, espanhol, inglês, francês, italiano, catalão, alemão, chinês, árabe, latim, coreano e japonês. Desde o começo, trabalhamos em parceria com prestigiosas universidades estrangeiras, em coedições com a Univ. do Porto<sup>33</sup> e a Univ. Autônoma de Barcelona (nossas parceiras ainda hoje); e com as universidades: Autônoma de Madrid, Freiburg, Frankfurt, Católica de Murcia, Instituto de Filosofia de Cuba, Vilnius (Lituânia) etc...(LAUAND, 2012).

Mas este projeto não para de crescer. Aquele sonho de uma educação diferente, de uma pesquisa robusta, transpôs os muros da Universidade e chegou até as salas de aula da educação básica. Em 2018 foi oficialmente lançada a *Convenit Internacional – coepta 1* – também pela Universidade de São Paulo & Universidade do Porto. Uma revista científica que inclui pesquisas de alunos do Ensino Médio de Escolas Públicas e Privadas de todo o Brasil. Para o lançamento tivemos a presença ilustre do editor chefe, Prof. Paulo Ferreira da Cunha, e – como alguns de nossos alunos tiveram artigos aprovados –, tive a honra de integrar a mesa naquela cerimônia.



O autor (1º. à esquerda); na mesa: os *editors* de *Coepta*: PFC, Jean Lauand e Sílvia Colello

Na verdade naquele ano de 2018 com o nascimento da *Coepta 1* o texto de Paulo Ferreira da Cunha *Universidade: um manifesto pelo sonho* (CUNHA, 2011) ganhou uma “materialização”. Em 2019 fui nomeado membro pesquisador desse importante Centro de Estudos e Pesquisa, que um dia Jean Lauand e Paulo Ferreira da Cunha sonharam. Tenho levado, desde 2014, os estudos deste Centro para professores e alunos da Educação Básica. Desde 2018 este Centro vem possibilitando que alunos (as) do Ensino Médio<sup>34</sup> se juntem ao CEMOROC/FEUSP na pesquisa e nas publicações científicas. O sonho virou realidade.

<sup>33</sup> Grifo Meu.

<sup>34</sup> Centro de Estudos Júlio Verne – [www.julioverne.com.br](http://www.julioverne.com.br)

## Palavras Finais

Como escreveu Paulo Ferreira da Cunha, “o principal é o sonho, porque pelo sonho é que vamos. Pelo sonho é que para aqui viemos” (CUNHA, 2011, p. 17). Paulo amigo, obrigado por sonhar o CEMOROC, obrigado por sonhar o nosso sonho, obrigado por estes longos anos de parceria e contribuições para a Educação.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *Lições do Velho Professor*, São Paulo/SP: Ed. Papirus, 2013

CUNHA, Paulo Ferreira Da. *Universidade: Um Manifesto pelo Sonho*. In: LAUAND, Jean (org.). *Filosofia e Educação: Universidade*, São Paulo/SP: Fatasha/CEMOROC, 2011

COEPTA 1, <https://www.luterano.com.br/jovens-autores-luterano-edita-com-a-usp-revistas-de-pesquisa/> - 2018

LAUAND, Jean (org.). *Filosofia e Educação: Universidade*, São Paulo/SP: Fatasha/CEMOROC, 2011

LAUAND, Jean. *Esboço de um “Memorial” institucional de hottopos.com*. International Studies on Law and Education 13/14 jan-ago 2013 CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto Revistas do Cemoroc: Ano 15, No. 200, São Paulo: 2012

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Rio de Janeiro & São Paulo: Paz e Terra, 2017

PIEPER, Josef. *Una Teoria de la Fiesta*. Madrid: Ediciones Rialp, 1974

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro/RJ: José Olympio, 1965

## Paulo Ferreira da Cunha no Colégio Luterano São Paulo

Enio Starosky<sup>35</sup>

Enquanto escrevo estas linhas, ainda estamos bem longe do final do ano 2020 e o mundo atravessa a pandemia da Covid-19. Algumas emissoras de TV, como não podem fazer novas gravações por causa do isolamento social, oferecem retrospectivas, oferecendo programas que já foram ao ar. Até os torcedores estão revendo partidas antigas dos seus times do coração. E está valendo a pena olhar para o passado, porque, como se diz, “*recordar é viver*”.

O que passo a relatar a seguir, em homenagem ao Professor Paulo Ferreira da Cunha, também é um olhar em retrospectiva para a história do Colégio Luterano São Paulo. Esta instituição de ensino, que tenho a alegria de dirigir, com 87 anos de atividades educacionais na capital paulista, contou com a honra da luminosa presença de nosso ilustre homenageado.



O autor em sua conferência sobre Josef Pieper e C. S. Lewis – XVI Seminário Cemoroc (2015)

Nos últimos anos tenho tido o privilégio de ouvir o professor Paulo e de dialogar com ele, desde 2016, em diversos Seminários promovidos pelo Cemoroc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Sua agudeza e realismo em diagnosticar os grandes problemas educacionais da atualidade e em oferecer caminhos de superação para os grandes desafios pedagógicos de nosso tempo são admiráveis.

Um exemplo disto foi sua incondicional dedicação ao *Projeto de Incentivo à Pesquisa no Ensino Médio*. Esse Projeto, nascido nessas reuniões do Cemoroc, surgiu com uma ideia autenticamente inovadora: a série *Coepta*, como extensão de revistas

---

<sup>35</sup>. Diretor do Colégio Luterano São Paulo. Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Umesp.

acadêmicas internacionais do Centro, acolhendo também artigos de jovens pesquisadores do final do Ensino Médio! Tenho a honra de ser um dos editores e nosso presidente, Jean Lauand, e Paulo Ferreira da Cunha estão entre os *Editors-in-chief*.

Como sempre, as ideias surgidas no Cemoroc não tardam em se tornar realidade. O acolhimento do *Projeto de Incentivo à Pesquisa no Ensino Médio* e o lançamento das primeiras revistas *Coepta* ocorreu a 26 de novembro de 2018, em sessão solene no Colégio Luterano, na presença dos jovens autores, seus pais e familiares, orientadores e professores, também estes extraordinariamente motivados, vendo publicadas as pesquisas de seus alunos, após meses de trabalho de acompanhamento. De fato, como destacou a imprensa, o evento foi um marco de inovação na forma de incentivar estudantes do ensino Médio aos estudos e à pesquisa, um dos eixos da BNCC (Base Nacional Comum Curricular).



Lançamento das Revistas *Coepta* no Colégio Luterano – 26.11.18. PFC é o primeiro na mesa

Algumas Secretarias de Educação elogiaram o Projeto e entre outros órgãos de imprensa, o prestigioso *Jornal da USP* celebrou em longa matéria a publicação das revistas: <https://jornal.usp.br/cultura/projeto-usp-incentiva-iniciacao-cientifica-no-ensino-medio/>



Revistas *Coepta* 1 e 2

Já chegando ao seu 5º volume em 2020, as revistas reúnem ensaios de especialistas, textos clássicos e artigos de jovens autores, alunos de colégios de São Paulo. A proximidade entre estabelecimentos de ensino médio e um Centro de

Estudos, como o Cemoroc, é um projeto pioneiro e inédito em nosso meio. Estamos valorizando não só a prática de fazer a pesquisa, mas também a forma de apresentá-la. Os trabalhos passam por uma avaliação criteriosa, tanto na escola quanto na revista, por meio de sua Comissão Editorial. Estão relacionados, preferencialmente, ao curso que os alunos pensam fazer no ensino superior e seguem as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

Como dizíamos, no dia 26 de novembro de 2018, no Colégio Luterano São Paulo, com casa lotada e presidida pelo Prof. Paulo Ferreira da Cunha, realizou-se a sessão de lançamento das *Coepta*.

O discurso do Doutor Ferreira da Cunha na ocasião – “Expedição a Oz – Subsídios para um pequeno guia acadêmico” – foi uma marcante mensagem para os jovens pesquisadores ali presentes. (<http://www.hottopos.com/convenit30/07-16PFC.pdf>).



PFC e o autor no XVII Seminário Cemoroc (2016)

No ano seguinte, impedido de comparecer pessoalmente – como Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça – enviou-nos uma preciosa mensagem “Pesquisa: uma alegria para sempre”, que foi lida na sessão solene de lançamento das *Coepta* 3 e 4, no Colégio Luterano, em 2 de dezembro de 2019.

Destaco seu primeiro parágrafo:

Encontramo-nos no Colégio Luterano São Paulo, um dos pilares dessa magnífica obra que está a se colocar aos estudantes pré-universitários (de vários níveis até) estimulando-os a fazer pesquisa, que tem sido uma das principais tarefas dos universitários. E de que resultaram, para já, os dois magníficos volumes da série *Coepta*... ([http://www.hottopos.com/isle34\\_35/15-16PFC.pdf](http://www.hottopos.com/isle34_35/15-16PFC.pdf))

Sempre positivo em sua visão de mundo, Paulo Ferreira da Cunha fala-nos do fascínio que a pesquisa exerce (deve exercer...) para quem está dotado dessa vocação, despertando em muitos jovens (e reacendendo em estudiosos mais experientes) a paixão própria do pesquisador:

Umberto Eco disse que “*o Céu será um lugar de pesquisa...*”. Pode ser que não seja apenas uma Biblioteca, como alguns sugerem, porque a Casa do Pai tem muitas moradas, como dizia Teresa de Ávila, no seu

livro de instrução às suas freiras. Mas certamente uma das Moradas é uma grande Biblioteca e outra um enorme Laboratório, numa ala de pesquisa, que não será das menores, quero crer... Pesquisa é uma alegria para sempre!

Cumprimentamos, também por isso, o Professor Paulo Ferreira da Cunha, com um maiúsculo “OBRIGADO”, naquele sentido mais profundo que aprendemos do Prof. Jean Lauand. Obrigado por trazer aos lançamentos das *Coepta*, que já anunciavam o tempo natalino, um brilho maior de esperança e alento! Obrigado pelas muitas e valiosíssimas indicações para nossos estudantes! Obrigado por incentivá-los para a pesquisa e para o gosto pelos estudos! Obrigado por despertar neles o espírito crítico, apresentando-lhes a realidade como ela é, lembrando-lhes uma das regras de ouro mais importantes: “*Sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas*” (Mateus 10.16). E Obrigado também por lembrar a todos nós, educadores, que estudantes não nascem ensinados, por nos alertar e não nos deixar esquecer que a Educação sempre será uma vocação e uma arte!



Os jovens autores no lançamento das *Coepta*

Não há dúvida de que, para o Colégio Luterano, sempre teremos um importante marco em nosso passado, sobretudo por essa importante página de sua história, mais precisamente o dia 26 de novembro de 2018, carregará a lembrança da luminosa presença do Professor Ferreira da Cunha.

C. S. Lewis escreveu que “*não existem pessoas comuns. Todas são imortais*” (*There are no ordinary people, 1949*). Acho que ele tinha razão. Mas, se porventura houver “graus de imortalidade”, certamente a honra de estar em grau mais alto pertencerá ao nosso homenageado. E para o Luterano – cuja filosofia educacional, em muitos aspectos, nutre uma feliz aproximação e convergência de pensamento – rever, olhar em retrospectiva nossa história, significará recolocar no ar um capítulo gravado com intensa e festiva celebração. Portanto, ao Professor Paulo, todos os melhores votos de toda a comunidade escolar do Colégio Luterano São Paulo!

São Paulo, 10 de junho de 2020.